

# KZAR ALEXANDER, O LOUCO DE PELOTAS

LOURENÇO CAZARRÉ



Personalidades marginais, que dão trabalho aos outros, *ex-cêntricas* — no dizer de Linda Hutcheon —, primeiramente vítimas de si mesmas e, depois, da sociedade que não os entende, constituem matéria-prima de extensa literatura. Em nosso País temos um predecessor ilustre em Simão Bacamarte, o visionário da Casa Verde. Tais criaturas, cada qual a seu modo, não percebem qualquer dicotomia entre o real e o imaginário e, em seus pequenos mundos, vivem façanhas épicas e utopias que só eles alcançam materializar.

Kzar Alexander Aurelianovitch Sampaio de Cazeneuve e Honorato-Guimarães, uma de suas identidades, personagem central desta novela de Lourenço Cazarré é desses tipos. Seu espaço existencial é uma cidade ao sul do Brasil, repleta de tradições culturais; ao mesmo tempo em que essa circunstância dignifica o Kzar e o faz herdeiro de todo esse passado, é uma superestrutura da qual ele não pode escapar e com a qual estabelece um tensionante contraponto. Isso tem o poder de acirrar sua via de escape para universos em que ele é soberano e senhor, alimentando o círculo infernal do qual não consegue — nem quer — sair.

Escrita em capítulos breves e com uma linguagem simples, com alguns laivos eruditos — a personagem é responsável por isso —, temos aqui uma narrativa que flui com segurança da primeira à última página, mantendo-se fiel a si mesma e a quem a inspirou.

No fim da história, ao lado da intensa solidariedade que desperta pelo Kzar, temos certeza de que lemos uma obra escrita com

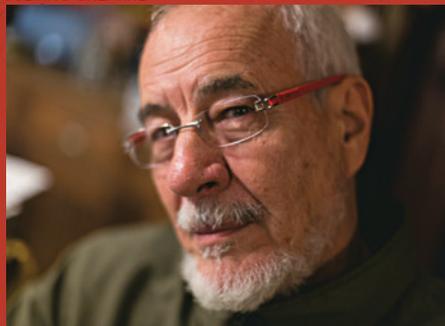
paixão, mas a que não falta a experiência necessária para transformá-la em superior literatura.

Como nenhuma obra de arte autêntica vive de si mesma e, ao contrário, dialoga com seu tempo, podemos enxergar, aqui, uma denúncia do quanto pode ser perverso o poder repressor sobre as pessoas tachadas de *diferentes*, às quais são negados os direitos à livre expressão, à dignidade e, em casos perigosamente atuais, até à vida. É uma denúncia e um chamamento. É uma reflexão sobre um caso individual, mas também é uma metáfora de nosso tempo.

Os leitores comprovarão.

*Luiz Antonio de Assis Brasil*

JULIANO CAZARRÉ



**Lourenço Cazarré** (Pelotas-RS, 1953), jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas, reside em Brasília desde 1977. Autor de coletâneas de contos, novelas juvenis, peças de teatro e romances, recebeu prêmios literários importantes, como o Nestlé, nas categorias romance (1982) e contos (1984). Um de seus livros para jovens, *Nadando contra a morte* (Formato, 1998), foi finalista do Jabuti. *Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar* (Saraiva, 2011) e *Os filhos do deserto combatem na solidão* (Cepe, 2017) estão entre suas publicações mais recentes.

**KZAR ALEXANDER,  
O LOUCO DE PELOTAS**  
LOURENÇO CAZARRÉ

**CIDA BORGHETTI**  
GOVERNADORA DO ESTADO DO PARANÁ

**JOÃO LUIZ FIANI**  
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

**JADER ALVES**  
DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

**ROGÉRIO PEREIRA**  
DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

COORDENADOR DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2018  
**OMAR GODOY**

NÚCLEO DE EDIÇÕES DA SEEC  
**LUIZ REBINSKI**  
**MARCIO RENATO DOS SANTOS**  
**OMAR GODOY**

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2018

PRÊMIO MANOEL CARLOS KARAM | ROMANCE  
**CÁROLA SAAVEDRA**  
**LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL**  
**OSCAR NAKASATO**

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS  
**CHRISTIAN SCHWARTZ**

ILUSTRAÇÃO DA CAPA  
**ANDRÉ DUCCI**

PROJETO GRÁFICO E DESIGN  
**THAPCOM.COM**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

---

Cazarré, Lourenço, 1953-  
Kzar Alexander, o louco de Pelotas / Lourenço Cazarré –  
Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2018.  
344 p. ; 21 x 14 cm. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2018 – Prêmio  
Manoel Carlos Karam – Categoria romance”  
ISBN: 978-85-66382-37-2

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)  
B869.3

---

**KZAR ALEXANDER,  
O LOUCO DE PELOTAS**  
LOURENÇO CAZARRÉ

Biblioteca  
**Parana** 



## ABERTURA

Outros homens, habitantes de outras terras e falantes de outras línguas, em épocas remotas ou recentes, também estiveram perdidos no labirinto de douradas espigas daquele trigal e foram açoitados pelos mesmos corvos, mas conseguiram, como eu, retornar a este vale de lágrimas.

Quase escrevi que retornaram sãos e salvos. Mas não, eles não voltaram sãos nem salvos. Voltaram em frangalhos, que é o estado em que me encontro até hoje. Não foram muitos, porém, os que retornaram. A maioria fica por lá, debatendo-se no mar amarelo sob as implacáveis bicadas dos pássaros negros.

O que me diferencia desses gatos pingados que voltaram é que aqui estou para contar. E tenho o que contar e sei como, imagino.

Feito esse registro indispensável, começemos.



## **MAS SÃO TANTAS PÁGINAS!**

— E por esse motivo é que estou aqui.

— Bem, ontem, ao final do telefonema, quando o senhor me avisou que viria hoje, eu me lembrei das minhas anotações! Aqui estão.

— Anotações?

— Registrei por escrito tudo o que se passou na minha mente nesses últimos três meses. O senhor não gostaria de levar essas folhas consigo?

— Não, não. Certamente elas são um documento...

— O senhor poderá lê-las com calma. Depois, voltamos a falar.

— Não! No máximo eu tiraria uma cópia.

— Esteja à vontade.

— Pensando bem, prefiro que o senhor leia pra mim.

— Mas são tantas páginas!

— O doutor Rui disse que eu não me apressasse. Ele me disse: “Terás todo o tempo que necessitares pra cuidar do caso do César”. Então é isso. Mas me diga, professor, essas suas anotações não renderiam um livro?

— Não! No máximo formariam o retrato de um homem aturdido.

— Interessante. Mas é muita folha mesmo!

— Escrevi furiosamente durante todos aqueles dias terríveis.

— Fiquei contente quando o doutor Rui Enderle me encarregou do seu caso. Parece que ele foi seu colega no curso primário no Assumpção. É isso?

— Lembro dele. Um magricelo que morava na Barroso. O pai dele tinha uma metalúrgica. Ele não calava a boca por nada. Ainda fala sem parar?

— O pessoal da delegacia diz que ele fala tanto que não lhe sobra tempo pra pensar.

— Às vezes ele me pedia chebra da merenda. Era um esganado.

— Ele admira muito o seu trabalho, mesmo que à distância. Mora em Rio Grande há mais de trinta anos. Ele me disse que o senhor só escreve livros de contos. É verdade?

— Sim. Foram seis livros em trinta anos. Um número mais do que suficiente para eu saber que ninguém lê contos. Assim, se fosse publicar essa maçaroca, eu daria a ela a aparência de um romance.

— O doutor Rui comentou comigo que o senhor deveria escrever um romance sobre a sua própria família. Parece que o senhor tem parentes entre os fundadores de Pelotas...

— Se gostasse de romances, se acreditasse na existência deles, eu escreveria uma saga familiar, sim, mas não a minha! Porém não posso, por idiossincrasias pessoais. Romances são invenções perniciosas. O que existe unicamente é o conto. Sou apaixonado pela carpintaria literária, mas só trabalho com fragmentos. E cada um desses fragmentos tem um narrador diverso. No mistério dos muitos narradores está o cerne da minha obra, sua peculiaridade.

— Desculpe se o deixei nervoso... Mas essas suas anotações, como o senhor teve a ideia?

— Foi um antigo colega meu de ginásio que me incentivou a... Comecei as anotações justamente depois da conversa que tive com ele. Posso ler?

— Claro!

## **CAPÍTULO NO QUAL SURGE UM MÉDICO QUE, NO FRIGIR DOS OVOS, ERA O TURCO HADDAD**

Quando acordei, em um lugar desconhecido, um homem caminhava no espaço entre minha cama e a parede.

— Estás lembrado de mim?

Eu o conhecia, sim, sem dúvida, de algum lugar, mas naquele momento não sabia quem ele era. Também não sabia quem eu próprio era. Aliás, não tinha nem a mais remota ideia de quem eu pudesse verdadeiramente ter sido. Não respondi.

— Fomos colegas durante todo o ginásio no Gonzaga — respondeu ele próprio. — Tu eras o melhor em Português, Geografia e História. Eu, pelo meu lado, era bamba em Ciências e Matemática, mas também arrebetava em Religião e Organização Social, Política e Econômica do Brasil. Quatro disciplinas contra três! Por isso fui sempre o primeiro da turma durante aqueles quatro anos. Eras sempre o segundo. Lembras?

— Não entendo o que senhor diz. Compreendo suas palavras uma a uma, isoladamente, mas não percebo o sentido geral. O senhor é tcheco ou eslovaco?

— Uma boneca decapitada. As pessoas chegam aqui como bonecas que tiveram as cabeças arrancadas por suas pequenas e despóticas proprietárias. Por que as meninas más degolam suas bonequinhas? Ora,

para ver o que elas têm dentro da cabeça. Mas só encontram um oco. Vocês todos chegam aqui sem nada na cachola.

— Quem seria o senhor?

O homem, que possuía uma cintilante careca bronzeada e um rosto azulado por uma barba cerrada, mas bem escanhoadada, deixou escapar um rápido esgar de sorriso.

— Sérgio Aldado Haddad. Lembras de mim?

— Não.

— Dirijo este Sanatório.

— O senhor seria um alienista?

— Sim.

De estatura média, o mouro psiquiatra era, como dizem as pessoas vulgares, um touro. A cabeçorra assentava-se diretamente a meio caminho entre ombros possantes. O peito era largo e os braços lembravam toras de madeira recobertas por marandovás. No tronco, exibia um ventre protuberante, abaulado, talvez esculpido em maçaranduba.

Percebia-se logo que ele gostava de falar. Apreciava o timbre da própria voz, forte e belo como o som que mora nos campanários das cidadezinhas bucólicas.

— Vocês chegam aqui sem estofo, desfibrados. Um choque muito forte faz com que o ser humano perca o recheio. Em geral, é verdade, o recheio não passa de vento. Muitas pessoas são como essas boias de plástico que as crianças usam nos braços. Furam, desinflam e ficam imprestáveis. Tu, porém, és bem estofado. Eras, digamos, um sofá aconchegante que caiu do caminhão que conduzia a mudança. Ficaste empenado, mas em breve te recuperarás.

— Sou sem dúvida um objeto inanimado — respondi. — Mas o mais provável é que eu seja uma estante lotada de livros.

— Parabéns! Isso mesmo! Teu estofo é de celulose. Daí vem a tua densidade. Livros pesam tanto quanto madeira. Tu és um intelectual, tens café no bule. Tives-te pai magistrado e teus avôs e bisavôs foram generais, fazendeiros e industriais. Já os homens que passam os dias pensando em como ganhar o pão são canecas vazias. No entanto, eles têm uma grande vantagem: raramente se desnorteiam.

O alienista caminhava de um lado a outro, jogando o tronco para trás a fim de soerguer a pança.

— Vais te recuperar logo. Pessoas inteligentes saem rapidamente do buraco. Os estúpidos, não. E estúpidos são os que mais me chegam às mãos. Terás liberdade total aqui. Poderás dar até aulas, se quiseres. Mandarei que coloquem uns doidinhos à tua disposição. Destinarei uma sala para as tuas aulas. Raramente temos professores universitários por aqui. Poderás proferir palestras, se quiseres. Ou ministrar cursos, oficinas. Temos muitos pacientes ociosos. Há muita gente interessante entre essas paredes...

Num gesto teatral, executado lentamente para que eu o percebesse, o médico levou à testa o indicador e se pôs a girá-lo. Ao mesmo tempo, seu rosto se abria num sorriso de quem estava recebendo a visita de uma boa lembrança.

— Ah, o interessante é que tempos atrás li um artigo teu no *Correio*!

— *Correio*?

— *Correio Popular*.

— Sim, claro! — respondi, embora naquele momento não me lembrasse de nenhum jornal com esse nome. — De que tratava o texto?

— Tu analisavas dois contos de Machado de Assis: “Missa do Galo” e “Uns braços”.

Uma tênue fagulha flamejou no meu nublado cérebro.

— Algo a ver com pedofilia — palpitei.

— Exato! Parece que são contos que falam de mulheres maduras que sentem interesse carnal por garotos. Escreveste que os dois eram um mesmo conto. Afirmaste que “Missa do Galo”, publicado em 1880, era o aperfeiçoamento de “Uns braços”, escrito dez anos antes.

O fato de aquele homem estar discorrendo sobre uma resenha que eu escrevera, mas da qual só me recordava muito vagamente, me pôs inquieto. Seria eu um crítico literário?

Num arranco brusco, como se acionado por uma mola, eu me pus de pé e inesperadas palavras saltaram de minha garganta.

— Fui resgatado por um senhor português de quase noventa anos, chamado Madureira, Nuno Vasco Perdizes Madureira. Se não fosse ele, juro, nesta hora eu estaria morto.

— Calma, senta! — o doutor empurrou-me, suavemente, de volta à cama. — Se preferires o recolhimento, tudo bem. Este quatinho acolhedor será só teu pelo tempo necessário... Tua presença nos deixa honrados, mas estou certo de que brevemente sairás daqui marchando com tuas próprias pernas. A doutora Adriana vai cuidar de ti. É jovem, simpática e inteligente...

Imagina que tu és um livro. Tu te abrirás ao meio e te deixarás ler. A doutora Adriana saberá desvendar o que está escrito nas tuas cicatrizes.

— Quando estarei recuperado?

— A doutora Adriana saberá te ajudar melhor do que eu. Sou um cara da tua idade. Não confiarias em mim. Irias te lembrar o tempo inteiro daquele garoto gorducho que era teu colega de escola, e que te derrotava mês sobre mês. Por isso, generosamente, eu estou te indicando outro profissional. Melhor ainda, uma psiquiatra bela e talentosa.

Piscou o olho lúbrico e me estendeu a mão.

Tive que fazer um enorme esforço para levar minha mão até a dele.

— Antônio — eu disse. — Talvez esse seja o meu nome.

— Não, esse não é o teu nome. Tenta lembrar. Começa com a letra C. Tu tens um elegante nome composto e quatro sobrenomes fortes... Já eu sou um homem do povo. Lembras como me chamavam no colégio? Turco Haddad, a Nulidade. Eu não era turco e não era uma nulidade. Meus avós sírios, todos os quatro, chegaram ao Brasil com passaportes do Império Otomano. Olha só a ironia. Os árabes odiavam os otomanos, mas aqui as pessoas os chamavam de turcos. Gosto desse paradoxo. Gosto de jogos intelectuais. Aliás, há anos acompanho com prazer o teu trabalho literário. Li alguns dos teus contos...

— Contos também?

— Fui a dois lançamentos teus. O primeiro foi na Biblioteca Pública, em 1983, ano em que nasceu meu primeiro filho. Não lembras?

— Desculpe.

— Gosto dos teus narradores — sorriu, brincalhão e cúmplice. — Se fosse um psiquiatra que não retira o jaleco nunca, eu diria que és um esquizofrênico.

Pensei em me levantar, mas não tive forças. Sentia-me prestes a desmaiar, nauseado.

— Atenção! O controle remoto está agora nas mãos do Turco Haddad, a Nulidade. Mas tu sabes escrever. Escreve! Escrever será como cravar os pregos na tampa do caixão da loucura.

## DIAPASÃO GOGOLIANO

— Então foi assim que a coisa começou?

— Sim. No meu quarto, havia uma mesinha. Sobre ela, papéis e uma caneta. Sentei e reproduzi minha conversa com o médico. E depois deslanchei a escrever.

— Contos?

— Não. Fui tomado pela ideia de criar uma oficina literária ali mesmo no Sanatório. O doutor havia insinuado essa hipótese. Comecei a esboçar essa tal oficina, mas de um modo meio caótico, em diapasão gogoliano...

— O quê?

— Ao modo de Gogol. Depois explico. Comecei por dar vazão a um fluxo de consciência de um orientador literário desorientado, que teria como auxiliares três escritores russos, falecidos.

— Espíritos?

— Em meio a esse fluxo inaugural me vieram, com precisão espantosa, fragmentos de narrativas curtas de Gogol, Tolstói e Tchecov. Intercalei-os.

— Interessante. Minha esposa só lê livros psicografados. Mas a história tem que ser de amor.

— De certa forma, tudo o que escrevi se refere, direta ou indiretamente, a uma história de amor, delegado. Uma história de amor entre um homem e uma mulher, sim, como muitas outras, mas sendo os personagens de idades distintas e extrações culturais diferentes.

— Mas a história acaba bem?

— Posso ler mais um trequinho?



# CAPÍTULO INICIAL

Começa aqui a aula sem fim do Ateliê Livre de Iniciação Literária Embaixador Machado de Assis, obviamente sem prazo para encerramento, a ser ministrada pelo senhor professor doutor César Alexandre Sampaio de Cazeneuve e Honorato-Guimarães, conhecido escritor de histórias curtas e pedagogo de escol, no âmbito modesto do nosso município, sob inspiração dos seus mentores espirituais: o senhor doutor Anton Tchecov, o senhor conde Leão e aquele maluco narigudo chamado Gogol.

*E mais tarde, muitas vezes em sua vida, Acáqui estremeceria ao perceber o quanto há de desumano no ser humano, quanta grosseria feroz existe às escondidas num ambiente culto, requintado e, meu Deus!, até naquelas pessoas que a sociedade reconhece como nobres e honradas.*

A referida aula (na verdade, um curso intensivo) terá, em tese, como objetivo, na sua parte teórica, apresentar aos alunos participantes os mais significativos fragmentos da literatura mundial (contos) de modo que componham (os referidos fragmentos) um vasto painel da e(in)volução da escrita em todas as terras e tempos.

*Janeiro do mesmo ano, que veio depois de fevereiro.*

*Até hoje não consigo entender que espécie de país é a Espanha... Hoje me raspam a cabeça, embora eu gritasse com todas as forças que não queria ser monge.*

Revolucionária, essa iniciativa pedagógico-artística que capitaneamos possibilitará (quem sabe?) a confecção, em sala de aula, pelos alunos, de um volume narrativo que, quase certamente, virá a ser uma fulgurante obra-prima literária que, num futuro não afasta-

do, causará furor de fruição gozosa em dimensão planetária. Entre os espíritos esclarecidos, claro.

Participarão do mencionado curso os mais diversos e vários narradores, fictícios ou não, concupiscentes ou castos, jovens ou idosos, machos ou fêmeas, praticantes das mais diferentes profissões, escolhidos entre os que aqui se encontram.

Daremos a essas pessoas, esperamos nós, a oportunidade ímpar de se tornarem os laboriosos artesãos literários dos quais tanto necessita esta sofisticada e culta cidade.

O facilitador dessa aula magna, o mestre no dizer arcaico, serei eu, o já mencionado nobre senhor Czar Alexander, reputado criador de textos breves, que, ao longo dos últimos três decênios, dei a lume (luminoso arcaísmo) cerca de sessenta narrativas curtas, enfeitadas em cinco coletâneas publicadas por três humílimas (mas conceituadas) editoras desta urbe.

— *Foi o senhor que se dignou a perder seu nariz?*

— *Eu mesmo.*

— *Ele foi encontrado... Foi apanhado quando já estava quase tomando a diligência para Riga.*

O fato mais extraordinário do nosso curso-licção será, sem dúvida, a presença, não física, impalpável, como professores auxiliares, de três cidadãos reconhecidos mundialmente na cena literária: Anton Pavlovitch Tchecov, Liev ou Lev ou Leão Nicolaiévitch Tolstói e Nicolau Vassiliévitch Gogol. *Ipsis verbis. Per saecula saeculorum.*

# PRIMEIRO CAPÍTULO DE VERDADE

O capítulo anterior terminou com um anúncio surpreendente e espantoso: far-se-á presente em nossa Oficina de Iniciação Literária Comendador Assis de Machado, entre outros inspirados escritores, o maior contista de todos os tempos e um dos mais aclamados dramaturgos (autor de quatro ou cinco obras-primas): Anton Doutor Tchecov. Oh, que surpresa!

*E somente agora, quando sua cabeça já estava grisalha, Gurov amava de verdade e como se devia, pela primeira vez na vida.*

*Ana Siergueiévna e ele amavam-se como gente próxima e querida, como marido e mulher, como dois ternos amigos. Parecia-lhe que o próprio fado destinara-os um ao outro e era incompreensível por que ele estava casado e ela também. Lembravam dois pássaros de arribação, macho e fêmea, caçados e obrigados a viver em gaiolas separadas.*

Para o perfeito desenvolvimento dessa única aula, por isso não intitulada inaugural, o maestro e seus orientadores espirituais recorrerão ao estilo folhetinesco, com capítulos curtos e abruptos, arrematados sempre por um anzol, que fisgará o capítulo seguinte.

*— Dizem que estou doente, Mikhail Averianitch, só porque, em vinte anos, em toda esta cidade encontrei só um homem inteligente, mas que, por infelicidade, é louco.*

Há cerca de dez ou vinte anos, eu, o senhor professor doutor Czar Alexander Cazeneuve de Sampaio e Honorato-Guimarães, venho percebendo a presença durante as sessões de escritura, em minha mesa de tra-

balho, no seio de meu apartamento, de número 1.007, no edifício *Sonata a Kreutzer*, sito à Praça Coronel Pedro Osório, Número 18, Centro da cidade de Atenas do Sul, Paralelo 31, World, da alma ou espírito de grandes ficcionistas russos, fenômeno esse que muito me tem ajudado na elaboração de textos curtos que divulgo com desencanto e cepticismo.

Desencanto e cepticismo porque não espero a aprovação, admiração ou mesmo a rasteira cumplicidade do povo, que às vezes me parece ignaro e ignavo, desta cidade.

— *Uma vez que existem prisões e manicômios é imperioso que alguém seja trancafiado neles.*

Meus textos são aparentemente singelos, mas a verdade é que têm como meta subterrânea fazer ruir os alicerces da vida literária mundial, hoje maculada por uma excessiva vocação comercial e por um exibicionismo lamentável.

Disse-me recentemente o espírito do senhor Leão Tolstói:

— *Escreva, Alexander Aurelianovitch, escreva sem medo. A coragem intelectual é o que há de mais valioso em ti, embora sejas homem de saúde frágil. Saúde mental, por suposto. Tu és um homem perfeitamente puro, bem próximo do ser ideal com o qual sonhei por dilatado espaço de tempo. Agora que foste abandonado por tua mulher, pérfida como todas as demais, terás tempo para sacrificar-te na sagrada ara das letras. Começa, pois, pela leitura e fruição do meu *Sonata a Kreutzer*.*

Mesmo concordando com mestre Leão, não creio que devamos silenciar as mulheres. Seres inferiores

também têm direito a expressar-se, embora elas se limitem, quase sempre, a estender diante de nós nada mais do que míseros cenários de inférteis paisagens interiores.

Foi o que eu, *doctore docto*, descobri e mandei publicar na Gráfica Oficial do Fórum desta cidade de Pelotas, no distante ano de 1966, das páginas 14 a 788.



# HISTÓRIAS, SEI LÁ, COM GENTE NORMAL

— *Complicadinho, hein?*

— *Não, não. Simples. Um enlouquecido professor de literatura esboça o roteiro de uma aula interminável que pretende ministrar, auxiliado por três escritores russos mortos. Nada demais para os confusos dias de hoje.*

— *Mas é difícil de entender!*

— *A verdade é que só um texto conturbado como este pode dar uma noção aproximada do quão fundo era o abismo no qual eu havia caído.*

— *Gosto mesmo é de histórias, sei lá, com gente normal, baseadas em fatos verdadeiros.*

— *Posso?*



# **OBRA NÚMERO 1 (COMPÊNDIO DE ATOS INSIGNIFICANTES)**

Nossos gestos seguem a marcação feita por um coreógrafo despótico, ao qual obedecemos cegamente.

Pego a escada rolante.

Nossa vida é uma peça de teatro. Uma peça medíocre e tediosa.

Quando me aproximo da esteira de bagagens, ergo a cabeça e volto os olhos para o saguão do aeroporto.

Lá está ele, mais alto do que todos que o cercam, a cabeleira grisalha se destacando acima de todas as cabeças.

Penso que impulsionado por um reflexo ele vai erguer o braço e que acenará para mim, mas a verdade me chega de imediato. Ele é incapaz de gestos espontâneos. Não é um homem frio, não. É apenas comedido, discreto.

De repente, uma ideia maluca. Ele está ali não para me receber, não. Veio para ser visto e admirado.

Não posso ver-lhe o rosto, mas imagino que exiba o sorriso desatento de alguém que reencontra uma pessoa querida que viaja frequentemente.

Sem permitir que um só traço do meu rosto se altere, baixo ligeiramente a cabeça em resposta.

Na verdade, nenhum dos nossos gestos significa coisa alguma.

Volto os olhos para a esteira.

A maioria das malas é escura, azuis e pretas. As poucas bagagens de cores berrantes são as mochilas de jovens. Percebo as malas mais caras e, pelo canto do olho, observo as pessoas que as retiram. Gente mal vestida não possui malas como as minhas.

Empurrando o carrinho, dirijo-me à saída.

Quando vê que me aproximo da porta, ele se adianta uns passos. Exibe então um sorriso amoroso. Está em cena. É o marido gentil que recebe carinhosamente a esposa que retorna de uma viagem demorada.

É um homem muito alto, de bela cabeleira encaracolada e rosto bronzeado, que se veste com sóbria elegância. Sabe que está sendo observado. As mulheres querem ver quem ele vai beijar. Não se surpreendem quando me veem. Sou esguia, alta (equilibro-me bem nos saltos mais exagerados) e estou elegantemente vestida.

Formamos um belo casal. É o que dizem. As pessoas se voltam para nós num primeiro momento, mas logo o interesse delas converge para o macho da parelha. Reconheço que ele atrai não só a atenção das mulheres. Os homens o avaliam com um olhar interrogativo. Será que essa camisa cairia tão bem em mim?

Estou cansada desses olhares.

Beija-me. Um rápido selinho de lábios fechados. Afinal, é isso que esperam de um casal elegante de cinquenta anos. Entrego o carrinho para ele, em voz baixa trocamos as duas frases básicas — Como foi de viagem? Tudo bem — e saímos do ajuntamento.

Ele paga o tíquete e deixamos o prédio do aeroporto. Contrariada, descubro que ele, como faz sempre,

estacionou o carro muito longe. Como não gosta de rodar em busca de uma boa vaga, invariavelmente vai direto à área mais afastada, onde estaciona facilmente o automóvel.

— Como foi por lá?

— Trânsito lento e gente apressada... E minhas flores, lembraste de regar?

— Religiosamente. Todo santo dia, depois de ler o jornal. Muito trabalho?

É uma pergunta tola porque ele sabe muito bem que meu trabalho — que consiste em rotinas inócuas, que cumpro sem gosto — é estafante.

— Muitas reuniões inúteis e cansativas com pessoas grosseiras. Falei o mínimo e praticamente não escutei o que me disseram.

— Você não parece muito entusiasmada.

Se as nossas conversas fossem para valer, eu tentaria dizer que meu trabalho está ficando cada dia mais penoso e que começo a me desesperar. Porém, como as palavras nos servem apenas para evitar que o silêncio se torne incômodo, desconverso.

— Cansaço acumulado. Cinco dias puxados. Estou meio fora do centro. Preciso de um tempo para que as coisas voltem a se encaixar.

Paramos junto da traseira do automóvel, ele abre o porta-malas e guarda a bagagem.

Partimos. Dirige concentrado, com os olhos fixos nos carros da frente, mas também lançando rápidas miradas para o retrovisor e espelhos laterais.

Reclino o banco, finjo que fecho os olhos. Posso então observá-lo com tranquilidade. É um homem bonito. Ainda é um homem muito bonito.

Quando eu o conheci, há vinte anos, era simplesmente um deus. O homem mais lindo da cidade. Se íamos a uma festa, até mesmo as mais comportadas logo se tornavam inconvenientes. Diante dele, entregavam-se a risinhos bobos e a piadas picantes, como se estivessem embriagadas.

Aparentemente, ele não se dava conta do assédio. Continuava a sorrir, a falar em voz baixa e a ouvir atentamente o que lhe diziam, cortês, gentil. Disfarçando o ciúme, eu permitia que elas o cercassem, que lhe tocassem o braço e que o beijassem na despedida porque, no final da noite, quem partilharia a cama com ele seria eu. Nos primeiros anos, aquele assédio funcionava como um aquecimento para os nossos jogos amorosos.

Vou usar uma palavra forte. Perfeição. Olhos azuis escuros, cílios e sobrancelhas cerradas. Nariz fino, queixo forte. Pele elástica, morena. Se pintasse o cabelo diriam que tem pouco mais de quarenta anos, mas está com cinquenta e três.

Depois de observá-lo com atenção, e eu nunca me canso de admirá-lo, me ocorre a velha indagação. Em que estará pensando este belo espécime?

- Como anda a universidade? — pergunto.
- Na mesma, e com nova ameaça de greve.
- Isso não! Vai atrapalhar nossas férias.
- A gente dá um jeito.

Jamais vou chegar ao lugar por onde vagam os pensamentos dele. Nós, mulheres, sempre podemos ter o corpo deles, mas isso não nos satisfaz. Queremos mais. Mas será que eles têm alma?

- E aquela palestra, já escreveste?

Responde com um movimento de cabeça, que talvez seja um sim.

Volto-me para a direita. Na barreira de edifícios, só umas poucas janelas estão abertas. Não há uma só pessoa nas sacadas.

Na nossa relação não haverá lágrimas nem gargalhadas, me disse ele, certa noite, logo no início do nosso namoro. Nem choradeira nem grandes risadas. Um relacionamento maduro, sereno.

Minha cabeça é um caldeirão de bruxa sempre a ferver, mas acho que ele, na maior parte do tempo, não pensa em nada. Vive, respira e observa aquilo que o cerca, mas duvido que se inquiete. O espírito dele repousa num lugar tranquilo. Mesmo agora, dirigindo, ele flutua no seu mundinho sem conflitos, sem dramas. Eu não existo para ele.

Como fazem as outras mulheres, desassossegadas como eu, para levar adiante suas vidas insípidas?

Eu me entrego à minha rotina, que nada mais é do que um compêndio de atos insignificantes.

Mulheres com filhos talvez tenham mais condições de burlar o tédio. Podem se esconder por trás de suas crianças.

Contrariada, refaço pela milésima vez a pergunta insistente:

— Em que estás pensando?

— Na aula que vou dar amanhã.

Nunca pensou em mim. Ele, uma sala de aula e uns poucos alunos. É o que lhe basta. Sabe como as coisas funcionam ali dentro, pode soltar sem temor sua voz clara, de quando em quando temperada por um dito brincalhão. O cotidiano dele é ordenado, seguro, sem sobressaltos.

O meu mundo é tão pequeno quanto o dele, mas é caótico, sufocante. Não me sinto bem dentro dele. E exijo explicações.

O que fizeste da tua vida, mulher?

Fui levada. Cursei sem grande interesse uma faculdade, por acaso ingressei em uma carreira bem remunerada e, quase sem querer, avancei depressa.

E daí?

Passados tantos anos, agora eu me pergunto se não peguei, desde o início, o caminho errado. Aquela estrada não levava a lugar nenhum.

Quem és tu, mulher?

Um animal selvagem que nunca foi amansado.

Deixa de pose. És uma mulher como todas as outras. Não podes viver sem um companheiro.

Estamos atolados num lamaçal de indiferença. Nossa vida é de um ridículo atroz.

Não me vem com drama!

E se eu tivesse casado com outro, um barrigudo sorridente, e vivesse cercada por crianças barulhentas?

Nem pensa nisso! Teu marido é melhor que muitos, e ainda leva uma grande vantagem: é lindo.

Acreditei que era alcançável a relação pretendida por ele: equilibrada, sem rasgos sentimentais, ciúme ou inveja, firmemente ancorada, sem crianças chorando com dor de ouvido, sem rasgar dinheiro com escolas ruins. Uma vida de pessoas modernas: jantares, teatro, viagens, bons filmes e roupas caras.

— Coloquei um vinho pra refrescar.

— Que bom! Preparaste uma vela também?

Olha-me pelo canto do olho.

— Ironia?

— Não! Só perguntei porque o cerimonial masculino de sedução tem sempre, obrigatoriamente, vinho e vela.

Volto a concentrar-me na cidade. Por que se movimentam tanto essas pessoas? Mesmo os que estão dentro dos carros ou sentados nas paradas de ônibus parecem agitados. Provavelmente julgam-se indispensáveis para o bom funcionamento do círculo de dez ou vinte pessoas em torno do qual gravitam. Mas eles são tão descartáveis quanto nós dois.

— Bem-vinda à rotina — diz ele ao desligar o carro na garagem.

— Ficas brabo se eu dispensar o vinho?

— De jeito nenhum.

— Estou louca de saudade da minha caminha. Vou deitar assim que desfizer a mala.

Pouco depois, com um fundo suspiro, enfio-me sob as cobertas e procuro uma boa posição para, rosto enterrado no travesseiro, chorar em segredo. O leito conjugal, sem dúvida, é o melhor lugar para penarmos nossa solidão.



## EMBORA ELA CHORE NO FINAL

— Isso aconteceu mesmo, professor?

— É possível. Tenho uma prima distante, mais jovem que eu. É uma mulher muito inteligente, bem-sucedida. Formou-se em Engenharia, aqui mesmo na Católica, mas dirige uma empresa multinacional em Porto Alegre. Casou-se com um professor de Arquitetura da URGs, um carioca formado na USP. Eles não têm filhos, por opção. Meses atrás, encontrei-me com ela em uma degustação numa loja de vinhos no Moinhos de Vento.

— Então, essa parte é mesmo uma história real?

— Quem sabe, delegado?

— Essa história é deprê demais para o meu gosto... Agora, está na moda esse negócio de mulher empoderada... Embora ela chore no final.

— Voltamos às anotações?

— Sim. O doutor Rui me disse: preste muita atenção no que vai lhe contar o Cabecinha-na-lua.

— Cabecinha?

— Cabecinha-na-lua. Entendi que esse era o seu apelido no curso primário. Era?

— Cabecinha-na-lua? Não me soa estranho.



## CAPÍTULO VINDOURO

Nos primeiros momentos de nossa aula-espetáculo, que talvez mais apropriadamente devêssemos chamar obra-em-progresso, estimados alunos e alunas, estudaremos por alto o excepcional conto longo ou novela curta — você decidirá depois, já mais avançado na senda literária, do que se trata — que leva por título “A morte de Ivan Ilitch”, de autoria do anteriormente apontado Lev Tolstói, experimentado escritor eslavo.

Trata-se, simplesmente, do melhor conto longo ou novela curta jamais rabiscado no Universo, Welt, Mondo, segundo escreveu o senhor Thomas Mann da Silva Brum, escritor e burguês de Lubeca.

O que investiga essa novela perfeita? A vida de um cidadão chamado Ivan, bom sujeito, embora um tanto leviano, que um dia é indicado para exercer uma elevada função pública (juiz de direito) em Moscou, e aceita ir para lá

Ivan faz exatamente o contrário do que fez, um século depois, meu progenitor, o senhor doutor Aureliano Apolinário Vieira Bragança de Honorato-Guimarães (que Deus o tenha!), que, nomeado desembargador deste Estado do Rio Grande do Sul, declinou do honroso convite, que o obrigaria a residir em Porto Alegre, para permanecer como juiz singular nesta cidade de Pelotas, que ele tanto amava.

— *O que é isto? Será, de verdade, a morte?*

*E a voz interior respondeu: sim, é a morte.*

— *Para que esses sofrimentos?*

*E a voz respondeu:*

*— À toa, sem nenhuma finalidade.*

Pois esse Ivan leva adiante, preguiçosamente, sem comprometer-se, fazendo apenas aquilo que esperam que faça, sua vida e sua missão profissional até o momento em que arranja um aparentemente ligeiro ferimento ao decorar o apartamento moscovita para o qual iria mudar-se com a família. Começa então o longo martírio do personagem que terá a consolá-lo apenas a amizade de um mujique chamado Ierassim, Ierassime ou Guerasime, conforme os bofes do tradutor, lusitano ou brasileiro. Morre o senhor Ivan depois de nos informar que do lado de lá da vida o que existe é luz, uma faixa de luz, um raio de luz.

*Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. Onde está ela? Que morte? Não havia nenhum medo, porque também a morte não existia.*

*Em lugar da morte, havia luz.*

*— Então é isso — disse de repente em voz alta. — Que alegria!*

É necessário compreender que, para um russo, luz representa calor. A mensagem torna-se clara quando levamos em conta que os russos passam a vida a pendar com a frialdade, embora — garantem os cientistas — a anatomia deles esteja preparada para verdadeiramente sentir frio apenas quando a temperatura cai abaixo de 25 graus negativos.

Publique-se o parágrafo anterior, concedendo-se a patente da descoberta do ponto de enregelamento dos russos a seu autor, o ínclito senhor Tzar Alexander Aurelianovitch de Cazeneuve e Honorato-Guimarães Sampaio, *magister magnanimu*.

Por outro lado, desencadearemos breve batalha jurídico-canônica no sentido de que o mencionado conto longo ou novela curta, “A morte de Ivan Ilitch”, seja acrescentado às futuras edições da Bíblia, em todas as linguagens, como mais um livro sapiencial. Às 8h15, do dia de hoje, assinei a ordem. Guarde-se o esboço do arrazoado. Cumpra-se o édito sob pena de punição. Eu, o Papa Momo, condutor de sambadoras multidões infiéis, que não cumprem os sete mandamentos, o determino.



## CAPÍTULO SEGUINTE AO ANTERIOR

No segmento anterior fomos apresentados a duas sensacionais descobertas.

Há vida pós-morte. Pelo menos para os russos.

Nariz e dedos só congelam abaixo de 25 graus Celsius negativos.

Ao cabo dessas duas grandes surpresas, o que mais poderia embasbacar-nos?

O deslocamento do eixo da narrativa, arrojada manobra literária raramente tentada com sucesso.

Transferiremos o fuso da narração do senhor Tolstói para o senhor Kzar Alexander, ou seja, eu.

Assumo, pois, o microfone.

Pode-se dizer que nasci para o mundo das letras impressas quando, aos onze anos, comecei a frequentar a Seção Infantojuvenil da Biblioteca Pública de Pelotas, a fim de ler obras que, como desejava meu pai, me elevassem o espírito.

Não sei se meu espírito é passível de elevação.

Aliás, tenho sérias dúvidas sobre a existência dos espíritos, em especial a de um que seja meu, particular e exclusivo.

Na nossa velha casa da rua Benjamin Constant, onde vivi até os quinze anos, havia uma vasta biblioteca. Os 12 mil volumes ali reunidos tratavam, em sua maioria, de intrincadas questões jurídicas. *Ora pro nobis, pecatoribus.*

Mesmo assim, sigamos. Na Seção Infantil e Juvenil da Pública Biblioteca Pelotense, apaixonei-me pela

Condessa de Ségur, que, como descobri mais tarde, era russa e chamava-se Sofia Fiodorovna Rostopchin.

Aí, na condessa Fiodorovna, está a mais remota origem das minhas ligações com aquela grande nação, a Rússia, à qual me mantenho amarrado por fortes laços afetivos. Sem falar na onipresença que sinto, nos nervos e tendões, dos meus amigos e mentores, pessoas generosas e graves. Graves, não, nem sempre. Os senhores Nicolau Gogol e Antonio Tchecov são, às vezes, particularmente jocosos.

O que se leva deste mundo?

Apenas a leitura de alguns livros de contos.

E, de cada um desses livros, ficamos sempre com uns poucos contos.

A Lei Geral de Aproveitamento dos Contos e Demais Narrativas Breves é a mesma que regia os antigos discos fonográficos, mais conhecidos por bolachões. De cada dúzia de trabalhos, mesmo quando elaborados por artistas de escol, apenas dois ou três merecem uma releitura. Com que contos nós ficaríamos do borgiano livro *O informe de Brodie*? “A intrusa”, “O indigno” e “O Evangelho segundo Marcos”.

Pacientes alunos oficiantes, a leitura é tudo.

Bens materiais?

Comem-nos os herdeiros.

Glória literária?

Roem-na as traças.

Sobra-nos, portanto, apenas a lembrança do que lemos.

Pausa para confissão: aos doze anos, a primeira leitura feita de um só fôlego: *A ilha do tesouro*, do anglo-martinicano senhor Stevenson.

Indago, com ênfase brutal: caso não tivesse conhecido o senhor Robert Louis Stevenson naquela remota época, estaria eu louco hoje? Estou ainda? Estarei *ab aeterno*?



# HISTÓRIAS SOBRE PESSOAS ESTRANHAS

- O senhor se refere a um juiz de direito...
- O livro que conta a história do juiz Ivan Ilitch é maravilhoso!
- O doutor Rui me disse que o pai do senhor foi magistrado.
- Exato. Um homem muito digno.
- Respeito muito os que atuam no Poder Judiciário...  
Posso lhe fazer uma pergunta de cunho pessoal?
- Claro! Faça!
- Que tipo de histórias o senhor gosta de escrever?
- Histórias sobre pessoas estranhas...



## **OBRA NÚMERO 2 (ISSO QUE A SENHORA CHAMA DE “DISFUNÇÃO FUNCIONAL”)**

Vou ser totalmente sincero com a senhora.

Aqui me sobra muito tempo. Em duas horas cumpro minha tarefa. Escrevo cinco cartas por dia. É a minha cota diária, estabelecida por sugestão do doutor Oliveira. Mas permaneço nesta sala as horas regimentais. Pode ser que alguém telefone pedindo explicação sobre uma carta.

Não, ninguém telefona. Nunca. A última ligação ocorreu há uns três anos. Era alguém que discou um número errado.

Antigamente? Quando comecei a trabalhar, e lá se vão trinta e tantos anos, éramos sete funcionários aqui na Seção. Já naquela época o chefe era o doutor Oliveira. Entrei como contínuo. Admirava os escriturários da velha guarda, queria ser como eles. Muito contribuinte chegava furioso até este balcão. De dedo em pé, cuspidos marimbondos, vinham exigir explicação sobre as cobranças. Alguns até esmurravam o balcão, soltando fumaça pelas ventas, mas os escriturários daquele tempo praticavam a altivez. Eles retrucavam no mesmo tom. O contribuinte que se colocasse no seu devido lugar...

Naquela época? Trabalhava-se muito, mas havia um clima de camaradagem. Se alguém precisasse sair para resolver um problema pessoal, os colegas faziam a parte dele sem reclamar. Quando se encerrava o aten-

dimento ao público, às quatro da tarde, a gente se des-  
contraía rapidamente.

Quando o doutor Oliveira se aposentou, ficamos  
reduzidos a três escriturários. E não foi nomeado um  
novo chefe.

Há uns cinco anos, esses dois outros escriturários  
fizeram um cursinho de digitação e foram transferidos  
daqui. Restamos eu e esta máquina de escrever.

A cota de cinco cartas?

Uma vez o doutor Oliveira, já aposentado, veio  
aqui e me disse em confiança:

— Bartolomeu, trata de fazer em uma semana o  
que poderias fazer em um só dia. Aí, sempre terás uma  
boa papelada em cima da tua mesa. Parecerás atolado  
em trabalho.

Gente boa, funcionário exemplar, o doutor Oli-  
veira. Faleceu faz dois anos. Fui ao enterro dele. A mãe  
do coitado tinha morrido uma semana antes. Descon-  
solado, ele meteu jornais por baixo da porta da cozinha  
e vedou as frestas da janela com fita isolante preta. De-  
pois abriu as bocas do fogão, mas não tocou nos fósfo-  
ros. Ficou só esperando.

Foi ele quem escreveu a carta-padrão, que leio  
para a senhora:

*Prezado Cidadão, em revisão rotineira, a Secretaria  
de Fazenda desta Prefeitura Municipal de Pelotas constatou  
que Vossa Senhoria não pagou a(s) parcela(s) do Imposto  
Predial referente ao(s) mês(es). Tendo em vista o fato aci-  
ma, estamos enviando-lhe novo(s) boleto(s), com o(s) va-  
lor(es) corrigido(s), multa e juros acrescidos, a fim de que  
seja procedido o pagamento do(s) mesmo(s) numa agência  
bancária credenciada.*

Belo texto, não?

Nesse ponto, preciso fazer uma confissão à senhora. Sou um sujeito inquieto, criativo. Faz muitos anos que não repito uma redação. Uma só! A máquina de escrever favorece a minha rebeldia, na verdade a acirra.

Comecei pelo erro. Um dia escrevi: Prezadi. O i está ao lado do o no teclado, veja. Completei: Preza-díssimo.

No dia seguinte cheguei aqui empolgado. Resolvi começar uma carta de modo dramático: Prezado Cidadão!

Veja só que irreverência: meter ponto de exclamação em correspondência oficial. Não é pouca epopeia.

E fui me aprofundando. Um dia, contrariado com certo contribuinte que eu sabia ser mau pagador, inseri uma palavra:

*...de que seja procedido, imediatamente, o pagamento...*

Por que ajo assim?

Porque me recuso a desempenhar minha missão de forma burocrática. O uso de um computador me empurraria para a acomodação. Mas isso não, jamais! Quero que meu trabalho tenha sempre um pingão de contestação e resistência. É isso que me fez infiltrar palavras inesperadas e pontos de exclamação ou interrogação no texto oficial.

Ontem mesmo, por exemplo, escrevi o seguinte:

*A fim de que seja procedido o pagamento do(s) mesmo(s) numa agência bancária credenciada, sob pena de ser Vossa Senhoria...*

A senhora já viu ameaça e reticências em uma correspondência oficial?

Não viu nem nunca verá. Criatividade total.

Quando? Eu me aposento neste final do ano. Aí, certamente, aposentar-se-ão também os pontos de exclamação e as reticências.

Com relação especificamente ao inquérito que trouxe a senhora até esta Seção, quero dizer o seguinte: sim, tem fundamento a denúncia de que não me limito a escrever e enviar aos contribuintes apenas as cartas protocolares, adulteradas, de cobrança. Sim, reconheço que também remeto contos aos senhores munícipes.

Mas explicarei.

Desde que me tornei o único funcionário desta Seção, passei também a escrever histórias curtas. Depois de ter cumprido minha cota diária de cinco cartas, claro!

Eu simplesmente ponho um papel em branco na máquina e me abro para o que vier. Palavra chama palavra. Trato de alinhar os vocábulos que, do cérebro, me chegam às pontas dos dedos.

Isso era de início um passatempo, uma brincadeira, um jogo. Eu tratava apenas de dar certa coerência à enxurrada de palavras que me avassalava. Tempos depois me surgiram historinhas com princípio, meio e fim.

Se eu tenho uma explicação?

Claro. Isso que a senhora chama de “disfunção funcional” decorreu do excesso de tempo livre. Redigida minha cota de cartas, o relógio, aquele ali na parede, havia avançado apenas dois ou três números. Sem ter o que fazer, passei a batucar no teclado, com uma

folha branca diante dos meus olhos. Sou um homem de vida interior agitada, repito. Tenho imaginação fértil e razoável domínio da língua escrita...

O que eu faço com as tais histórias?

Bem, no começo eu as guardava numa pasta, dentro daquele armário de aço. De vez em quando pegava uma delas e a retocava. Punha uma palavra nova, retirava duas. Botava uma vírgula, eliminava um conectivo. Perseguiu as repetições que costumam esconder-se muito bem num texto. Isso na parte, digamos, física. O que escrevemos possui, porém, uma camada espiritual. Nessa, eu me limitava a instilar melancolia e desilusão.

Eu os chamo de contos, mas reconheço que, se olharmos para eles com maior rigor, descobriremos que são modestas crônicas de um escriturário municipal.

Sim, de certa forma, a senhora tem razão quando diz que, sendo contos ou crônicas, tanto faz, no fundo são textos roubados ao erário público.

A remessa aos contribuintes?

Não! Isso não!

Um dia eu me perguntei: o que fazer com essas histórias?

A resposta que me veio foi: entregue-as a seus verdadeiros donos.

Pensei inicialmente em remeter essas crônicas àqueles que realmente saberiam apreciá-las: professores, artistas e intelectuais, os que aparecem no *Correio* palpitando sobre todos os assuntos. Mas desisti ao concluir que gente assim, ocupada com coisas do espírito e do intelecto, não teria tempo para dedicar aos meus escritos.

Pensei depois em remetê-las para aposentados, que são numerosos aqui na cidade. Meu raciocínio era simples: eles têm mais tempo ocioso. Mas, por fim, acabei me decidindo por escolher os destinatários ao acaso no nosso fichário.

Porém, tem aí um detalhe relevante: sempre comprei envelopes e selos com meu próprio dinheiro.

Que isso fique bem registrado no inquérito! Os selos saem do meu bolso!

## CUMPRINDO SEU DURO DEVER

— Bem, aqui, eu preciso lhe fazer uma pergunta: houve mesmo esse tal inquérito? Existe esse tal escrivão?

— Não! Por favor, não! É pura ficção. O escrivão, as cartas, o inquérito: tudo isso foi inventado por mim.

— Inventado do nada?

— Tive um tio afastado, Alfredo Cazeneuve, um esquisitão, que trabalhou por décadas na Prefeitura. Talvez dele me tenha vindo a inspiração.

— Certo. Mas o senhor compreende que é minha função verificar qualquer referência a eventos que possam ter caráter oficial? O delegado Rui me pediu para ser o mais criterioso possível.

— Compreendo. Como cantava o poeta, o senhor está cumprindo seu duro dever e defendendo nossas vidas. Mas prossigo...



# UM CAPÍTULO MARÍTIMO

Deixando para trás a Seção Infantojuvenil da Biblioteca Pública Pelotense, obrigatoriamente teremos que nos dirigir a algum outro sítio.

Seguiremos, pois, para a distante ilha da Sicília, Itália, proximidades da Grécia, Monde, onde residiu por anos o senhor Príncipe Lampedusa, que rabiscou no século XX o melhor romance italiano do século XIX.

Publique-se a anterior afirmação, *ipsis literis*, na folha de rosto, com carimbos e selos desta nação brasileira, sendo imperador o senhor Pedro de Bragança, Rei e Bonachão.

Mas falávamos de Tomasi de Lampedusa, autor do mais fascinante conto não longo, conto normal, jamais escrito na órbita planetária, segundo a nossa própria e modesta avaliação. Trata-se de “A sereia”, obra que abordaremos aqui de modo ligeiro e superficial, pedestre.

Por que mergulhar em um conto?

Ora, respondo, porque se trata da aula único-inaugural de uma oficina literária que ministrará a todos vocês noções essenciais da intrincada arte das narrativas breves.

Esqueceram-se disso?

Pois bem, no mencionado trabalho, o senhor Lampedusa, cujo primeiro nome obviamente teria de ser Giovanni ou Giuseppe, conta-nos de forma gaiata a aproximação de dois italianos do sul radicados no norte daquela nação humorística. O narrador é um jovem jornalista, lúbrico e concupiscente como costumam ser

os que exercem esse desprezível ofício. O personagem principal é um austero senador e professor de mitologia grega, o senhor La Ciura.

*E parece-me que tu, como muitos dos melhores sicilianos, conseguiste realizar a síntese entre sensação e razão. Mereces, então, que eu não te deixe sem alguma explicação das minhas esquisitices, de algumas frases ditas diante de ti que podem parecer dignas de um louco.*

O conto se inicia com o jornalista lamentando a perda de uma jovem namorada (com a qual mantinha tráfico libidinoso), que, ao abandoná-lo, rouba-lhe um pulôver de boa lã. Indignado, o senador o recrimina pelo fato de deitar-se com mulheres.

Com essa admoestação senatorial concordo eu, Kzar Alexander Apolinariovitch Sampaio Honorato-Guimarães de Cazeneuve, tendo em vista o quão deletérias são as fêmeas, invariavelmente incultas e obscenamente sequiosas de prazer físico.

Sabe-se a seguir que o senador Rosario La Ciura foi um jovem lindo, um deus grego.

*Além disso, eu nunca havia me aproximado de uma mulher. Para falar a verdade, de mulheres eu não me aproximei nem antes nem depois daquele ano.*

Com quem aprendeu o referido senador e pedagogo a falar a língua dos deuses — Zeus *et caterva*?

Quem lhe contou em primeira mão, com conhecimento de causa, as cizânias entre os temperamentais deuses do Olimpo?

Uma sereia. Uma sereia com a qual ele se encontrou pela primeira vez no dia 5 de agosto de 1887, às seis horas da manhã, num pequeno golfo interno, além da ponta de Izzo, em Alberta, na costa da Sicília.

*Eu te ouvi falar uma língua parecida com a minha. Gostei de ti. Vem, me possui. Eu sou Ligéia, a filha de Calíope.*

O jovem e belo mancebo de revoltos cabelos e corpo dourado, que se preparava para disputar em concurso a cátedra de grego da Universidade de Pavia, teve um curso intensivo, de três semanas, daquela língua impenetrável, em um recanto paradisíaco da Sicília, com uma sereia.

É isso. É simples. Por vinte e um dias, aquele atlético rapaz de, repito, dourado corpo atlético manteve obscuro intercurso com uma sereia, adolescente formosa da cintura para cima, mas cuja parte inferior do corpo assemelhava-se à metade asquerosa de um peixe, terminando em repugnante cauda. Durante longos dias amaram-se (sabe-se lá como) e, nos intervalos ofegantes, ela cantou para ele doces e embriagadoras cantigas e narrou-lhe as mais lindas fábulas dos começos do Mundo, Monde, Welt.

O que nessa narrativa incomum, insólita e fantástica chamou-nos a atenção?

A ligação entre a primeira parte do conto, galhofeira, com a segunda, erudita. Destaque-se ainda o crescendo da intensidade dramática, que vai do risível ao inacreditável e dali se alça ao sublime. A composição artística atinge a culminância com o misterioso sumiço do senador La Ciura — no mar que foi singrado pelo solerte Ulysses — quando se dirigia para um tedioso congresso de intelectuais maçadores em Coimbra, Portucale, Norte d'África.

(Pausa para que o ministrador da aula livre-se das lágrimas e recomponha sua garganta, pouco antes fragmentada por soluços.)

Por fim, é necessário mencionar que naqueles dois homens tão diferentes estão exemplificadas a mais elevada qualidade e o mais asqueroso vício dos seres deste mundo: a pujança intelectual e a vulgaridade física.

Que não se dê ao conhecimento público o que acima foi referido sobre a tocante e funda emoção lacrimosa do autor desta aula-espetáculo. Que todo aquele que contrariar esta disposição seja levado, já decapitado e de olhos vazados, ao catafalco, à pira ou à fogueira e que ali seja imolado ao Deus do Verbo. *Deo gratias.*

# **POR QUE METER FIGURAS PÚBLICAS EM UMA AULA DE LITERATURA?**

— *Veja bem, professor. Sou um funcionário público, um homem prático e sensato. Não sou ilustrado como o senhor, longe disso. Mas cursei uma faculdade. Sou bacharel em Direito. Católica, seis anos, noturno. O senhor está lendo para mim um documento que poderá ser importante no nosso inquérito. Perdoe a minha ignorância, se não estou entendendo, mas parece que o senhor está fazendo o esboço de um curso. É isso?*

— *Na mosca.*

— *Nesse último trecho, o senhor menciona um jovem professor que se prepara para um concurso em uma universidade. Talvez pública. Esse professor, décadas depois, será um senador. Temos também um jornalista. Eu sei que o senhor vai me repetir que tudo é inventado. Muito bem. Mas pergunto: por que meter figuras públicas em aula de literatura?*

— *Delegado, a história da sereia foi escrita há oitenta anos na Itália! Por que o senhor se inquieta?*

— *Para falar a verdade, fiquei apreensivo com o tema central do conto, que é a zoofilia. O senhor deve saber das encrencas que criam os defensores dos animais. Professor fazendo sexo com sereia adolescente...*

— *É ficção, delegado. Posso?*



## **A MULHER QUE CARREGAVA DOIS FELINOS NO NOME**

Pede-me o discreto senhor doutor Tchecov, graduado em Medicina pela Universidade de Moscou, meu mantenedor estilístico e intelectual, que, em face de estarmos neste momento nos dirigindo a Portucale, em companhia do senador Rosario La Ciura, eu lhe conte alguma história que tenha porventura vivido naquela antiga nação marítima. Vamos lá!

Certa vez, há mais de vinte anos, depois de conhecer a portuária cidade do Porto, dirigi-me a passeio ao concelho de Cinfães, pois foi de lá, mais exatamente da aldeia de Santiago de Piães, que partiu há muito, em direção ao Brasil, um de meus ascendentes laterais.

Estava eu na Conservatória daquele concelho a tentar obter certidões de nascimento de minha trisavó pelo lado paterno quando parou ao meu lado, diante do balcão, um homem enxuto de carnes e de rosto esculpido em granito.

— Ora, pois, que os diabos me carreguem se não se trata do senhor Torga! — exclamei.

— Pois não — retrucou, sereno e seco, o referido senhor, doutor médico e também escritor, como o ínclito senhor doutor Tchecov.

— Sou cá leitor dos vossos contos — disse eu. — Admiro-os.

— Aos contos? Ou aos contos e a mim?

— Admiro ambos, pois sim, os contos e o senhor doutor, que é deles o escrevedor — respondi sorrindo

e acrescentei de pronto: — É dura a vida na montanha, pois não?

— Pois sim, é.

— As coisas acabam sempre mal por lá. Brigas, mortes violentas, partos solitários, sangrentas capações de varões lúbricos, homens partindo para o Brasil, mulheres abandonadas, muita reza, padres trêfegos, cabras escoiceando nas lojas, chicanices, aldrabices, traições e bandalheiras.

— Pois assim é.

— Gosto das palavras desconhecidas que as usa o senhor, embora eu não lhes atinja o sentido. Padeço. Quando o leio, peno com o pai dos burros ao colo, folheando-o incessantemente, embevecido com o palavreiro exótico...

— Exótico, diz o senhor?

— Guardei na mente algumas das suas palavras que carrego para sempre: desolhada, andilha, reloucaste, coiras, estrafegada, sanguinidades, boldrego, borga, poviléu, farsola, regueifas, conques, escândula, catraio, cibo, palhiço, bacelo, santanária, larinhoto, pantanas, cardenha. Ufa! Só lembro destas.

— Mas quanto às histórias, o senhor alcança-lhes o miolo, pois não?

— Pois sim.

— E com qual delas mais o senhor se impressionou?

— Pensando seriamente, acredito que com a história da Maria Lionça, mulher de um belíssimo nome, já que une leoa e onça. Um nome dessa grande beleza só poderia resultar em mulher de redobrada fortaleza a ponto de suportar, sem lamúrias, a longa ausência do

marido, o Ruivo, que fora garimpar ao Brasil e que só retorna quando muito doente e desenganado, por males ruins, para defuntar-se logo. Mas aí, quando o leitor acredita que se exterminaram os infortúnios de Maria Lionça, eis que, um dia, ela, já velha, recebe um telegrama de Leixões instando que vá buscar seu filho, que retorna estrompado, não por ter ido gastar-se ao Brasil, mas porque dilapidou-se, de marujo, varejando o salso argento. Deram-lhe o filho no hospital, a exalar o último suspiro. Meteu-se então Maria Lionça no comboio com ele ao colo, já a arrefecer, embrulhado numa manta, a pedir licença a todos, que levava ali uma pessoa muito doente. Arredavam-se logo. E assim conseguiu sentá-lo e sentar-se a seu lado. E daí a pouco, no macho do Preguiças, o Pedro subia a serra para dormir o derradeiro sono em Galafura, que era ao mesmo tempo a terra onde nascera e o regaço de sua mãe. É isso, doutor Torga?

Silêncio e compostura!

Não me venham dizer que o português lusitano, quando impresso, parece uma inepta tradução de um livro escrito originalmente em basco ou húngaro. E nem defendam que o português lusitano, quando falado, é claramente uma língua germânica, cuja pronúncia se assemelha à do francês canadense, língua, esta sim, falada única e exclusivamente pelo nariz. *Lusitanu, locale.*



## **BIGODE DE PONTAS TORCIDAS**

— Sinceramente, desta parte eu gostei. Sou bisneto de portugueses. Meu bisavô era de Póvoa do Varzim. Veio para o Brasil há exatos cem anos. Usava bigode de pontas torcidas. Era padeiro. Enquanto o senhor lia essa história eu me lembrei dele, mais exatamente do retrato dele na sala da nossa casa.



## **OBRA NÚMERO 3 (PUXAR-SE A SI MESMO PELA GRENHA)**

— É jogo rápido — eu disse, apanhando o paletó.  
— Compre uma passagem. Tem um voo daqui a duas horas. Já estou indo para o aeroporto. Mande-me uma mensagem com o localizador. Volto amanhã mesmo.

E embarquei no táxi em meio à balbúrdia do fim da tarde. LAWK estava morto. Fiz a conta: 33 anos. Eu estava com quinze anos no dia em que ele entrou na nossa aula pela primeira vez.

“Não reprovo ninguém. A vida lá fora fará o trabalho sujo. Ela se encarregará de destruir vocês.”

LAWK, o Alemão Debochado, estava morto.

A mulher dele teve que insistir muito com minha secretária para que me passasse a ligação.

— Diga a ele que quem está falando é a esposa do professor Luiz Alberto, o professor preferido dele. Pelo amor de Deus, me faça esse favor, senhorita! O professor dele morreu.

Dona Edna cedeu por fim.

— Professor Luiz Alberto? — peguei o telefone, desatento. — Não sei quem é.

Mesmo assim, atendi.

— Ele gostava muito do senhor. Falava sempre no senhor. Dizia que o senhor era o aluno dele que havia ido mais longe.

No estalo, compreendi. LAWK.

Fui mais longe, sim, fui a lugar nenhum.

— O professor Luiz Alberto morreu pouco antes do almoço — disse a mulher. — Morreu de olhos abertos.

Naquele tempo eu era um bom rapaz. Queria ser um cidadão honrado, como meu pai. Queria avançar numa profissão digna, que não sabia qual seria. Queria me sentir útil. Queria deitar a cabeça no travesseiro e dormir o sono dos que constroem uma grande nação.

O Alemão Debochado, o Terror dos Bundas Molas. O cínico professor de Português do segundo grau. O Alemão Ralador. O Alemão Escroto.

“Eu quero é que a Análise Sintática vá para os quintos dos infernos. Escrevam, pequenos canalhas. Uma redaçõzinha de merda. Só dez linhas. Sobre qualquer bosta. A beleza da primavera. Ou sobre o amor que floresce no seio da família de vocês. Mas façam exame de toque para ver se o belo seio da família de vocês não tem nódulos.”

Foi assim que ele entrou na nossa vida: com o pé levantado. Era odiado por estudantes e professores.

“Fico feliz quando dois ou três desta sala, os que não são idiotas completos, riem das minhas piadinhas. O que posso ensinar a vocês, projetos de imbecis? Análise Sintática? Não. Eu me recuso. Tentarei fazer com que pensem. O que é quase impossível. Para arrancar-se do barro da ignorância em que está atolado, o homem tem que puxar-se a si mesmo pela grenha. Mas essa proeza não é para qualquer um.”

— Ainda ontem à noite, ele me falou no senhor. Ele sempre me dizia: “Quando eu bater as botas, ligue para o Pequeno Crápula. Peça a ele que venha mijar no meu sepulcro”.

O Alemão Filho da Puta.

“De vocês, estupores, eu só exijo o conhecimento de uma só regra: antes de pê e bê vem eme. O resto chega arrastado pela leitura.”

— O senhor deve lembrar do jeitão dele, claro. Era tudo brincadeira. Ele tinha uma grande alma. O mau humor dele era fingido. Quando via o senhor na televisão, ele batia palmas: “Puxa, como foi longe o Pequeno Crápula!”.

O Alemão Escroto, certo sempre.

“Dou nota cinco aos burros. Comigo ninguém roda. Para vegetar como bancário ou policial, um cara não precisa de miolos adestrados.”

Chegando ao aeroporto, telefonei. Dona Edna queria saber em que hotel eu preferia ficar.

— Não, não quero que me reserve hotel nenhum. Vou passar a noite no necrotério. Amanhã, no início da tarde, estarei de volta, de novo ligado na tomada.

“O país precisa de vigaristas alfabetizados. Um ladrão bem falante é preferível ao ignorante honesto.”

— Morreu pouco antes do meio-dia — disse a mulher. — Finou-se de olhos abertos. Falava muito no senhor. Quando via o senhor na tevê me dizia: “O discípulo superou o mestre”.

Por que falar de Luiz Alberto Weber Kuhn?

Se estivesse agora aqui, ao nosso lado, ele indagaria: qual é a graça em conhecer detalhes da vida de alguém que não viveu?

Não viveu?

“Não vivo. Eu só leio. Ninguém lê mais do que LAWK neste lixo de cidade. Consigo montar frases com mais de cinco palavras. Meus pais não falam mais o

alemão e desconhecem o português. Já eu avancei tanto que cheguei ao nada.”

Fiquei honrado em saber, professor LAWK, pela voz ofegante de sua viúva, que fui o seu aluno predileto durante as quatro décadas em que o senhor lecionou naquela escola vagabunda.

“Mesmo sufocada pela fedentina das fábricas e pelas águas pútridas desse canal nojento, esta é uma escola boa demais pra gente como vocês, meros aspirantes a um lugarzinho ao sol numa nação de caturritas.”

Era alto e magro, ombros largos, desengonçado, cara de cavalo.

“Não é preciso ir longe pra saber que tudo é igual em toda parte e em todos os tempos, pequenos pacóvios. O velho Wilfredo Kuhn, meu genitor, trabalhou a vida toda como encarregado do depósito da Ferragem Germânia. Nunca perdeu um só parafuso na puta da sua vida, mas eu faço questão de perder todos os meus alunos. Quero que vocês vão todos para o inferno. Os mais espertos, dois ou três em mil, voltarão de lá mais bonitos, bronzeados.”

Quando fui aluno dele a cabeleira loira já havia cedido lugar a uma grenha cinzenta.

“Um alemão só terá senso de humor depois de três ou mais reencarnações num país burlesco. Rio de tudo. Rio de todos. Rio principalmente de mim mesmo.”

O Alemão Debochado. Assim era chamado pelos outros professores, que não gostavam dele.

“O país precisa de vocês, sim. Mortos de preferência. Mortos não roubam. Mortos não matam. Um brasileiro morto deixa de ser um potencial ladrão ou assassino.”

LAWK nunca entrou na sala dos professores. Passou os incontáveis recreios de sua vida no fundo do pátio, sozinho, andando de um lado a outro, sugando furiosamente dois ou três cigarros.

“Não tenho nada a ensinar. Eu me esforço, todo dia, para ficar cada vez mais ignorante.”

— Por que o senhor não entra na sala dos professores? — perguntei certa vez.

— O ar lá dentro está poluído pelas boas intenções. Eles querem salvar vocês da ignorância, missão impossível.

Fumava um cigarro entre uma aula e outra, de pé, no corredor, com meia dúzia de tragadas fundas.

— Ele teve uma boa morte. Sentou-se no sofá e morreu. Eu estava acabando o almoço. Era um homem muito bom. Nunca se atrasou para uma só aula, não faltou um só dia à escola.

Como pode aquele leitor de Schopenhauer passar quatro décadas naquela escola fajuta?

Lia Epicuro também.

Casou com uma mulherzinha magra e feia que importou dos morros redondos onde viviam, há mais de cem anos, os descendentes de alemães. A mulher que me deu a notícia pelo telefone.

— Quero ser professor — eu disse a ele.

— Desista, Pequeno Crápula. Procure uma maneira melhor remunerada de ser infeliz. Vá vender ações de empresas falidas.

Daquele dia em diante ele passou a me emprestar livros, que eu devorava. Naquela época eu gostava de ler sobre guerras.

“As guerras são como as queimadas dos agricultores. Servem pra preparar o terreno para o plantio. A dor e a miséria das guerras tornam os homens mais lúcidos. Mas só por uns poucos anos. À medida que a lembrança do morticínio se esvai, eles caminham de novo em direção ao inferno.”

Já sentado no avião, peguei o tablete e abri as comportas da memória.

— É jogo rápido...

# O LINGUAJAR ME PARECEU MEIO IMPRÓPRIO

— O magistério é uma profissão sagrada. O senhor não acha, professor?

— Não digo que chegue a tanto, mas é um ofício decente. Aliás, o único no qual eu, embora com certo sacrifício, consegui me encaixar.

— O linguajar desse professor me pareceu meio impróprio.

— Mas era um grande mestre! Desafiava seus alunos. Concitava-os à rebeldia. Queria abrir a cabeça deles aos murros.

— Mas o palavrório dele...

— Embora rude, ele empurrava a garotada para cima.

— O senhor conheceu esse professor?

— Tive na faculdade um colega nascido da zona alemã. Morro Redondo ou Monte Bonito. Paulo Roberto ou Luiz Alberto, não lembro. Era incomum, brilhante, extraordinário. Lecionava numa escola do Bairro Nossa Senhora de Fátima...

— Então a história é verdadeira!

— O que eu posso lhe garantir é que o aluno dele é totalmente inventado.



## CAPOTE

Sabendo que seria cobrado por vocês, que certamente desejam que examinemos aqui, com lupa, composições literárias dos meus guias espirituais, trago à baila, neste momento, o conto “O capote”, do senhor Gogolov.

Acáqui Acáquievitch, um escrevente apaixonado, gastava seus dias copiando documentos numa repartição do grande e imorredouro Império Russo. Levava para casa documentos que gostosamente transcrevia após o magro jantar. Na falta de papéis oficiais, inventava manifestos dirigidos a personalidades importantes.

*Seria difícil encontrar uma pessoa tão envolvida com sua função. Isso ainda diz pouco: ele trabalhava com zelo; não, trabalhava com amor. Naquele infundável transcrever, vislumbra algo como um mundo seu, mais diverso e agradável.*

Certo dia, no começo de mais um inverno, em São Petersburgo, Capital do Universo, Acáqui descobre que precisa, sobretudo, mandar confeccionar um novo sobretudo. E o faz, mesmo tendo que reduzir por um longo semestre suas refeições e passeios, a fim de economizar copeques e rublos.

Na noite em que inaugura seu novo capote, Acáqui é atacado por um vilão que lhe arranca do corpo o precioso agasalho. Vai então à Polícia registrar uma queixa. Lá, porém, acaba sendo destrutado e ofendido por um general grosseiro e arrogante. Abatido, triste, o escrevente encaminha-se para a casa onde aluga um quartinho. A delirar, deita-se, definha e morre em

poucos dias. Mas logo, como um anjo vingador andaluz, volta à terra, na condição de fantasma, para roubar capotes de pessoas prepotentes.

— *É do teu capote mesmo que estou precisando. Não intercedeste para encontrar o meu e ainda me repreendeste! Então me dá o teu!*

Trata-se, como se viu, de uma verdadeira epopeia escriturária, a narração das penas e infortúnios sofridos por um escrevinhador como este que vos fala / escreve.

Oh, meu pobre Acáqui!

Ó, pobre povo russo, milenarmente submetido a desumanos césaes e invernos!

Vide o caso dos senhores Lênin, Stálin, Yeltsin e Putin, czares mais recentes. *Vade retro in vitro*. Há farta literatura sobre o tema. Procurar tradução feita diretamente do russo. Vodca e strogonoff. Petrogrado / Leningrado, hemisfério setentrional, arredores dos países bálticos. Mais um gole de vodca, só unzinho.

## UM GENERAL NO MEIO DO SERMÃO

— O senhor fala em um general “grosseiro e arrogante”. Isso, nos anos 1980, lhe arranjaria confusão com os milicos.

— Certamente.

— Tenho um tio que foi padre em Bagé. Padre Carlos Moraes. Foi em cana em 1970 porque meteu um general no meio do sermão.

— O que eu posso lhe dizer é que o Brasil e a Rússia são países muito parecidos: imensos, violentíssimos e atrasados.

— Não fale mal do Brasil, professor!



## **CAPÍTULO NO QUAL SE FALA DE UM ELEVADO OBJETIVO**

Quando nos meandros de minha torturada mente, padecedora de enfermidade devidamente catalogada e registrada no Instituto de Moléstias Espirituais, comecei a estabelecer as bases sobre as quais ergui esta aula-espetáculo, aula-fábrica, eu pressenti que, ao final, o que aqui criaríamos poderia vir a ser uma obra literária incomum, embora comunitária.

Pode uma mera instrução, embora inusitada, resultar, ao seu cabo, na confecção de uma obra-prima?

Sim. Uma classe de oficina literária, desde que entregue às generosas e seguras mãos de dedicados mestres, deste e do outro mundo, pode, sim, produzir uma primorosa ópera da ficção contemporânea.

O nosso curso nada mais será do que um laboratório para o encadeamento de pequenas histórias que um mestre, eu, narrará com zelo, perícia, graça e leveza.

Essas histórias terão o condão de, em primeiro plano, sujeitar a peregrina atenção de próprios alunos / leitores. No caso, vocês, que aqui estão me cercando.

Os senhores e as senhoras, de tão diversas extrações sociais, de tão díspares atividades laborais, certamente não têm noção da importância do momento que ora vivemos nesta modesta sala.

Atenção!

Aqui estamos a construir um objeto literário, só-

lido e fechado em si mesmo, esférico e ensimesmado, uma verdadeira pérola.

Aqui estamos a vivenciar a lenta e tortuosa feitura de uma requintada criação livresca.

Calma, *magistru!*

Na verdade, trata-se de uma obra-em-progresso.

*Work in progress* — dizem aqueles que praticam a língua dos hotentotes.

Opa!

Sim, desprezamos o idioma inglês e seus praticantes. O inglês é sublíngua — alemão depauperado — na qual são ganidas as instruções passadas aos colecionadores de músculos de todo o mundo.

Tragédia de dimensões planetárias. Os professores que mais se multiplicam hoje no mundo são os de ginástica.

*Personal trainers* — esses são os mais perniciosos.

Em algum momento, mais precisamente ao final, se lá chegarmos, veremos que aqui, nesta improvisada e modesta instalação, hoje, ou enquanto durar este longo e interminável dia, acabaremos por construir, juntos, alunos e mestres, partes e todo, cada um dando sua colaboração, uma obra de vulto.

Sim, porque pela junção de muitas histórias curtas ergueremos um complexo edifício narrativo, que, como as cintilantes facetas de um globo, replicará tudo o que há nesta terra, Mundo Cão.

# O CONTO EM SI E ENQUANTO CONTO

Um conto, um ovo. Redondos ambos. Chegamos agora a um dos momentos culminantes deste show: o ponto em que anunciarei minha mais sensacional descoberta.

Só existe uma unidade literária: o conto.

Uma novela é a junção de dez a cinquenta contos.

Um romance é a justaposição de duas, três ou mais novelas.

Registre-se a descoberta de acordo com o que prega o hinário do Instituto Nacional para o Registro de Conceitos Literários.

Pagos os selos e batido o carimbo, o autor dessa descoberta poderá pleitear o pleno reconhecimento da sua luminescência intelectual nos tribunais desta nação.

Grande revelação. Na vasta natureza há um só ser lúbrico: o homem, aqui entendido nas suas duas genitálias: o falo rampante e a úmida gruta gotejante.

Quando seres humanos abrem a boca (pode contar!), lá vem um conto.

Mentiroso, quase sempre.

Haverá aqui alguém parvo a ponto de cobrar veracidade de uma obra literária?

O conto é uma carta dirigida a ninguém.

O conto ilumina.

O conto a tudo ilumina com sua brevidade, concisão, densidade, tensão, impacto e revelação.

Ninguém vai contar a você, de um só fôlego, uma novela. A não ser aquele polaco, conhecido como Jo-

seph Conrad, que abandonou sua riquíssima língua de nascença por um dialeto germânico do Mar do Norte.

Foi por isso, gente, que Joseph C criou incontáveis narradores retorcidos e alambicados, que só têm semelhantes entre os inventados pelo outro sem-língua-mãe, Vladimir Vladimirovitch.

Conta-se um conto com um só sopro. *Fiat voluntas tua.*

## **BIFE SANGRENTO**

- *Vamos sair pra almoçar, professor?*
- *Podemos. O senhor deve estar cansado.*
- *Um pouco, mas trabalho é trabalho.*
- *O senhor deve estar caceteado também...*
- *Não muito. Há trechinhos compreensíveis. E escutar o senhor é bem mais leve que interrogar um traficante.*
- *Nisso devo concordar com o senhor. E a comida? Italiana ou chinesa?*
- *Sou nascido na fronteira, professor. Mais exatamente em Bagé. Prefiro um bife sangrento.*



## **OBRA NÚMERO 4 (DANADOS SEJAM OS PECADORES CARNAIS)**

Como o carro dela estava no estacionamento do edifício, conforme combinado, segui diretamente para a garagem subterrânea a fim de ocupar a vaga que ela deixara livre para mim.

Desci do automóvel e, enquanto caminhava para o elevador, me senti acochado pelo silêncio de tarde de domingo num edifício em que só moram casais sem filhos e pessoas solteiras.

Saíram todos para aproveitar o dia belíssimo.

O prédio recém-construído era o orgulho dos moradores que se sabiam ocupantes de alguns dos metros quadrados mais caros da cidade, como ela dizia sem esconder a satisfação de jovem proprietária.

Ainda está com a pintura intacta, mas a decadência virá logo, pensei. As coisas apodrecem rapidamente nos trópicos.

Profundamente contrariado, tentando controlar o ritmo dos meus passos que ecoavam ansiosos na ampla garagem, avancei até o elevador. Meus dedos treinados ao longo de dois sobressaltados anos apertaram o botão do sexto andar.

Ao abrir a porta, ela não me beijou.

A obscuridade do corredor entrou junto comigo no apartamento.

Enquanto me dirigia ao sofá, senti falta do rumor caloroso dos prédios em que residem famílias numero-

sas: o sufocado choro dos bebês por trás das portas, a algazarra dos pequenos nos corredores e a gritaria das crianças maiores entre as pilastras do térreo.

— Um uísque?

Com um gesto de cabeça, recusei. Ela sabia que eu não podia beber porque tinha de voltar logo para casa. Sabia que eu não deveria estar ali naquela hora. Sabia que eu estava irritado por ter sido chamado às pressas.

Sempre joguei limpo. Havia um pacto não-escrito cujas regras cumpri cegamente. O telefonema inesperado, no meio de uma tarde de domingo, rompeu a cláusula mais fundamental — discrição.

Suspirei fundo para ajeitar a respiração e deixar evidente minha contrariedade.

Nunca há jogo limpo, em lugar nenhum, as pessoas só seguem as regras quando elas lhes são favoráveis. Entre amantes é pior ainda.

Vejo que o copo de uísque sobre a mesinha de centro está pela metade. Será a primeira dose? Não. O tampo de vidro está bastante úmido. Aquela dose certamente foi antecedida por outras.

— Preciso falar a sério contigo.

Não me sinto disposto a contemporizar.

— Sempre falo a sério. Mesmo quando faço piada.

— Agora, acabou. Um pra cada lado. É o melhor pra nós.

— Não sei se...

— É o que deve ser! Um pra cada lado. Estou cansada de receber migalhas.

— Sinto que a coisa não vai bem há algum tempo. Mas, nós, homens, não sabemos romper.

Ela bebe um gole demorado. Os gelos, minúsculos, não tilintam. Ganha tempo, reflete, luta para dominar-se. Não quer que sua voz saia trêmula.

— Tenho trinta e cinco anos. Preciso tentar mais uma vez. Com outro cara.

— Eu sei. É mais forte que tu. Obedece.

Levanta. Apanha a garrafa no aparador, serve-se de mais uma dose. Escolhe a poltrona mais afastada de mim. Senta-se.

— Coloca gelo — ordeno.

— Não banca o papaizinho!

Uma diferença de quinze anos num relacionamento sempre proporciona frases equívocas. Quantas vezes eu me surpreendi chamando-a de filhota?

— Vamos conversar um pouco. Precisas ficar bem.

— Sóbria! Usa as palavras certas. Tu não queres que eu fique bêbada e faça escândalo. Mas não te preocupa. Nunca estive tão lúcida.

— Certo. Podes me xingar por cinco minutos. Desabafa, diz o que quiseres. Depois eu me vou. Amanhã tu recomeça tua vida. Se quiseres, sozinha. Se me ligares, eu volto correndo, abanando o rabinho.

— Tu és um canalha. Todos vocês são canalhas. Entram e saem das relações sem sofrer nenhum arranhão. Nunca conheci um homem que amasse, amasse alguém, alguma coisa, além do seu carro. Vocês foram vacinados contra o amor.

Ela vai à cozinha. Levanto-me e sigo atrás dela. Paro na porta. Ela faz horrores com a forma de gelo. Explode-a sobre a pia. Agarra uns cubos e joga-os dentro do copo. Depois, arremessa a forma contra o pane-

leiro. Cai uma panela. Ela sacode o paneleiro. Todas as panelas seguem o triste destino da primeira.

— Desde o começo a gente sabia que o rompimento viria um dia.

— Tu sabias! Eu, não. Eu tinha esperanças. Poucas, mas tinha. Pensei que virias morar comigo. Mesmo que nunca tenhas feito uma promessa, achei que um dia acabarias mudando tua vidinha. Mas, não, estás morto em vida. Não tens alma. Não tens paixão. Não amas tua mulher, mas ficas com ela. Acomodado!

Não reagi. Estava decidido a não contrariá-la. Melhor deixar que falasse. Que botasse para fora tudo o que tinha entalado. Que me xingasse à vontade. Quem sai arrebitado de uma relação tem o direito de espernear.

— Fui uma idiota. Reconheço que não me deste nenhuma esperança desde o primeiro momento. Não mentiste pra mim, mas deverias. Nesse tempo todo, bem que podias ter me trazido um buquê de flores. Os mais cretinos costumam dar presentes caros. Sim, eu queria que tivesses dito a mais mentirosa de todas as frases: eu te amo.

Não me comoveram as lágrimas que ela não mais tentava conter. Aliás, minha contrariedade crescia. Nem mesmo um choro discreto eu poderia admitir de alguém com mais de trinta anos.

— Não vou pedir desculpas. Quando te conheci, já eras uma mulher adulta. Não eras uma menininha indefesa.

— Era e continuo sendo uma menininha indefesa, mas isso não te interessa.

Entregou-se aos soluços, deixou-se sacudir por eles. Se ela escondesse o rosto, meu embaraço seria menor, mas chorava sem pudor, a cabeça erguida, encarando-me. Chorar diante de um amante indiferente é um exercício de suprema humilhação.

Eu poderia levantar, atravessar a sala e passar a mão pelos cabelos dela. Mas eu estava esmagado pelo quase insuportável cansaço dos momentos constrangedores. Permaneci calado, decidido a só partir quando ela não estivesse mais chorando. Há imposições éticas mesmo num jogo de cartas marcadas.

Meus olhos giraram pela sala.

Quantas vezes estive aqui?

Não levaria muitas lembranças daquele apartamento. Afinal, eram sempre visitas apressadas, no início da manhã, espremidas entre a saída de casa e a chegada ao trabalho.

Daquele relacionamento eu só guardaria umas poucas imagens tremidas, evanescentes. Dois corpos nus sob a luz incerta da manhã. Dois corpos que não se ajustavam. Sempre me pareceu obsceno o contraste entre o corpanzil de um cinquentenário e a delicada silhueta de uma mulher de trinta anos. Mas o mais chocante era a cor das peles: branco doentio sobre moreno saudável. Sempre senti vergonha. Puxava de volta os lençóis quando ela tentava chutá-los para longe.

— Estou fazendo papel de boba. Como recordação final, vais levar um choro infantil.

— Tu és uma mulher fantástica. Maravilhosa! Foste uma grande companheira. Gosto do teu jeito.

Silêncio. Ela baixa o rosto. Sacode a cabeça negando.

— Tu mereces outro cara. Comigo só perdeste teu tempo.

O silêncio se prolonga. O silêncio amargo de todos os finais de caso. Está na hora de ir embora.

Pelo meu cérebro desfilam imagens. Um enxuto corpo moreno, nu. Pequenos pés descalços deixando seus contornos úmidos, que logo desaparecem, na cerâmica do banheiro. Cabelos negros esparramados sobre um travesseiro branco. Lábios abertos num largo sorriso maroto.

Nunca mais.

Guardarei o som da voz dela?

Sobre o que conversam apressados amantes diurnos antes e depois do amor?

Frases curtas, telegráficas, urgentes. Fragmentos de nada.

— Eu sou um canalha — digo ao me dirigir à porta. — Eu sou lixo. Estou podre.

Deixo o apartamento.

# **A INFIDELIDADE É O GRANDE MAL**

— *A coisa é forte. O cara, antes de ir ao trabalho, passava pelo apartamento da amante. Disso eu nunca ouvi falar... O senhor aprova o que esse cara fazia?*

— *Não julgo meus personagens.*

— *A infidelidade é o grande mal dos nossos dias, professor.*

— *Quem sabe?*



# **A REVIRAVOLTA, UMA ESTRATÉGIA PURAMENTE CÍNICA**

Já que labutamos com narrativas breves, indago: como se escreve um bom conto?

Fazendo um corte na vida do personagem, respondendo.

Um retalho de tempo renderá uma história breve. Cada conto é uma esfera.

Uma esfera é um corpo limitado em todas as direções por uma superfície curva, cujos pontos distam igualmente de um ponto interior (o centro).

Parte-se de um momento dramático. Por exemplo, o entardecer em que o protagonista descobre que sua esposa o abandonou para viver com um feixe de músculos. A partir dali, o narrador contará a vida daquela sofrida personagem, o amante abandonado.

Recorrerá a rápidos flashes que remeterão o leitor à vida pregressa do lastimável herói. Descreverá seu deambular por uma cidade nebulosa e fria.

(“Nebulosa e fria” caso esteja a cidade fictícia situada na porção Sul de Pindorama, como a nossa Princesa. Ao Norte, teríamos calor, água de coco e rede ran-gente.)

Em suma, o autor / narrador arrasta de um lado a outro o patético personagem cambaleante, à beira do abismo da loucura, corroído por altas indagações morais. Soçobrará ele?

O núcleo central de uma unidade literária singela é o momento em que ocorre uma explosão na vida miúda da personagem.

Ora, ao ver-se livre da mulher que o deixou, o protagonista deveria alegrar-se porque a partir de então terá mais tempo para dedicar-se à leitura ou à escrevinhação.

A literatura, porém, não funciona assim.

A literatura, invariavelmente, concede prioridade à melancolia. Às vezes temperada com pitadas de humor.

Ao término de uma relação amorosa, o personagem principal terá a noite exclusivamente para si e poderá percorrê-la de ponta a ponta, mergulhado em silêncio, lendo um belo livro. Em outras palavras, o personagem não corre o risco de ser convocado a praticar um ato que, frequentemente, pessoas de rígida formação intelectual e espiritual consideram repugnante e ignominioso.

De início, o nosso protagonista não levará em conta essa verdadeira libertação. Preferirá sofrer com a ausência da pessoa que o incentivava a praticar uma refrega física que nada mais era do que uma repulsiva troca de fluídos corpóreos.

A leitura noturna é o mais intenso prazer de que pode gozar um homem de espírito.

Atenção! Falei “homem”.

À noite, elas preferem cuidar das unhas. Começam esfregando na lâmina córnea flexível que carregam na ponta dos dedos um naco de algodão embebido em acetona. Depois extraem lascivamente as cutículas com alicate. E por fim besuntam as unhas com esmaltes de tons obscenos, rubro ou roxo.

Essa é a atividade intelectual que elas preferem praticar à noite.

Quem tem unhas compridas não precisa de livros para se entreter.

Voltando.

Às vezes, ao narrarmos, usamos um golpe baixo.

Para despertar o sonolento leitor, inventamos uma reviravolta. A traidora quer voltar, joelhos postos em terra, para o homem que abandonou.

Trata-se de uma estratégia puramente cínica, igual às usadas pelos escritores assalariados do cinema ou das telenovelas.

Encerramos este capítulo, aqui, com o mais precioso conselho que nos legou o belga Georges Simenon (conselho, aliás, dado a ele pela impudica Colette).

Quando tiver concluído seu livro, volte à primeira página e comece uma faxina: elimine todas as palavras e frases que possam soar literárias ou livrescas. *Omnia vincit amor.*



## **É PRATICADA MAIS PELAS MULHERES**

— *Dizem que a infidelidade, hoje, é praticada mais pelas mulheres do que pelos homens. O que senhor concorda, professor?*

— *É possível.*



# **CAPÍTULO X (LETRA XIS, NÃO O NÚMERO 10, ROMANO), NO QUAL SE TEM ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE O MISTERIOSO NARRADOR DO SANATÓRIO ESPÍRITA**

Assim como Virgílio guiou Dante pelo Inferno, Ggl, Tst e Tch conduzem-me enquanto palmilho o inferno automobilístico em que se transformou também esta bela cidade, localizada no Extremo Sul de um caótico país pato-agônico.

Indo de casa à universidade e de lá retornando, horas depois, cotidianamente costuro com meu automóvel as estreitas ruas desta urbe. E, enquanto navego no mar de latas coloridas, rabisco mentalmente historinhas.

Uma história: um conto.

Vários contos: uma novela.

Várias novelas: um romance.

Agora, apresento-me: César Alexandre Guimarães-Honorato e Cazeneuve de Sampaio, 60 anos, 75 quilos, 1m82, praticante de dois misteres: um sensato (professor de universidade com, dizem, reconhecida capacidade) e um insensato (autor de breves relatos ficcionais).

Serei o tapeceiro da obra que aqui se engendra, esse profano rosário de miçangas livrescas.

Guiado por meus mestres, eu vos conduzirei nessa messe.

Para obter mais informações sobre vida e obra do Tsar Alexander Aurelianovitch, dirija-se à Seção de Literatura Produzida em Nossa Cidade da Biblioteca Pública Pelotense.

## **MATÉRIA-PRIMA NÃO LHE DEVE TER FALTADO**

— O senhor chegou a ter alunos no Sanatório?

— Sinceramente, isso eu não saberia lhe responder.

— Por quê? Não lembra?

— Não me recordo de ter ministrado aulas ou oficinas. Mas lá no Sanatório, durante as refeições, conheci pessoas interessantes, delegado. Gente de todo tipo. Jovens, idosos e de meia-idade. Trabalhadores braçais, empresários e profissionais liberais. Simpáticos ou arrogantes. Pudicos ou licenciosos. Alguns me relataram passagens curiosas de suas vidas. Pode ser que...

— *Matéria-prima não lhe deve ter faltado.*



# O DESVARIO DA CÓPULA SEM CULPA

Retornemos, irmãos, à narrativa.

Viajávamos de Lisboa, velha cidade cheia de encanto e beleza, para Paris, meus três mestres eslavos e eu, quando nos extraviamos e acabamos dando com nossos costados náuticos na ilha da Córsega, Oceanô Mediterrâneo. Lá fomos levados à casa do senhor Prósper Merimée, cidadão elegante, historiador respeitado e autor de narrativas ficcionais concentradas. Recebeu-nos ele com chá quente e incontáveis mostras de sua reconhecida cordialidade.

Contou-nos ele, naquela ocasião, a história de Fortunato Falcone, menino mau e venal, que trai um primo, vendendo-o à polícia. Tradução de Tradição: Traição. O pai de Fortunato, chamado Matteo, ao descobrir a safadeza do menino, mata-o com um tiro, mas só fuzila o moleque depois de verificar, com o calcanhar da bota, que o solo onde se encontram é fofo, de modo a não ter muito trabalho, depois, para enterrar o filho.

A seguir, o senhor Merimée relatou-nos uma tragédia que presenciou durante uma de suas viagens à Catalunha. A casa de um nobre local, onde se hospedou, foi palco de um drama insólito e inquietante. O garboso e atlético filho dos donos da casa morreu durante sua noite de núpcias. Persignemo-nos. No fragor da hora, concluiu-se que, sem dúvida, a autora do crime teria sido sua jovem e concupiscente esposa, encontrada ao romper do dia de olhos arregalados, em estado de choque, sobre o revolto leito conjugal, revolto porém ima-

culado, já que não se viam nos lençóis de linho os tão esperados signos sangrentos.

Porém, ao final, descobre-se, para espanto de todos, que o rapaz fora assassinado por uma estátua de bronze forjada séculos antes, quando aquelas terras estavam sob o jugo do Império Romano. Por quê? Porque, pouco antes da boda, quando se preparava para jogar uma partida de pelota basca, o idiota do rapaz, abobado como todo atleta, havia cometido a suprema tolice de colocar seu anel de casamento no dedo anular da estátua. Ora, era uma estátua de mulher. Mesmo de bronze, era romântica. Entendeu aquele gesto fortuito como um sinal de paixão.

Penso em silêncio, dialogo sardonicamente com as casas de meus botões. Mas isso faz sentido, claro! É mais fácil apaixonar-se por uma mulher de bronze, eternamente condenada ao silêncio.

Em cartório, depois, durante seu depoimento por escrito, alegou a referida estátua romana que havia matado o sujeito porque ele prometera desposá-la no momento em que metia-lhe no dedo o anel como prova de eterno amor. E não cumprira.

Quando, apesar da saborosa conversação do senhor Merimée, começamos um respeitoso movimento de retirada em direção ao motel onde estávamos instalados, o mencionado escritor confessou-nos que, das poucas obras que escrevera, a sua preferida era a novela (para alguns, um conto longo) intitulada “Carmen”. Gostaríamos de saber como ele a havia escrito, em que pessoas e fatos se inspirara?

Meus três mentores puseram-se a aplaudir espalhafatosamente. Sapatearam de felicidade. Gostaram, sim, muito.

Quis eu saber o motivo de tanta euforia.

Em resposta, perguntaram-me se eu, iletrado e inculto, não lera “Carmen”.

Não respondi.

Quero dizer:

— Não — respondi.

Amuado, na verdade fulo, o senhor Merimée levantou-se incontinenti e, com o indicador em riste, apontando para a ala residencial do seu palácio, ordenou-me que fosse já para um dos quartos, tendo como castigo a obrigação de ler ainda naquela noite a tal novela.

Enquanto o senhor Próspero permanecia na sala pavoneando-se diante de meus mentores euroasiáticos, percorri com olhos incendiados a citada novela. Avancei por ela acometido por um crescente desassossego.

Hoje posso dizer a vocês que se trata de um dos livros mais infames e corruptos de que já tomei conhecimento.

Carmen é uma personagem feminina que escolhe ao acaso os homens com os quais pretende fornicar.

*Amar-te é impossível. Viver contigo eu não quero.*

O ato para ela não visa jamais à reprodução. Porém não se trata, no caso, de mera concupiscência ou lubricidade. Não! É pior. Ela entrega-se a certos homens para obter informações sobre como roubá-los e matá-los mais facilmente depois. Por fim, como que para culminar sua caminhada em direção à iniquidade, ela apaixona-se por um toureiro, certamente um efeminado, como todos os toureadores.

*Pela última vez, eu gritei:*

*— Tu não queres ficar comigo?*

— Não, não, não — disse ela, batendo o pé.

*E tira do dedo um anel que lhe havia dado e joga-o no mato.*

Pioneira no desvario da cópula sem culpa, Carmen abriu o caminho para todas elas.

Por isso, tomado de robusta agitação metafísica, tendo em vista que recentemente atravessara grave turbção amorosa, posto que minha companheira deixara de cumprir cláusula pétrea do nosso contrato (a chamada fidelidade), solicitei ao senhor magistrado que determinasse a separação de corpos e bens. Cartório da Zona, Pelotas, subúrbio de Montevideu, Argentina. *Delirium tremens.*

## **É DE RACHAR UMA PESSOA PELA METADE**

— Começo a achar que esse seu arrazoado é sobre as mulheres. Mais exatamente contra elas. É isso, professor?

— O arrazoado, como o senhor diz, não é meu. É daqueles que tomaram posse do meu espírito.

— Sim, mas... Permita que eu lhe faça uma confissão.

— Claro.

— Também gosto de histórias de amor. Elas me tocam no fundo do coração. E essa que o senhor contou sobre o amor de uma estátua por um atleta é de rachar uma pessoa pela metade.



## **OBRA NÚMERO 5 (NINGUÉM PRESTA ATENÇÃO EM NINGUÉM)**

Prezado senhor, sou sua vizinha há um mês, mas só agora tomei a decisão de escrever-lhe. Espero que fique feliz ao receber esta carta. Acredito que seja um homem reservado e que detestaria ser incomodado por uma pessoa invasiva. Não é o meu caso. Não se preocupe. Sou uma mulher bem mais jovem que o senhor, talvez mais nova do que a filha que o senhor provavelmente tem. Sou uma pessoa feliz e bem humorada.

Passo o dia sozinha. Trabalho em casa. Fico a maior parte do tempo num canto da sala batucando nas teclas do computador. De hora em hora, me levanto, me aproximo do muro da varanda e olho para baixo. Quase sempre vejo o senhor no seu belo apartamento de cobertura.

Vivíamos em uma casa confortável em um bairro distante do centro. Tínhamos um belo quintal, imenso, com muitas árvores frutíferas. Nos meus intervalos de descanso (a cada hora concedo-me dez minutos de folga), eu caminhava pelo pátio. Amava esses passeios.

Mudamo-nos para cá...

Por que uso o plural?

Porque somos três: minha filhinha, meu marido e eu.

Por que saímos de uma casa ampla para um apartamento de apenas sessenta metros quadrados?

Por dois motivos. Primeiro: aqui estamos mais perto de hospitais e de consultórios médicos, caso nossa filha precise de socorro. Não, não se preocupe. A menina é saudável, gorduchinha e risonha. Nós é que, como muitos pais jovens, somos um tanto paranoicos.

O segundo motivo é que meu marido não queria mais perder tempo nos deslocamentos de casa para vir ao trabalho no centro da cidade.

No início, aqui, sofri bastante. Chorei muitas vezes. Minha filha vai crescer confinada neste apartamentinho?

Aos poucos me acalmei. Ela não se preocupa com o tamanho do apartamento. Chora apenas quando está com fome e quando quer que eu lhe troque as fraldas.

Depois do nascimento dela, os meus instantes de desligamento se tornaram raros. Para sentir que estou viva, preciso de alguns minutos relaxados. Para pensar, para não pensar, para ficar só respirando e olhando ao redor sem fixar a atenção em nada.

Num desses momentos inteiramente meus, da varanda, eu vi o senhor no seu pátio suspenso, olhando bonsais. De costas para mim, fazia aquilo com vagar, prazer e carinho. Um senhor idoso, de cabelos brancos.

Corri à sala e apanhei o binóculo do meu marido. Durante um tempo ele tentou ser observador de pássaros, mas desistiu. É muito agitado.

Quando, por fim, o senhor voltou o rosto para o meu lado, pude vê-lo. Devo dizer que certamente o senhor foi um homem bonito. Ainda é, mas o que eu quero dizer é que, quando jovem, sem dúvida o senhor deve ter sido um galã, como se dizia antigamente.

Pouco depois o senhor sumiu no interior do apartamento. E a noite desceu sobre a cidade.

No dia seguinte, antes mesmo de começar a trabalhar, fui à varanda. Era por volta das oito. Vi então o senhor sentado, com os pés sobre a mesinha redonda, fumando um cigarro. Fumava com gosto e levantava o rosto para soprar a fumaça. Parecia não pensar em nada, divagava. Será uma pessoa sonhadora, aérea, como eu?

Depois de fumar o senhor permaneceu por mais uns minutos naquela posição, o rosto voltado para o céu, estirado, abandonado, recebendo a carícia do sol morno. Então apanhou o jornal que estava sobre a mesinha e mergulhou na leitura.

Nesse momento me afastei da amurada. Confesso que me senti um pouco envergonhada. Observar uma pessoa enquanto ela está distraída é algo quase obscuro.

Sim, de vez em quando sou meio dramática. Melodramática, na verdade. Mas, sinceramente, ali, naquele momento, eu me senti mal por estar invadindo sua privacidade.

Que direito tenho de observar um homem elegante, de uns setenta anos, enquanto ele descansa no seu pátio?

Nenhum direito. Nunca mais vou espioná-lo, jurei.

Mas a verdade é que, uma hora depois, no primeiro intervalo do dia, voltei a olhar na direção do seu apartamento.

À tarde, decidi tomar notas.

Pouco depois das três horas, o senhor sentou-se na poltrona que fica sob o telheiro com um livro na mão. Pude ver que era um livro grande e que o senhor virava as páginas com bastante rapidez.

Só pode ser um livro de fotos ou gravuras, pensei.

Fechado o livro, o senhor levantou e sumiu no interior do apartamento. Voltou pouco depois com uma xícara na mão. Sentou-se na poltrona e acendeu um cigarro. E mais uma vez colocou os pés sobre a mesinha redonda, por cima do livro fechado. E se entregou às tragadas, sempre levantando o rosto para o céu.

Era a imagem perfeita de um homem completamente feliz.

Ah, se eu pudesse fotografá-lo enquanto fumava de olhos fechados!

Bem, é isso, meu caro senhor. Além de me distrair observando-o da minha sacada, hoje, agora estou me entretendo ao escrever esta carta. Descobri seu nome com o simpático porteiro do seu edifício. Espero que o senhor não se incomode com o fato de estar sendo bisbilhotado. Afinal, hoje em dia, somos todos invisíveis. Quero dizer, ninguém presta atenção em ninguém.

No meu caso e no seu, somos verdadeiramente invisíveis. O senhor vive num belo apartamento de cobertura, provavelmente é aposentado e não deve ter muitos motivos para sair à rua. Também eu não sou vista por ninguém. Trabalho com tradução de textos comerciais, passo o dia confinada neste apartamento e presa à minha filha.

Espero, sinceramente, que o senhor fique alegre ao receber esta cartinha. Ninguém escreve mais cartas hoje em dia. E se ninguém escreve, ninguém recebe, claro.

Carinhosamente,  
Sua Vizinha Secreta

## **O QUE LHE FALTA É SABER FECHAR MELHOR AS HISTÓRIAS**

- *Interessante, sim. Mas que há uma leve conotação sexual, isso há. Não lhe parece, professor, que a moça está...*
- *Não. Não está.*
- *O senhor escutou essa história no Sanatório?*
- *É possível.*
- *O que lhe falta, professor, é saber fechar melhor as histórias.*



## A RESPEITO DO MOVIMENTO INCESSANTE

Como vimos até agora, a literatura é algo que se move. Para cima e para baixo. E vai de um lado a outro. Do escritor ao leitor. Os livros saem das editoras e correm às livrarias. E das livrarias seguem para as bibliotecas, particulares ou públicas. E delas, anos depois, vendidos, roubados ou apreendidos, partem para sebos ou fogueiras.

Os dedicados alunos não devem ler o romance policial intitulado *Um corpo na biblioteca*, de Agatha Christie.

A biblioteca ali é apenas o cenário para a desova de um cadáver.

O criador desta oficina literária indignou-se com o referido livro. Onde se viu uma biblioteca ser usada como desaguadouro de corpos sem vida? Trata-se de alguma terrível metáfora?

Da referida autora, Agatha Christie, leiam preferencialmente *O caso dos dez negrinhos*. Sonho secreto de todo juiz implacável, foi assim que meu falecido pai definiu esse livro sobre a morte de criminosos impunes por muitos anos.

Dotada de um notável senso de fabulação, a velhinha dos cabelos azuis matou muita gente.

Só recomendamos a leitura de livros de ficção policialesca para aqueles que um dia possam vir a querer assassinar alguém. Há boas ideias nesses romances.

Como a do senhor Edgar Poe, que colocou em cena um orangotango que tentou fazer a barba em uma mulher.

Livros policiais são sempre movimentados?

Sim.

Os detetives norte-americanos estão sempre indo de um lado a outro, trocando murros com marmanjos parrudos e beijando loiras.

Os detetives ingleses, sempre a bordo de trens ou navios, gostam mesmo é de beber o chá que lhes é servido por lindos valetes orientais ou núbios.

Poronha seus personagens para andar. Faça-os viajar.

Ação. Quem compra um livro policial quer mergulhar em uma fábula movimentada, quer livrar-se do charco de tédio no qual se encontra atolado. A vida real, verdadeira, é estática, entediante.

Só a ficção pode dar cor e movimento à vida.

Bem, para examinar os deslocamentos em uma obra de ficção, estudaremos agora o conto “Emma Zunz”, de autoria do bardo, poeta, aedo e vate Jorge Luís de Adrogué Borges.

Certa tarde, em 1922, uma jovem de dezoito anos, a que dá seu nome ao conto, dirige-se à zona portuária de Buenos Aires. Escolhe por lá, entre os muitos marujos estrangeiros, aquele que lhe parece falar a língua mais abstrusa e com ele entende-se pela linguagem universal da mímica.

*O homem conduziu-a a uma porta e depois a um turvo saguão e depois a um vestíbulo e depois a um corredor e depois a uma porta que se fechou.*

Por trás daquela porta fechada, Emma Zunz descobre, com a ajuda do marinheiro, o ato nefando que seus pais praticaram a fim de que ela viesse a este Mundo, Mondo Cane.

Coito! Há palavra mais horrenda?

Antes de ir ao cais, a maquiavélica garota havia marcado por telefone um encontro noturno com seu patrão, um industrial avarento chamado Aarão, alegando que entregaria a ele uma lista com os nomes das empregadas da fábrica que estavam articulando um movimento grevista.

Voltemos ao leito. Depois de submeter-se ao marinho, Emma conduz seu corpo maculado até a fábrica de Aarão. Lá, visivelmente destroçada, pede a ele que lhe traga um copo de água a fim de azeitar a garganta para melhor perpetrar a delação. O homem deixa a sala. Emma pega então em uma gaveta o revólver que sabia estar ali guardado. Quando Aarão retorna, ela o mata com um disparo. Depois se dirige à Delegacia de Polícia onde, de modo sinuoso, se declara violada pelo morto, que a teria chamado para fazer um serão, umas horinhas extras. Caso necessitassem de provas, ali estava seu corpo, o corpo dela, Emma, com sua fenda central ofendida, lambuzada e ensanguentada.

*A história era incrível, com efeito, mas se impôs a todos, pois substancialmente era certa. Verdadeiro era o tom de Emma Zunz, verdadeiro o pudor, verdadeiro o ódio. Verdadeiro também era o ultraje que sofrera; só eram falsas as circunstâncias, a hora e um ou dois nomes próprios.*

Emma move-se sem parar. De casa ao porto, do cais ao prostíbulo, dali segue para a fábrica, de onde se dirige para Delegacia de Polícia e de lá retorna ao seu leito de mulher sem homem.

Ah, esqueci-me de contar que o pai de Emma teria sido sócio do assassinado e que, traído por ele, havia se suicidado num hotel barato de uma cidade brasileira chamada Bagé.

Há quem diga que se trata de conto policial. Talvez seja. E dos melhores. O que há de mais significativo nele é sua verossimilhança. Só mesmo uma mulher poderia engendrar trama tão requintada. Mata um homem e no final acaba sendo vista, pelos policiais, como vítima. Oh, fêmeas!

O senhor Jorge Luís Borges era perito em criar deletérias personagens femininas.

Conhecem vocês Juliana Burgos, aquela ignominiosa que partilhava o leito conjugal com os irmãos Nelson e que, com justiça, acaba sendo sacrificada por eles?

*Cristián disse a Eduardo:*

*— Eu vou a um baile no salão do Farias. Juliana fica por aqui; se quiseres, podes usá-la.*

Lembram-se ainda da mocinha sem nome, filha do capataz da estância A Vermelha, que, no conto “O Evangelho segundo Marcos”, se entrega ao estudante Baltasar Espinosa pouco antes de crucificá-lo?

*Na escuridão, ele não a viu, mas, pelo som dos seus passos, notou que estava descalça e depois, na cama, que viera desnuda. Ela não o abraçou, não disse uma só palavra; apenas se deitou junto dele, trêmula.*

Para maiores informações, consulte Obras Completas Borgeanas, Barcelona, Budapeste, Bueno Zaire e Bratislava, 1981.

# **FORNICAÇÃO E ASSASSINATO**

— *Bah, que coisa de louco! Fornicação e assassinato.  
A gente vê isso o tempo inteiro na Polícia.*



# O HOMEM QUE SE TRANSFORMOU EM CASTANHA

Todas as histórias de amor terminam em tragédia.

O engenho humano ainda não se mostrou capaz de criar uma história de amor, de amor verdadeiro, que acabe bem.

Só agora, passado algum tempo da tormenta, arranjei coragem suficiente para iniciar o relato da minha própria desventura.

— Escreva — disse o médico turco. — Registre a coisa toda desde o início. Será como atarraxar a tampa do caixão.

Comecemos, pois, do dia em que, ao chegar ao apartamento, de volta do trabalho, ao final da tarde, não encontrei a mulher que havia escolhido para ser a companheira dos meus derradeiros anos.

Estava eu casado havia seis meses.

Como sempre fazia, ao enveredar pelo corredor, soltei a minha cálida voz confiante.

— Querida, cheguei!

O normal seria que ela, vinda da sala, onde assistia à televisão, corresse ao meu encontro para um beijinho rápido e a protocolar troca de frases, sem sentido, porém calorosas, que eclode quando se veem ao final do dia duas pessoas que moram juntas.

Vejamos um exemplo.

— Como foi na universidade? Tudo bem?

— Normal.

- Muita aporrinhção?
- Nem tanto.
- Cansado?
- Um pouco.
- Quer uma sopinha de pacote?
- Não!

Sim, toda tarde ela me oferecia a tal sopinha de pacote, sopa industrializada, que jamais aceitei.

Naquele dia, porém, silêncio. Nada de sopinha.

Ninguém veio ao meu encontro. Nem mesmo o assustador gato negro que ela trouxera como único e macabro dote do seu casamento anterior.

Como sou um homem sensível e imaginativo, já no primeiro momento pressenti a aproximação das turbulentas nuvens da tragédia.

Um sujeito qualquer pensaria em algo comum e corriqueiro. Quebrou uma unha e foi obrigada a buscar socorro em um instituto de beleza.

Eu, não.

Apressado, talvez antecipando no rosto a dor que os canastrões de melodrama costumam exibir, eu me dirigi ao nosso quarto.

Já no vão da porta vi confirmarem-se minhas suspeitas. O ventre do guarda-roupa dela exibia-se, indecoroso e nu, destituído de seus incontáveis vestidos, casacos, blusas, sapatos e botas.

Havia um pedaço de papel amarfanhado no piso do roupeiro. Desenrolei-o. Era um bilhete. Curto e mal escrito, porém contundente. Li-o com assombro, incredulidade e dor. Muita dor.

Depois, refugiei-me na biblioteca. E, sentado na poltrona que pertencera a meu pai, murchei rapida-

mente, exatamente como se vê nesses documentários de televisão que mostram, em fração de segundos, o fenecimento de uma planta sem rega ao longo de muitas jornadas.

Transformei-me em uma castanha. Sim, sugado o que havia dentro de mim, murchei tanto que virei uma daquelas castanhas dos natais da infância, castanhas cuja casca era quebrada por minha avó com um curioso instrumento que tinha algo de Inquisição.

Acomodei-me dentro de uma casca imaginária.

A castanha foi ao chão.

Encapsulado, voltado para dentro de mim, circunflexo como um neonato, fui encontrado no dia seguinte, às sete horas, pelo senhor Macieira, que há sessenta anos serve nossa família.

— Ai, Jisuis! Creio que o senhor professor está a precisar de um adjutório.

— Sou o edifício mais alto de Tóquio — respondi, com voz cava. — Mas não fui planejado para enfrentar terremotos. Era certo que um dia eu desabararia.

— Chamarei o senhor doutor Olivério.

— Diga a ele que fui eleito deputado pela Groenlândia. Assumirei amanhã um assento no Congresso da Dinamarca. Meu nome é Bernhard Goetvujs.

— Certo. O senhor doutor Olivério arranjará um modo de trazer o senhor de volta ao seu círculo de amizades.

O também quase centenário doutor Olivério, que cuidou de meu pai e também de meu avô, não logrou convencer-me a trocar nem mesmo as meias. Perma-

neci imóvel, os polegares enfiados na boca, os joelhos próximos do queixo, enquanto me aplicavam a injeção que me pôs para dormir.

## **A COISA FOI FEIA MESMO**

- *Cacilda, professor! O senhor chegou a pensar que era uma torre de televisão?*
- *Como já lhe disse, esses narradores...*
- *Barbaridade! A coisa foi feia mesmo.*



# BÍBLIA, LEVIATÃ

Onde estávamos quando paramos?

Vocês não sabem? Perderam-se?

A senhora, que me disse que é tradutora, não sabe?

Pois bem, por pirraça, decidi que seguiremos em frente. Saindo de onde? Daqui, ora!

Antes, porém, dar-vos-ei uma relevante informação.

Quando preparava esta aula, viajei ao Vaticano, proximidades de Andorra, onde me dirigi ao Senhor Cardeal Editor da Bíblia e solicitei-lhe, mediante petição registrada em cartório, a inclusão do conto longo ou novela curta “A morte de Ivan Ilitch” nas futuras edições do Livro Sagrado.

Aleguei que o senhor Conde Leon Filho de Nicolau Tolstói foi um homem bom e decente que desejou, mais do que tudo, educar o povo russo, fazendo-o abandonar a vodca, o tabaco, a preguiça e a ignorância, intento no qual falhou quadradamente.

De modo sutil, insinuei ao Cardinal que a novela mencionada acima poderia ser incluída antes ou depois do Livro de Jó, que, embora confuso e indefinido estilisticamente, é obra literária de inegável valor.

Depositada na prefeitura da Capela Sixtina ficou a petição registrada no Cartório do Décimo Ofício desta comarca de Pelotas, sendo que as custas foram pagas no cartão de crédito pelo solicitante, eu, Czar Alexander Aurelianovitch de Moscovo.

De volta a esta nossa querida Princesa do Sul,

prossequi na elaboração da aula que eu, eu mesmo, vos ministro agora.

Conhecem o contista Joseph Roth?

Não percam tempo! Saiam pelos sebos virtuais recolhendo o que acharem dele. Comprei o último exemplar do conto longo (ou novela curtíssima) intitulado “A lenda do santo beberrão”. Há muita graça no que escreve esse brilhante jornalista de língua alemã, que nasceu na Pequena Rússia. Quero dizer, Joseph Roth veio à luz lá onde acaba a Europa, justo quando começa a terra dos homens abençoados pelos Deuses da Escrita.

De Joseph Roth leiam também *O Leviatã*, que narra as desventuras de um vendedor de corais que vivia em uma região da Ucrânia muito afastada do mar. Em sua casa-estabelecimento comercial, empregava muitas mulheres que enfiavam corais em colares como nós, aqui, encaixamos contos em uma narrativa mais extensa. Era um amante de corais que não conhecia o mar, mas tinha muita curiosidade sobre tudo que se referisse a portos, embarcações e marinheiros.

Então, só para que vocês se localizem, informo que estamos, neste momento, na pátria do senhor Gogol, e dela não nos afastaremos. Pelo menos nos próximos cinco minutos, tempo para um cafezinho.

# **SÓ ME ENCONTREI NA VERDADEIRA IGREJA DE JESUS**

— *Por falar em Bíblia, o senhor é católico, professor?*

— *Fui. Mas após a morte de minha mãe, não fomos mais, papai e eu, à igreja. Na verdade, meu pai só ia à missa por causa de mamãe. Odiava padres.*

— *Também fui católico. Mas só me encontrei na verdadeira igreja de Jesus, a que lê e pratica o Evangelho.*



## BÁRBAROS E BIBLIOTECAS

Bebida a infusão de rubiácea, deixamos para trás a Ucrânia.

Partimos apressados em direção a uma biblioteca. Qualquer uma.

Chegamos pouco depois à cidade de Alexandria, Norte da África, onde fomos recebidos pelo senhor Kafavis, bibliotecário e poeta.

Andava ele agitado pela iminente chegada dos bárbaros àquela urbe. Espantou-me que ele não demonstrasse medo diante do desembarque iminente de godos, visigodos e ostrogodos, hunos, alanos e germanos. Aliás, pelo contrário, deu-me a impressão de que aguardava ansiosamente a presença de toda essa gente bruta.

Encontramo-nos, eu e o grande bardo egípcio, que escrevia na língua das sereias e de Ulysses, num toucador de teatro, onde ele estava provando o terno negro com o qual pretendia se apresentar aos bárbaros.

Porém, pouco depois de trocarmos meia dúzia de frases, chegou-nos a informação de que nem os mongóis nem os tártaros viriam mais a Alexandria. Kafavis então desabou. Simplesmente pôs-se a chorar, cotovelos na mesa, cigarro fumegando entre os dedos trêmulos, com seus muitos anéis a chacoalhar como guizos de cascavel. Saí de lá mais triste do que cheguei.

Na saída da biblioteca de Alexandria, encontrei-me com um cidadão magro, praticante do idioma de Cervantes, que me disse:

— Leve esta informação privilegiada aos seus promissores alunos: o senhor Kavafis está na reduzida lista dos poetas modernos que o Senhor perdoará no dia do Juízo Final.

Aquele cidadão grisalho era ninguém menos que o senhor Jorge Luís Borges, veranista de Adrogué, Uruguay.

— Todas as bibliotecas são iguais — acrescentou ele. — Porque nenhuma delas possui os livros que não foram impressos, que são bem mais numerosos e relevantes dos que os que mereceram a azáfama insone dos editores e a exaustão suarenta dos gráficos.

Ouvi aquelas palavras com certo distanciamento porque um diabinho naquele exato momento assoprou-me no ouvido: “Não preste atenção no que diz esse velho de espevitadas sobranceiras. A conversa dele é típica de alguém que ascendeu, num golpe de caneta, em uma revolução, de obscuro bibliotecário de subúrbio a diretor da maior biblioteca do seu País. Coisas da política”.

Irônico, indaguei:

— Senhor Borges, como devo me portar em uma biblioteca?

— Nos templos da alta cultura, o que mais importa é a contrição. Entre calado e permaneça o tempo todo de boquinha fechada.

# ALIMENTAÇÃO SIMULTÂNEA: FÍSICA E ESPIRITUAL

Discorreremos agora sobre a leitura.

Para o aspirante ao glamoroso mundo das letras, tão importante quanto o treinamento diário da escritura é a leitura incessante.

O futuro autor deve ler o tempo inteiro. Livros bons e ruins. Serão ruins principalmente porque, como é do conhecimento geral, em sua maioria as obras impressas são de péssima qualidade.

Lerá antes, depois e, sobretudo, durante as refeições.

Terá permanentemente um livro aberto diante do prato.

É o melhor uso que pode fazer de seu tempo um ser humano que, obrigatoriamente, deve permanecer imóvel para, mastigando, reabastecer-se de energia.

Quem lê durante suas três refeições diárias, meu caso, pode ganhar em média setenta e cinco minutos por dia. Quinze no café da manhã, meia hora no almoço e meia hora no lanche da noite.

Quinhentos e vinte e cinco minutos por semana. Um total de 456 horas de leitura a mais por ano.

Para que perder tempo olhando os pratos e os alimentos neles servidos?

O que há ali além de nutrientes?

A comida é preparada a fim de ser mastigada e não para ser admirada.

Ou sorvida, no caso de sopa.

Tanto faz comer pão ou biscoito.

Tanto faz comer pimentão verde ou amarelo.

Tanto faz mastigar ou não mastigar.

Quem não mastiga poupa os dentes.

Comida gostosa ou gororoba, tanto faz.

O verdadeiro amante dos livros não se interessa por gastronomia. Ele apenas se alimenta.

Enquanto come, o homem pragmático que lê obtém, ao mesmo tempo, nutrientes para seu corpo e para seu espírito.

Porém, caso se case, você perderá esse precioso tempo de fruição leitora porque esposas precisam de ouvidos à disposição até mesmo quando estão à mesa. Mulheres conseguem falar até mesmo enquanto mastigam. Mulheres odeiam livros abertos sobre uma mesa servida. Mais do que tudo, as mulheres odeiam os livros.

O mais intenso prazer físico que um homem pode sentir, repito, resulta da fruição de um bom livro.

Ler é também um ato físico. Você gasta muita energia ao segurar um volume bem volumoso.

## UMA LEITURA ACIDENTAL

Aos doze anos viciiei-me em leitura.

Noite, com a casa mergulhada em sono e silêncio, abri *A ilha do tesouro*. Resvalei rapidamente pelo primeiro parágrafo e logo, sem perceber o que de milagroso estava ocorrendo, fui sugado para dentro daquelas revoltosas páginas.

Aconchegado ao couro macio da poltrona de papai e, ao mesmo tempo, de pé, ao lado da roda do leme, comandi meu navio na travessia do mar encafelado e, chegando ao destino, a ilha fantástica, consegui engambelar os piratas sanguinários até localizar as arcas repletas de moedas de ouro e pedras preciosas. Embora acossado pelo frio crescente, aguentei-me por horas. Adormeci sentado naquela ampla poltrona, eu, um magro menino ilhado, cercado de livros por todos os lados. No dia seguinte, repassado de frio, azulado, fui encontrado pela arrumadeira sobre o tapete da biblioteca para o qual meu corpo dormemente deslizara.

A surpreendente informação subiu a meu pai.

Temi uma punição tremenda, mas ele foi compreensivo.

— Querido César Alexandre, a partir de hoje lerás até às 22 horas, quando apagarás a luz e mergulharás no amplexo de Morfeu. Se, porém, infringires esta regra, como castigo, não lerás por duas noites sucessivas. Uma nova infração implicará em pena dobrada. Ou seja, quatro noites. E assim por diante. Resumindo, se cometeres esse delito em cinco oportunidades, já es-

tarás chegando a sessenta e duas noites sem a companhia de um livro. É uma punição severíssima, reconheço, mas que, mesmo penalizado, aplicarei para teu bem e proveito.

Nem preciso dizer a vocês que jamais fui sentenciado, embora com frequência descumprisse a lei. Os livros mais fascinantes eu os lia escondido, com o auxílio de uma pequena lanterna, enfiado sob os lençóis.

A leitura fanática pode causar sequelas físicas.

Narremos uma divertida, porém quase trágica, aventura.

Certa vez, num janeiro senegalês, desembarcava eu de um ônibus lotado na paragem mais próxima do Laranjal Praia Clube. Aos catorze anos, eu pesava quarenta em oito quilos. Era o último dos que se espremiavam pelo corredor atulhado em direção à porta de saída. Progredia lendo *O chamado da selva*, do senhor Jack Londres. Alcancei a porta, mas não desci de imediato. Resolvi concluir a leitura do parágrafo. Rapidamente, meus olhos percorreram as quatro linhas que faltavam e saltei. A porta não fora fechada. Desembarquei no ar em movimento. O motor roncava e o motorista já engatava a terceira marcha.

Eu usava sandálias de couro.

O contato do meu pé esquerdo com a fina camada de areia sobre o chão duro resultou na imediata corrosão das unhas de quatro dedos. Salvou-se o mindinho. Com o impacto no solo, alcei voo, cheguei talvez a dois metros de altura e embiquei de cabeça em direção ao solo. Caí sobre as palmas das mãos, que sofreram destruição significativa. O ombro esquerdo da camisa, ralado pela areia, sumiu. A internação hospitalar foi de

uma semana. O mais penoso, nos meus dias de Beneficência Portuguesa, foi ler segurando o livro apenas com as pontas dos dedos das mãos enfaixadas.

Só alguém ferido daquele modo conhece a importância fundamental das palmas das mãos para o gozo de uma boa leitura.



## UMA PERGUNTA QUE SE REPETE

No leito do hospital, mumificado em gaze, entre um capítulo e outro, ergui meus olhos para a tarde luminosa lá fora e perguntei:

— Pra que serve a literatura?

Essa não é uma pergunta que um politraumatizado se faça, mas obviamente interminável coluna de jovens sonhadores engessados já a formulou e ainda mais obviamente cada um deles alcançou uma resposta única, exclusiva e pessoal.

Até hoje, eu, modesto escriba deste município austral, ainda me pergunto, todo dia, sobre o recôndito fundamento do ofício intelectual e artístico que exerço com firmeza e empenho, embora um tanto desencantado. A cada dia localizo uma reposta diferente, cada dia me entrega uma conclusão diversa.

Divido com vocês, contistas iniciantes, a definição que me foi repassada nesta madrugada indormida por um de meus mestres, provavelmente o príncipe Bolkonski-Tolstói.

A literatura existe para que os escritores, enquanto praticam o milenar artesanato da fabulação, não levem adiante atos criminosos.

Como, por exemplo, surrar esposas infiéis.

A função da literatura é, portanto, preventiva.

Enquanto escreve, um ser humano não causa danos aos demais.

Enquanto escreve, um ser humano não pensa na morte. Na sua morte e na Morte.

Há escritores para os quais a prática desinteressada da árida escritura é o bálsamo que os impede de enlouquecer.

Para outros escribas, o ato de imaginar uma aventura rocambolesca é justamente o que lhes faltava para que fiquem doudos, como diria o desembargador Machado de Assis, Ouvidor de Itaguaí, Império de Dom Pedro, O Barbudo.

Enlouquecer ou não enlouquecer?

Eis a dúvida com a qual se erguem do leito, ao romper da manhã, pouco antes de enfrentar o negro teclado, todos os escreventes.

Enlouquecer medianamente, sem perder totalmente a capacidade de enfileirar sujeito, verbo e predicado, pode ser uma saída paliativa.

Enlouquecer totalmente a ponto de ser incapaz de escrever uma só linha pode ser uma excelente solução.

## **SERÁ?**

— *O senhor tem certeza de que quem escreve não pratica crime? Nem surra esposa infiel? Será?*



## **OBRA SEM NÚMERO (A ATRAÇÃO DOS LATINOS PELO FRACASSO)**

A posição de relativo destaque desfrutada hoje por Fred Hart entre os escritores policiais que atuaram nos Estados Unidos na década de 40 do século passado lhe foi assegurada por um livro intitulado *O resgate da gangue de Frank Butter*, de autoria do professor Joaquín Maria Moretti de Aguirre, da Universidade Autônoma de Madri.

A ressurreição de Fred Hart (1899-1948) só se deu porque Joaquín Maria, uruguaio de Salto, escolheu a metrópole da América do Norte para ali amargar seu exílio. Os pais dele queriam que fosse para a Europa, porém mais alto falou a paixão que o rapaz nutria pela literatura policial norte-americana.

O modestíssimo sonho de Joaquín Maria, aos 21 anos, era, concluída a universidade, passar um ano em uma sonolenta cidadezinha na fronteira com o Brasil, onde seu pai possuía uma casa herdada de ancestrais bascos. Pretendia ali dominar o áspero português fronteiriço ao mesmo tempo em que mergulharia no cotidiano do vilarejo. De posse desses conhecimentos, da língua de Camões em sua versão para contrabandistas e da vida insossa num cafundó, escreveria mais tarde, com proustiana dedicação, um romance histórico sobre a chegada maciça de vasos espanhóis ao Sul do Continente no final do século XIX.

Esse sonho evaporou-se em um dia ventoso e frio de julho quando Joaquín Maria subiu a um palanque no qual jovens barbudos raivosos discursavam contra o governo. Desprezando os políticos e a política, Joaquín Maria não chegou àquele púlpito para destratar autoridades ou exigir liberdade, como escreveram depois historiadores desavisados. Na verdade, sequer subiu ao palanque. Foi colocado lá à força. Mas, aproveitando o ensejo, pronunciou então uma desconchavada e hilariante arenga que ainda naquele mesmo dia correu de boca em boca pelas gélidas ruas da capital uruguaia com a velocidade das labaredas que devoram os campos estorricados de janeiro...

Não, não nos antecipemos.

O jovem Joaquín Maria pretendia também, depois de lançar o romance que lhe faria luzir o nome no vasto mundo literário hispânico, escrever soturnos contos campeiros, como o faziam muitos escritores de sua pequena e orgulhosa nação. O núcleo verdadeiro de sua obra seria formado por curtas histórias trágicas protagonizadas por homens taciturnos.

Mas, por azar, na época de sua desgraça, andava alinhavando — apenas para treinar os dedos, como dizia — um folhetim de casos burlescos protagonizados por um fabuloso coronel, Buenaventura Pasión, veterano de muitas refregas eleitorais e guerreiras, um anti-herói irônico, desbocado, parlapatão e pantagruélico.

No dia fatídico, Joaquín Maria carregava no bolso de sua jaqueta de couro o original desse folhetim.

Bem, já que estamos falando de alguém que se tornou renomado professor de literatura, é importante consignar que Joaquín Maria havia publicado, um ano

antes, no *El Nacional*, um ensaio, intitulado “Neblina e escárnio”, com o qual pretendia demonstrar que a Grã-Bretanha e a Irlanda só eram o berço de magníficos escritores satíricos por sofrerem com um dos piores climas do mundo. Por outro lado, ele defendia que, embora nascidos em terras ensolaradas, italianos, espanhóis e portugueses eram os autores dos livros mais lúgubres da literatura mundial.

Leitor onívoro, Joaquín Maria entremeava a leitura de romances clássicos (dominava também o inglês, o francês e o português) com coletâneas de contos argentinos, brasileiros e uruguaios. Como muitos rapazes daquelas terras austrais, sentia-se literariamente mais atraído pelo rude cotidiano dos gaúchos do que pelo vazio espiritual das cidades. Para espairar o espírito, no intervalo entre a leitura de duas obras densas, devorava romances policiais norte-americanos.

Como foi Joaquín Maria parar em cima do tal fático palanque?

Foi assim.

Naquele dia ele havia almoçado num restaurante do Mercado do Porto em companhia de dois colegas e de três garrafas de vinho. A primeira botelha, esvaída antes que fizessem o pedido, já os deixou alegres. A segunda acompanhou o despacho das carnes e a terceira foi consumida, entre gargalhadas, durante a leitura que Joaquín Maria fez dos capítulos iniciais de *As mais tristes desventuras do valoroso coronel Buenaventura Pasión*.

Risonhos ainda, bochechas vermelhas e pernas incertas, os três jovens ganharam a rua ventosa. De repente, ao quebrarem uma esquina, viram-se diante

de um ajuntamento em uma praça. Enfiaram-se pelo meio da ululante multidão até que se detiveram ao pé dos oradores.

Livres-pensadores, indiferentes à política, praticamente anarquistas, perceberam ali uma excelente oportunidade de diversão. Estavam em um posto privilegiado para a fruição das frases feitas e dos chavões dos furibundos discursadores, muitos dos quais conheciam de vista da universidade.

Resolveram desempenhar o sempre divertido papel de bêbados de comício. Passaram a aplaudir com grande entusiasmo toda e qualquer tirada dos oradores, especialmente as mais idiotas. De vez em quando soltavam em voz alta uma piada.

Como confessaria trinta anos depois, já então proprietário de veneranda barba grisalha e rotundo e dilatado ventre, Joaquín Maria estava ali também para, se possível, bolinar alguma donzela.

À época ele era açoitado por um recorrente sonho erótico no qual fazia amor com uma guerrilheira tupamara, vestida de Branca de Neve, que o fustigava com um chicotinho, chamando-o de “sórdido porco capitalista”.

Tudo correu bem no início. Às vezes uma das piadas dos mancebos que recendiam a vinho obtinha o reconhecimento do público. De vez em quando Joaquín Maria conseguia se roçar em alguma garota.

Ocorre, porém, que, no intervalo entre as falas de dois oradores, alguns marmanjos grandalhões — cansados das piadinhas infames e das esfregas — resolveram colocar Joaquín Maria, o menor dos três amigos, em cima do palanque. Pegaram-no pelos braços e per-

nas e, erguendo-o por cima de incontáveis jovens cabeças excitadas, lançaram-no deitado sobre o tablado.

Ao se levantar, Joaquín Maria surpreendeu-se com a visão da multidão que ria às bandeiras despregadas. Não demorou um segundo para descobrir o que tinha de fazer. Retirou do bolso da jaqueta o manuscrito amarrado que pouco antes lera para os colegas. E, com voz pastosa e queixo duro, começou a narrar *As mais tristes desventuras do valoroso coronel Buenaventura Pasión*.

As gargalhadas e os cacarejos se sucediam num rugido crescente como ondas de um mar furioso.

Os organizadores do comício demoraram preciosos minutos até perceber que o baixote magricelo tinha de ser arrancado dali imediatamente. Debochava dos militares, sim, mas avacalhava também o protesto. Vacilaram um pouco a retirá-lo dali porque sabiam que não se deve contrariar uma multidão que ri.

Em que consistia a novela de Joaquín Maria? Era um livrinho tosco, porém movimentado e divertido, no qual o autor enfileirava piadas — contadas pelo coronel — sobre a estultícia e a avareza dos poderosos, rurais ou urbanos.

Como Joaquín Maria construiu sua noveleta?

Pela junção de inúmeras piadas. Ele simplesmente agarrava o esqueleto de uma historinha engraçada e decorava-o com roupas e adereços. E depois dava um jeito de uni-la a outra piada, também estilizada. O coronel Buenaventura Pasión era o protagonista / narrador do rosário de chistes e palhaçadas.

Se fosse atento às coisas da política daquela época, Joaquín Maria certamente não teria concedido uma patente militar a seu pícaro herói.

Amolecido pelo vinho e pela vertigem de ver-se acolhido por uma cumplicidade multitudinária, Joaquín Maria fez a leitura dos dois primeiros e breves capítulos do seu para sempre inédito folhetim até que, sob palmas e assovios, mais de apoio que de repúdio, foi sacado do palco.

Horas mais tarde, sóbrio à custa de três xícaras de café amargo, atravessou em alta velocidade, num carro de amigos de sua família, o cenário — pequenas cidades indolentes — que elegera como palco para as patifarias do coronel Buenaventura.

Ao raiar o sol, no dia seguinte ao de seu efêmero triunfo oratório, cruzou uma rua e adentrou um exótico país chamado Brasil, que também vivia, à época, dias impróprios para piadistas.

Três semanas mais tarde chegava a Caracas, de onde voou para os Estados Unidos. Lá, já estudante da Universidade de Nova York, recebeu a incumbência de resenhar um livro policial escrito nos anos 1940. Deram-lhe a oportunidade de optar entre os consagrados Dashiell Hammet ou Raymond Chandler. Ocorre, porém, que Joaquín Maria Moretti de Aguirre tinha verdadeira obsessão por escritores menores. Achava que a paixão pelos fracassados era um traço distintivo dos latinos, dos católicos, que jamais seria compreendido por mestres norte-americanos, protestantes. Por isso, para desafiar seu orientador e afrontar a mentalidade anglo-saxônica, escolheu escrever sobre *A gangue de Frank Butter*, de Fred Hart, escritor de segunda ou terceira linha.

Foi assim que saíram do anonimato e do esquecimento um hoje famoso ensaísta latino-americano (que

não escreveu um romance histórico e nem mesmo um só conto duro) e o divertidíssimo Fred Butter, protagonista da obra mais representativa do que hoje se conhece como romance policial-pastelão.



## NARIZ E LOUCURA

O senhor Nicolau Filho de Basílio Gogol, nosso estimado mestre espírita e espiritual, reconhecia, em círculos íntimos, que abilolou-se tanto pela prática impenitente da escritura quanto pela dimensão de seu próprio nariz, incomum e descomunal.

*E, adoidado ficando, escreveu “O diário de um louco”, que, impresso, virou conto.*

*Nenhuma data.*

*O dia não tinha data.*

*Andei incógnito pela avenida Niévski. Passava o soberano imperador. Toda cidade tirou o chapéu e eu também; no entanto, não dei sinal de que sou o rei de Espanha.*

Um conto magnífico, que nos revela, entre outros achados, que os cães, especialmente as cadelinhas le-  
vianas e vulgares, vivem a travar diálogos destituídos de interesse intelectual.

Por que enlouqueceu o narrador do conto?

Porque não logrou alcançar o amor de uma mulher.

Por falar no senhor Gogol, se algo mais tivesse que declarar aqui sobre esse ínclito escritor eslavo, eu me arriscaria a asseverar de modo severo que ele trata, em suas curtas histórias, principalmente da inocuidade da vida e obra dos funcionários públicos, mesmo que estes sejam juízes que gozam do pleno respeito de seus colegas, como era o caso de meu genitor, casado que foi com minha mãe, dona Eleonora Quitéria.

Já os meus pais — dos quais sou rebento infecundo e único, talvez o último de viçosos e remotos ramos

lusos e basco-franceses — legaram-me um apartamento de cobertura que me serve de residência e quatro imóveis que alugo. *Rendere, pecunia*. Mas o que de mais valioso herdei foram os sobrenomes bicentenários, alguns deles pertencentes a barbudos que foram predadores de índios e de terras nesta Província de São Pedro.

— *Não estou entendendo absolutamente nada* — respondeu o nariz. — *Explique-se de forma mais conveniente.*

— *Excelentíssimo senhor...* — disse Kovaliów com um sentimento de amor-próprio. — *não sei como entender suas palavras... Aqui tudo me parece muito claro... Ou se o senhor quiser... pois, o senhor é o meu próprio nariz!*

O senhor Gogol, um de meus instrutores espirituais, gostava mesmo era de flunar pelas ruas de São Petersburgo, a mais deslumbrante metrópole do Universo, capital do Planeta Terra, arredores da Finlândia.

## **ESSE BURACO NA MEMÓRIA DEVE DOER MUITO**

— *De novo surge a loucura... O cara que perdeu o nariz, as cadelinhas falantes.*

— *Ah, Gogol! Morreu louco.*

— *Enquanto o senhor lia, eu pensava: deve ter sido duro para o professor, um homem estudado, passar esse tempo todo lá no Sanatório.*

— *Não tenho lembranças. Nem más nem boas.*

— *Esse buraco na memória deve doer muito na alma do senhor.*

— *Assim, assim.*



## A FISILOGIA DA OBRA-PRIMA

Se quiserem saber se um conto tem valor, torçam-no.

Se o que pingar da folha impressa for um amálgama róseo de sangue, saliva, suor e sêmen, trata-se de uma obra-prima.

O que pronunciei no parágrafo imediatamente anterior implica na seguinte assertiva: a genialidade escriturária foi vetada ou vedada às mulheres.

Por quê?

Porque não dispõem dos quatro esses. Falta-lhes o fluído que fecunda.

Tenho dito e repetido, até mesmo em fóruns internacionais, arrostando a ira das promotoras da igualdade de gênero, fanáticas antifáticas. Patenteei essas afirmações desbravadoras, paguei o selo e o carimbo nas Conservatórias de Portugal, berma da Europa, quase África. *Imprimatur*.



## SÊMEN

— O senhor pega pesado com as mulheres.

— Eu?

— O tempo inteiro o senhor chuta o rabo delas. Se essas anotações fossem transformadas em livro, ele seria queimado nos salões de beleza. Mas essa de que elas não têm sêmen é de amargar...



# ENTRETENIMENTO, INUTILIDADE E PRAZER

Entretenimento

Entreter-se é o objetivo. Tanto do leitor como do escritor.

Enquanto batuca as teclas, o autor esquece-se de si mesmo. Não vai ao banheiro nem sente fome. Escreve sem saber por que e para quê. Na maioria das vezes, trabalha para o esquecimento dos seus arquivos. Mas escreve. Não se interessa pelo que acontece ao seu redor. Está loucamente entretido.

O mesmo se dá com o leitor. De forma até mais intensa. Ele perde totalmente a noção das horas e avança pela madrugada, esquecido de que no dia seguinte penará, aos bocejos, por longas horas em sua mesa de trabalho. Cai para dentro do livro, como dizem os jovens, e corre, ávido, por todas as suas linhas. Escuta com grande interesse as conversas mais banais dos personagens. Impressiona-se com as pequenas vidas desimportantes que surgem daquelas folhas enfeixadas em um volume invariavelmente retangular. Melancólico muitas vezes, comovido em certas passagens e exultante em outras. Mas totalmente entretido. Não vai à cozinha ou ao banheiro, repito. Permanece deitado, virando-se ora sobre um lado, ora sobre outro, ajeitando os óculos com frequência. Totalmente alienado.

Por isso é que digo a vocês que literatura é entretenimento. Nasce do entretenimento do autor e se prolonga no entretenimento do leitor.

Alguém de vocês, faz pouco, largou nesta oficina palavras vãs que deixei caídas ao solo, que não recolhi naquele momento, mas que agora apanho pelas orelhas.

— Professor — disse alguém —, grandes autores escrevem por motivos mais nobres que os dos autores menores. Como Tolstói, por exemplo, que desejava melhorar o homem.

Pois bem. Vamos a esse palavrório. Tolstói escrevia para entreter-se, assim como o faz o Zé dos Anzóis Carapuça. O mestre russo escrevia para afastar-se da esposa tediosa e dos filhos, alguns dos quais considerava imbecis. Escrevia para distanciar-se por algumas horas deste nosso mundo insípido. Mais especificamente: para distanciar-se da Mãe Rússia, a Rússia milenar, que ainda hoje está onde sempre esteve — sob as botas de um tsar. Nada muda nunca. Tolstói queria melhorar o homem? Pode ser. Não se pode impedir que os gênios sejam, também, ao mesmo tempo, tolos. Tolstói mergulhava na escritura de seus livros com a mesma concentração de uma menina de doze anos que rabisca seu primeiro bilhete para um namoradinho, mesmo que imaginário. A diferença não está no ato de escrever, está no resultado. O que foi escrito por Tolstói encantará gerações sucessivas. O bilhete da garota no máximo irá para o olvido de um álbum familiar. A verdade última é que textos bons e ruins têm o mesmo objetivo: entreter, envolver e (vá lá) emocionar o leitor. Há diferenças, porém, entre os leitores. Não são numerosos os que conseguem apreciar “A morte de Ivan Ilitch”.

### Inutilidade

A arte é inútil. A literatura também é inútil, embora eu não saiba dizer se chega a ser uma arte. Livro nenhum ajudou ninguém. Livros às vezes, quando muito, podem beneficiar autores espertalhões. Se você escrever ou não, nenhuma pedra se moverá. A escritura não fará com que pessoas possam sair de favelas horizontais, nos morros, para favelas verticais, no plano, também com vista para o mar. Os velhos continuarão morrendo e os jovens, também. Mulheres e homens de cinquenta anos seguirão colorindo seus cabelos com tintura acaju. Aquele que lê não fica mais esperto nem mais inteligente. O esperto e o inteligente se constroem: o primeiro driblando a vida dura; o segundo, pelo estudo. No máximo, um livro pode fornecer a alguém uma frase divertida para ser lançada num final de noite, ao redor de uma mesa atulhada de garrafas vazias, após o esgotamento das piadas chulas. Se um livro o ajudou verdadeiramente em sua vida, ótimo, você leu o livro errado.

### Prazer

Você lê por prazer. Se a leitura não corre bem, coloque o livro de lado. Não se preocupe, ele não ficará magoado. Livros sabem que é assim mesmo. Sabem que só às vezes, muito raramente, uma chispa sagrada voa das páginas e chamusca gostosamente o ser que lê, fazendo com que ele se esqueça de tudo que o cerca. Ou seja, sua vida. Porém, na maioria das vezes, não aparece faísca nenhuma. O que se dá é o enfado. Assim, imponha-se um limite. Vinte páginas, digamos. Já viu nas livrarias aqueles sujeitos que ficam encostados nas es-

tantes, livros abertos diante dos óculos? Pois é, são leitores mais experientes, estão percorrendo as tais vinte páginas. Pescam ao contrário, ou seja, tentam sentir nos próprios beijos a fígada do anzol.

# **NINGUÉM SACANEIA NINGUÉM**

— *Engraçado! Nesse trecho não há nem sinal de loucura nem de coices nas mulheres... O senhor só alinha ideias... Ninguém sacaneia ninguém.*

— *Bem notado, delegado.*



# AS NOVELAS DO HOMEM ITALIANO

Deixando o lugar onde estávamos (Galícia? Transilvânia? Capadócia?), movemo-nos para Veneza, cidade de ruas aquosas, Norte da Itália, proximidades do Tirol.

Tem seu cenário ali a mais considerada novela do senhor Thomas da Silva Mann, de rosto descarnado e bigode aparado, nascido em Lübeck / Lubeca.

Observação pessoal. Trata-se, sem dúvida, de uma das dez mais gostosas palavras de se pronunciar de todo o léxico planetário: Lübeck.

“A morte em Veneza” é uma novela negro-dourada, de trinta e duas mil palavras, que narra as peripécias de um renomado, peripatético e circunspecto escritor teutônico, Gustav von Aschenbach, que chega à cidade dos Dodges para descansar de seu estafante trabalho intelectual. É um homem entrado em anos. Já ao chegar ele se irrita com o gondoleiro, vigarista e cretino como todos os italianos, gondoleiros ou não. Depois, enojado, observa um tipo asqueroso, um velho que, para dissolver-se num bando de rapazes alegres, tingi os cabelos de vermelho. O mundo hoje está coberto por caquéticos que querem parecer jovens. Eles lotam os salões de beleza e as academias de ginástica. O senhor Silva Mann antecipou-nos o pesadelo acaju.

À noite, no hotel, von Aschenbach, elegantemente trajado, desce para jantar. Vê uma família de poloneses. O garoto é um anjo. Tazio é o Belo. Von Aschenbach endoidece e começa a perseguir o menino com

olhares lânguidos. E manda pintar de acaju seus próprios cabelos. Porém, aí, entra no palco a Morte. Surgem boatos de que a peste chegou à cidade, fazendo muitas vítimas. Em pânico, o escritor parte, desembestado, mas volta depois de um contratempo qualquer para ver, mais uma vez, o seu Belo, mesmo que o preço seja morrer pesteadado.

Contei essa pequena história apenas para dizer que a melhor novela italiana do senhor da Silva Mann não é essa. É outra, ainda mais divertida, intitulada “Mário e o mágico”, vinte e uma mil palavras.

E essa informação indisponível no mundo literário eu a dou de graça a vocês, meus poucos pupilos, moucos e loucos. A melhor novela italiana, jalde-negra, do senhor Tomás da Silva Brum Homem é a protagonizada pelo Cebola, prestidigitador de dentes podres, sujeito ainda mais asqueroso que o velhote indigno que tentava infiltrar-se entre os jovens de Veneza.

Num certo verão, o senhor Tom Mann instala-se com sua família em um hotel de movimentado balneário italiano. Dias depois, sua despudorada filha, de três anos, entra nua no mar. A obscenidade inata dos povos do Norte, embora sejam eles anódinos anatomicamente, atormenta os mediterrâneos descendentes dos cé-sares. A família Thomas Homem é obrigada a transferir-se para uma *pensione*. Certa noite, os Mann vão ao espetáculo protagonizado por um mágico deformado e corrupto, o Cipolla. Que chama ao palco o simpático Mário, garçom que atende aos filhos do senhor Thomas na tasca onde a família costuma fazer as refeições. Ao verem seu amigo moreno no picadeiro, as crianças Mann ficam felizes e batem palmas. O mágico encanta

Mário e faz com que o belo mancebo italiano acabe por beijá-lo, julgando que ele — o hipnotizador de dentes negros — é uma apetitosa donzela. Depois, para elevar o ultraje ao máximo, o encantador exige juras de amor eterno do lindo Mário, que as recita. E por aí vai. O final do conto eu não conto. Leiam.

Ainda hoje, distribuirei cópias xerográficas do conto longo intitulado “Mário e o mágico”, e quem não o decorar será punido com um ano nas galés. *Punitio-  
ne, punire.*

Neste ponto em que nos encontramos agora, certamente alguém de maus bofes poderia insistir:

— Caro professor, como se pode determinar, com precisão germânica, se uma composição literária é um conto extenso ou uma novela?

Não sei o que vos diga. Talvez que os escritores e os editores russos e alemães não têm noção de espaço. Quero dizer, de tamanho. O tamanho ideal para uma composição escrita. O senhor Mann é o maior exemplo do que afirmo aqui. Para ele, “Mário e o mágico” seria um mero conto. Afinal, ele escreveu um conto ainda mais extenso, “O homem e seu cão”, de vinte e oito mil palavras, para descrever as idiossincrasias de seu (e de todos os homens) melhor amigo.

O senhor Mann, creio, era um louco.



## **IMAGINE SE ELE LHE PEDE UM BEIJO NA BOCA?**

— *Recaída.*

— *O quê?*

— *A sua recaída na maluquice. Gostei da historinha do hipnotizador. Imagine se ele lhe pede um beijo na boca?*

— *Thomas Mann era também um grande contista... O senhor aceita um cafezinho?*

— *Bocejo quando vem é que nem tapa de doido, é um em cima do outro... Sim, aceito o cafezinho.*

— *Senhor Madureira! Café para dois!*



## GENITÁLIA

— Não tenho biografia.

— Fique tranquilo. Estou acostumada com declarações como a sua. Com o choque, os pacientes se perdem de si mesmos.

A doutora Adriana Kreuzfeuer era a bem-aventurada possuidora de um belíssimo rosto (delicadas sobrancelhas assimétricas, olhos azuis, narizinho empinado e úmidos lábios grossos) coroado por uma encaracolada cabeleira loira herdada de avós imigrantes, que eram, como vim a saber depois, o falecido Helmuth Schatsschneider Kreuzfeuer, construtor de chaminés de tijolos vermelhos para fábricas, e a octogenária Brunilda, em solteira Backheuser Stumpfsinn.

— Por que o senhor não me conta um pouco da sua vida?

— Porque o meu corpo foi tomado por alguém. E esse alguém não tem memória da minha vida anterior. Ou seja, esse alguém não pode, e eu também não posso, falar sobre o que aconteceu há, digamos, dois dias.

— Sei. É como se a mente do senhor tivesse sido tomada por um alienígena.

— Não. O caso não é tão moderno. Fui ocupado por um espírito, um velho espírito.

A doutora anotava no computador, batucando com dedos espertos, tudo o que o homem lhe dizia.

— Compreendo. O senhor é espírita?

— Eu diria que hoje, neste momento, sou agnóstico. Antes, não sei. Mas certamente não tinha uma fé muito profunda. Talvez por isso o tal espírito apode-

rou-se tão facilmente do meu eu anterior / interior. Minha alma estava disponível.

A bela Adriana Kreuzfeuer esboçou um rápido riso, divertido e intrigado, riso de psiquiatra que se descobre, por fim, diante de um lunático engraçado.

— O que sabe o senhor sobre o, vá lá, espírito que está de posse de sua alma?

O homem alto e magro movimentou-se inquieto na cadeira. Defensivamente, cruzou diante do peito os longos braços guarnecidos por mãos ossudas. Seu rosto comprido, atapetado por uma barba mais branca do que cinzenta, aparada recentemente por máquina ajustada para dentes de número três, era o de alguém verdadeiramente angustiado.

A psiquiatra refez a pergunta.

— O senhor conhece a identidade desse espírito que se apossou da sua alma?

— Sim. Conheço-lhe o nome, as datas de nascimento e morte. E, por alto, alguns fatos importantes de sua vida na terra.

— Oh, isso é maravilhoso!

A expressão do rosto não acompanhou o entusiasmo exclamativo da frase. Adriana era uma médica, uma cientista. Não estava ali para maravilhar-se. O que se podia dizer dela, sem conotação positiva ou negativa, é que era uma mulher impetuosa, agitada, apressada, consciente de que, ao longo daquele dia, teria de aturar muitos contadores de histórias desencontradas.

— Me passe as datas de nascimento e morte do falecido?

— 1860 e 1902.

— Profissão?

— Médico.

Por baixo das sobrancelhas bem cuidadas, um rápido e penetrante olhar azul-piscina partiu em direção ao homem alto e magro. Com os dedos levitando sobre o teclado, a médica parecia questionar-se. Debochando da minha cara?

Depois, suspirando, pousou as mãos ao lado do teclado. Não, não, aquele era apenas mais um pobre homem desnordeado, acachapado por uma tragédia pessoal que não conseguia compreender, aceitar e superar.

— Especialidade do seu médico?

— Clínico geral. Ele não defendeu sua tese de doutorado. Eu, aliás, ele, nós chegamos a fazer uma viagem à ilha de Sacalina...

— Ele morreu bastante jovem. De quê?

— Tuberculose.

— Qual era o seu nome, o nome dele, do médico?

— Anton.

— Devo concluir que não era brasileiro.

— Não. Era russo.

— Russo?

Bruscamente, a médica afastou o teclado com os polegares e ergueu os olhos diretamente para a lâmpada que estava sobre sua cabeça. E, congelada nessa incômoda postura, suspirou profundamente. Parecia descontente com a quantidade de luz emitida pela lâmpada. Talvez pensasse em processar o fabricante. Ao cabo de um demorado minuto, ela voltou os olhos para o paciente.

— O senhor fala russo? Poderia me dizer umas três ou quatro palavras nessa língua?

— Não. Claro que não. Sou um homem traduzido.

Aquela última frase foi demasiada para a doutora Adriana. Ela imobilizou-se com os dedos abertos, a cabeça baixa, os olhos aparentemente procurando uma letra que não havia sido posta no teclado. Raciocinava. Seu pensamento talvez possa ser sintetizado por uma frase incorreta. Esse maluco é de tirar qualquer um do sério.

— Me dê mais informações sobre o médico russo.

— Nasceu em uma cidade balneária, no mar Negro, a mil quilômetros de Moscou.

A médica reproduziu num batuque ligeiro o que ele havia dito e quis mais.

— Fale da família dele.

— Éramos seis irmãos. Eu, Anton, tinha o dom de imitar. Todos riam das imitações que eu, ele, fazia dos mujiques, dos cocheiros, dos professores e dos funcionários públicos. O pai deles, o nosso pai, um comerciante, adorava música. Treinava-nos para que cantássemos no coral da igreja. Depois de falir, papai, quero dizer, esse chefe de família foi para Moscou. Após concluir o ensino médio, eu segui também para lá. Ingressei na faculdade de Medicina. Como tinha grande habilidade com as palavras, como sabia tecer histórias, comecei então a fabricar contos humorísticos para jornais e revistas populares. Logo ele, eu, estava sustentando a família com o que recebia pelos textos.

— Bela história. Edificante. Mas, voltando ao nosso caso concreto, o senhor sente que é, verdadeiramente, esse escritor russo ou o senhor sabe que é apenas o corpo de um cidadão brasileiro dominado pela mente de um estrangeiro?

A resposta do homem demorou a vir.

— Sinceramente, eu não saberia lhe responder. As duas situações são igualmente plausíveis. Talvez até mesmo possam ocorrer simultaneamente. Neste exato momento, porém, sinto mais forte a impressão de que sou um pobre corpo ocupado. Mas, é claro, sei também que sou escritor e que escrevo em russo. Tentarei me explicar melhor. O corpo é meu e meus movimentos são orquestrados pelo meu cérebro, no entanto, no fundo, sinto que minhas palavras não são propriamente minhas. Elas pertencem a Anton. Por isso, se eu, por acaso, lhe disser algo que possa parecer zombeteiro, não se irrite, fique certa de que essas palavras me foram sopradas por ele.

Os dedos da mulher loira corriam céleres, entusiasmados, por cima das teclas, perseguindo as palavras que o homem barbado rapidamente enfileirava.

— Nunca vi alguém descrever com tal riqueza de detalhes a sua...

— Loucura, doutora?

— Não! Não usamos mais essa palavra. O senhor sairá dessa logo, eu lhe garanto. O senhor vai se livrar de Anton. Mas, agora, me explique uma coisinha. Como o senhor sente a presença dele, do russo?

— É como ele fosse uma segunda pele, uma pele que está por baixo da minha pele, da verdadeira. O corpo físico de Anton se resume a essa pele. Ele não tem ossos ou carne. Porém meu cérebro pertence a ele, inteiramente.

— Tenho uma curiosidade. O senhor me disse que ele, o russo, escrevia historinhas engraçadas. Quando ele pensa em algo divertido, o senhor dá uma gargalhada?

- No máximo, eu sorrio.
- Quantos anos ele tem hoje?
- Quarenta. Devo morrer em breve.

Nessa passagem, pela primeira vez, o homem ergueu os olhos e os fixou na médica. Encarando-a, parecia esperar um desmentido porque era claro, pelos cabelos, barba e bigode quase totalmente brancos, que era um sexagenário.

— O que eu quero é que me explique como ele, sendo russo, um russo que certamente não conhece o português, consegue se expressar através do senhor.

— Ele manipula minhas cordas vocais. É com surpresa e estupefação que percebo as frases que me escapam por entre os lábios. As palavras, obviamente, saem em russo do cérebro dele, mas ao chegarem às minhas cordas vocais automaticamente transformam-se em vocábulos portugueses. Há um programa de tradução instantânea no meu aparelho fonador.

Depois de anotar aquela resposta, a psiquiatra voltou seus inquisidores olhos azuis para os negros olhos sonhadores do homem.

— Como ele, o russo, consegue entender as minhas perguntas?

— Imagino que exista, instalado nos meus ouvidos, um segundo aparelhinho de tradução simultânea. Seria um aparelho semelhante, mas de funcionamento inverso, ao que se encontra nas minhas cordas vocais.

— Ótimo, ótimo, o senhor até aqui respondeu bem às minhas perguntas, mas agora eu preciso me aproximar da raiz mais profunda da questão... Então, indago: o doutor Anton se metia com política?

— De jeito nenhum. Sou apartidário, apolítico. Digamos que sou alguém que defende um só valor, a liberdade. Libertários conscientes como eu não podem pertencer a igrejas, partidos ou qualquer outra agremiação.

— E com mulheres?

É importante, nesse ponto, termos em mente que o sobrenome da médica, em alemão, significa cruz de fogo.

O homem abriu lentamente os braços, como que para ser crucificado. Suas orelhas de abano e bochechas chupadas foram tomadas por uma constrangedora vermelhidão. Era como se ele tivesse recebido um sopro de fornalha na face. Anton quis responder rapidamente, para livrar-se daquela pergunta indecente, mas não conseguiu articular uma só palavra.

— Esse é o ponto central — prosseguiu a médica, impiedosa, e o homem imaginou ver grossos fiapos de uma gosma esverdeada de concupiscência escorrendo pela comissura dos lábios dela. — É sempre ele, sexo. O nosso lado obscuro, animal. O acasalamento. Reprodução ou prazer? Não importa, sempre acaba mal... Enfim, em português, o senhor me responda: o doutor Anton comparecia?

O homem enterrou-se na cadeira. Que grosseria! Comparecia? Esse é um termo que se use em uma consulta médica?

Anton quis falar, demonstrar sua muita indignação. Comparecia? Como podia aquela bela e jovem senhora utilizar uma expressão tão grosseira em uma conversa com um recatado escritor russo?

— O ponto nevrálgico é sempre o aparelho genital, a genitália — silvou a psiquiatra. — Mais adiante nos concentraremos nele.

Adriana Kreuzfeuer encerrou a consulta fechando os olhos e trançando os dedos das mãos, sinalizando claramente ao paciente que sequer lhe daria um rápido aperto de mão.

O homem alto e magro de tristonhos olhos negros concluiu que a doutora Adriana talvez estivesse muito cansada. Ou com vontade de fazer algo mais excitante. Retirar o esmalte lascado das unhas, por exemplo.

Ainda de olhos cerrados, a psiquiatra soltou um jato de ar fazendo biquinho com os grossos lábios sensuais e lascou, na linguagem dos homens das cavernas:

— *See you later.*

Quando levou o tronco à frente, no movimento de quem vai se erguer da cadeira, ou pular sobre a médica, o homem sentiu o pouso em seu ombro da mão pesada do enfermeiro, que havia permanecido de pé, imóvel e silencioso, atrás dele, atrás de Anton, ao longo da entrevista, mão que se fechou triturando-lhe os ossos e que chegou acompanhada por um vozeirão cavernoso:

— Bora, chefe, ramunessa, deu por hoje!

## UM MARINHEIRO E UMA MULHER SACANA

— Loucura total! Não tem embromação. É o senhor, sem tirar nem pôr, louco de pedra, contando sua entrevista com a médica.

— O senhor acha?

— Não tem outra hipótese.

— Talvez houvesse um terceiro homem na sala, além de mim e do enfermeiro. Um homem que anotou e registrou todos os movimentos e palavras da médica e do paciente. Esse homem seria o narrador do conto.

— Eu não entro nessa, professor. Pra mim, tanto faz quem conta a história. O que eu quero saber, mesmo, é se o senhor incorporou o russo. Incorporou?

— O homem que estava diante da doutora Adriana, sim. Ele teve corpo e mente tomados pelo espírito de um escritor russo, falecido, chamado Anton Tchecov.

— A loucura é mais complicada do que a gente pensa... E o negócio do sexo? A médica foi direitinho no lugar certo. Genitália. Deus me livre de enfrentar uma psiquiatra dessas!



## **SOBRE A ALIENAÇÃO**

Voltemos ao Brasil, nosso querido torrão natal.

Não gostou da expressão “torrão natal”?

Você a considera o quê? Desgastada? Pois saiba que você, sim, é uma pessoa desgastada. Um impatriótico.

Passo olímpicamente por essa sua opinião e informo a todos que, para elaborar esta aula, reli, pela décima vez, a novela (ou conto vitaminado) “O alienista”, de autoria do Desembargador Joaquim de Assis.

De que trata a referida obra?

Da insensatez, da desmesurada extravagância, do desarranjo mental.

Mas aborda essa espinhosa questão pelo ângulo da facécia.

Conta esse livro a história de um psiquiatra, Simão Bacamarte, que recolhe ao seu asilo de alienados todas as pessoas equilibradas da cidade de Itaboraí, Paraguaí.

Abrir parêntese.

Depois de ler o referido conto-novela, os senhores e as senhoras poderão responder à pergunta que lhes faço agora: será o homem que aqui nos mantém prisioneiros, o sinistro doutor Abdullah, menos tirânico que o doutor Bacamarte?

Fechar parêntese.

Durante a leitura da referida obra, gargalhamos (nós, eu, meus guias russos e todos os jogadores de futebol) intensamente.

Aqui, hoje, porém, sem nos entregarmos a risos escancarados, mergulharemos até o fundo do poço sem ar da insanidade mental, poço cujas putrefatas águas

imóveis refletem o nosso descomposto rosto. Ufa! Arreda, Satanás!

A referida obra alienística tangencia uma questão essencial. Pode-se considerar louco apenas aquele que apresenta uma neurose mais robusta, explícita, como parece ser o caso de alguns dos que nos encontramos aqui, ou loucos serão todos, indistintamente, mesmo os que padecem de neuras discretas?

Dirigimo-nos até a cidade de Friburgo, Rio de Janeiro, Brésil, onde o renomado contista / cronista / poeta / romancista que deu à luz a mencionada novela encontrava-se em licença para tratamento de saúde, temporariamente afastado do cargo de diretor da Secretaria de Indústria do Ministério da Viação do Império do Café.

— Corregedor Assis de Machado em Punho, nós aqui estamos para interrogá-lo sobre seu mais bem realizado livro.

— Estou às suas ordens.

— Queremos saber em quantos dias o senhor escreveu “O alienista” e por que escolheu aquelas quantidades, ou seja, treze capítulos e um total de dezesseis mil e seiscentas palavras. Não lhe parece que com uma novela mais robusta, de, digamos, vinte e cinco mil vocábulos, o senhor poderia aprofundar as relevantes questões ali alevantadas.

— O tamanho do livro me foi ditado pela necessidade de publicá-lo em jornal. Nunca me sobressaltou o número de vocábulos de uma obra. Nem saberia contá-los.

(O autor desta aula emite um quase imperceptível sorriso condescendente, já que é proprietário de um

computador que possui um processador de texto que, por sua vez, é dotado de um programa que permite a exata contagem de linhas, palavras e caracteres.)

— Na verdade — prossegue o jurista Machado de Azis —, não vejo motivos para que o senhor me entreviste sobre essa obra menor. Creio que no futuro se formará uma unanimidade em torno do meu *Dom Casmurro*, como sendo ele a minha *opera magna*.

(O autor desta aula consegue subjugar um segundo riso sardônico.)

— Unanimidade? Unanimidade de quem? Dos críticos? E, já que cáimos a esse ponto, indago: o que pensa o senhor da crítica universitária brasileira?

— Salte essa.

— Comendador Maria de Assis Machado, *Dom Casmurro* é um livro decente e digno. Não nego que seja muito bem escrito, claro, embora contenha alguns capítulos descartáveis. Cá entre nós, reconheça que o tema, trama, motivo, entrecho, *plot* ou enredo do livro é pífilo. Suspeita de traição amorosa! Mera suspeição! E o protagonista se chama Casmurro apenas porque passou a vida a cismar se teria sido enganado por uma mulher ou não. Tenha piedade! Convenhamos, o argumento desse livro é raso e inverossímil porque sabemos hoje que todas as mulheres, sempre, em todas as latitudes, épocas e circunstâncias, traem.

— Eu lhe agradeço sinceramente por tão gentil visita.

— Como assim? O senhor está me expulsando, doutor Joaquim Maria?

— Não. Ocorre que preciso retirar-me para ingerir um medicamento.

— Antes, porém, ouça-me. Vim aqui expressamente para dizer-lhe que seu melhor livro é “O alienista”. E isso eu o farei, mesmo correndo o risco de, depois, ser jogado à rua pelos janízaros deste hotel.

— Peço-lhe que seja sucinto porque a ocasião assim o exige.

— O barbeiro Porfírio é memorável. Ele é o protótipo perfeito do brasileiro: oportunista, cretino, sinuoso, velhaco, acanalhado, escorregadio e completamente destituído de coluna vertebral.

— Muito obrigado.

— Responda-me uma última questão, por favor?

— Nosso tempo aqui, nestas páginas, se esgotou.

— “O alienista” é um conto ou uma novela?

— Como assim?

— O tamanho, a extensão! Uma produção literária de dezesseis mil e seiscentas palavras deve ser considerada um conto longo ou uma novela curta?

— Passar bem.

(O autor desta aula magna bate frouxas e compassadas palmas irônicas para o veterano e venerando escritor que se retira, arrastando seus pés chatos, para o interior do hotel.)

# ESSA TURMA QUE NÃO GOSTA DO BRASIL

- *Quem sabe hoje paramos por aqui?*
- *Boa ideia, professor. Minha pilha está no fim.*
- *O senhor nunca leu Machado de Assis, delegado?*
- *Li, sim, no colégio. Uma historinha sobre um marinheiro e uma mulher sacana.*
- *“Um conto de almirante”... Mas o que lhe pareceu esse último capítulo?*
- *Não me passou despercebida aquela referência ao barbeiro, que seria o protótipo do brasileiro. Vou ser sincero, professor. Na minha modesta opinião, o senhor pertence a essa turma que não gosta do Brasil: jornalistas, professores universitários, comunistas.*
- *Continuamos amanhã?*



## UM PASSE

— *Recomposto, delegado?*

— *Totalmente. Dormi até mais tarde hoje. Mas sonhei uma barbaridade. Eram prateleiras de livros caindo por cima de mim o tempo todo. A mulher me acordou duas vezes. Com cotoveladas. Eu estava ganindo de medo. Passo mal com meus pesadelos.*

— *Vamos à leitura?*

— *Lavei bem meus ouvidos hoje... Ah, minha mãe me telefonou ontem à noite. Ela é espírita. Falei de leve sobre o caso do russo que tomou o seu corpo.*

— *E ela?*

— *Sugeriu que o senhor tome um passe.*

— *Posso começar?*

— *Sim. A sua voz é boa, professor. O senhor nunca pensou em ser radialista?*



# OS MALEFÍCIOS DAS PALAVRAS MELODIOSAS

Neste ponto, depois de termos ido ao pináculo do Estado do Rio de Janeiro para entrevistar aquele que, para muitos, é o maior autor de contos e novelas da língua guarano-banto-brasileira, o senador Joaquim MM de Assis, desceremos ao abismo da vulgaridade para tratar da figura mais nefanda de nossas letras: o beletrista.

Beletrista é todo autor fascinado pela sonoridade das palavras melodiosas. Ama o tilintar de certos vocábulos. Cintilante, por exemplo.

O desembargador JMM de Assis se divertia com os beletristas, deliciava-se com suas pomposas e sonoras asneiras. Nós, porém, não os toleramos.

Os beletristas eram mais numerosos durante o final do Império de Pedro Dois, O Bonachão, e o começo da República das Oligarquias Estaduais Larápias. Foram multidão entre simbolistas e parnasianos, os ilegíveis. Com o passar dos anos, mudaram de nome, mas permaneceram rigorosamente maçantes. Foram concretistas e vanguardistas nos anos 60. Hoje mourejam para desencavar o grau zero da escrita.

A fixação polissilábica é a neurose de todos eles.

Eu os acuso de, com seu palavrório pernóstico, só terem produzido vento.

Mas será que também nós, narradores decentes, não fazemos o mesmo?

Isso seria o horror, o verdadeiro horror, o horror descoberto pelo contador de causos intermináveis,

ourives de narrações que se estendiam por nove horas, como é o caso de *O coração das trevas trevosas*, do polaco Lorde Jim Jones John Korzeniowski.

O beletrismo é praga que irrompe com maior viço nas literaturas de língua espanhola ou portuguesa.

Fecha a cortina.

Para nós, intelectuais íntegros, a literatura nada mais é do que uma câmara de tortura gozosa para a qual conduzimos o leitor mediante conhecidos artifícios para engambelar patetas. E ali, contando-lhes causos, engendrando chistes, fazendo caretas e dando saltos simiescos, nós os entretemos até a chegada do Diabo da Dúvida.

Fui claro?

Tenham em mente que só em último caso o autor decente deve recorrer ao polissílabo.

O ideal seria adotarmos apenas as palavras que não soam. Surdas palavras cruas.

Concisão, disse o mestre Anton. Poucas palavras. Avaras palavras de quatro ou cinco letras. Secos vocábulos. Curtos coices. Facadas cabráticas.

# COMUNISMO

— *Oligarquias estaduais larápias! O senhor só pode ser comunista, professor.*

— *Nunca me interessei por política. Só me atrai o ser humano enquanto ser não político.*

— *Explique essa!*

— *O homem enlouquecido é o ser humano na sua fragilidade máxima. Portanto, na sua pureza total...*



## **OBRA NÚMERO 6 (UM PRAZER QUE TANGENCIA A OBSCENIDADE)**

— O senhor vai ser rápido?

— Vou lhe tomar, quando muito, quinze minutos.

— Vá em frente!

— Começo dizendo que não posso exigir da senhora que acredite em mim. Sou apegado à verdade, embora às vezes não seja plenamente sincero. Não minto, mas nem sempre digo o que deve ser dito...

— O senhor admite que não é sincero, mas, mesmo assim, quer ser escutado. Entendi bem?

— Exato. Tento ser totalmente verdadeiro, mas a linguagem tem nuances. Digo que não sou sincero porque jamais enuncio a verdade última. Por quê? Em primeiro lugar porque a verdade resplandece como o sol sobre o deserto. Não conseguimos olhar para ela sem ficarmos cegos, ainda que momentaneamente. Além disso, sou excessivamente gentil e delicado. Detenho-me muito antes de ingressar no âmago dolorido dos fatos.

— O senhor não me parece muito modesto.

— A senhora promotora tem razão. Não se pode asseverar que eu seja uma pessoa que pratique a humildade. A senhora certamente prestou atenção no modo como eu a abordei. Fui respeitoso, porém ativo. Aprendi com meu pai, que me dizia: “Nunca se engrandeça, mas jamais se diminua”. Não me vergo abjetamen-

te como a maioria das pessoas que procuram o socorro de uma autoridade.

— O senhor não teria um documento explicando o que deseja?

— Não. Trago sucintas anotações que fiz, hoje, ao amanhecer. Atravessei parte da noite refletindo sobre o que dizer à senhora... Esses breves apontamentos constituem a coluna dorsal da minha fala.

— Por favor!

— Bem, aqui está o primeiro registro. Generosidade! Quero, de pronto, confessar-lhe esse pecadinho. Não sou uma pessoa magnânima. Não me refiro a bens materiais, evidentemente. Todo mendigo que bate à minha porta é contemplado com um naco de pão. A minha falta de generosidade é apenas no que se refere às coisas do espírito. Generoso é aquele que traz a palavra certa na hora da atribuição. Generoso é o que pratica a amizade desinteressada.

— O senhor é um egoísta?

— Não. Na verdade, sou o oposto do egocêntrico. Eu não me valorizo. Não me julgo um homem importante, bom ou decente. Se alguém quiser me definir, que diga: “Trata-se de um ser destituído de qualidades”. Ora, nada tendo na alma, nada possuo para compartilhar com os demais seres humanos.

— Talvez eu não esteja...

— Tentarei ser mais claro. Não se espere de mim, em instante algum, que eu possa conceder uma palavra de incentivo a alguém. Não sou um fã ardoroso deste mundo, e essa lamentável lacuna espiritual me impede de ser entusiástico quando se trata de injetar otimismo nos que me cercam.

— Compreendi. Vamos em frente.

— Permita-me, senhora promotora, que eu me transfira à anotação seguinte. Solidariedade. Eis aqui uma virtude das mais louváveis, tendo em vista que se localiza no cerne da ética religiosa. Ser solidário é, dizem os dicionários, partilhar o destino dos nossos irmãos, sofrer com os que penam e exaltar-se com os que são surpreendidos pela errática flecha da felicidade. Infelizmente, também não posso adentrar esse terreno. Entristeço-me com a melancolia dos outros, mas não tenho condições de comungá-la. Meus ombros estreitos não suportariam um quinhão adicional de tristeza. Há anos arrasto carga excessiva.

— Mesmo ainda não percebendo aonde o senhor quer chegar, pergunto: já procurou antes outra auto-ridade?

— Sim. Tempos atrás, eu me dirigi ao juiz titular desta comarca. Talvez por ser muito atarefado, o senhor magistrado mostrou-se ríspido comigo. Não me permitiu sentar, como o fez a senhora. Mal dei início à minha peroração, ordenou-me que deixasse a sala. Fez-me entender, recorrendo a expressões do jargão jurídico, que se debruçaria sobre o meu caso e que me convocaria em breve. Não foi, porém, o que se deu. Por mais de ano aguardei, em vão, o chamado do nobre meritíssimo.

— O senhor está querendo insinuar que o juiz...

— Não! De modo algum! Sei como são intrincadas e vagarosas as tramitações judiciais. Continuo aguardando, esperançoso, pela convocação do senhor magistrado, mas resolvi ampliar o meu leque de contatos. Então decidi vir até aqui solicitar a sua interven-

ção, senhora promotora. Assim, portanto, estou apenas dando mais um passo nessa minha incansável peregrinação em busca de Justiça.

— Prossiga!

— Passo à terceira acusação. Integridade. Não sou, também, um homem íntegro. Recorramos ao dicionário. O que seria uma pessoa íntegra? Numa linguagem rasteira se poderia dizer que íntegro é todo aquele que não se deixa corromper. O mundo das ideias, porém, é bem mais sutil. Lá não são admitidas sentenças definitivas. Eu nunca aceitei um centavo a mais que me fosse dado por um bilheteiro desatento. No plano da alma, porém, não posso alegar integridade porque capitulo o tempo todo a qualquer investida desonesta...

— Como assim? Dê um exemplo!

— Se me gabam a humildade e a generosidade, eu não rechaço de imediato essas afirmações errôneas. Eu me calo e gozo em segredo o elogio. Ora, eu deveria repelir de pronto, e vigorosamente, todo e qualquer encômio. Esses curtos segundos de iníqua indecisão provam, de modo cabal, que não sou íntegro.

— Não seja excessivamente duro consigo mesmo! Pelo que entendi, o senhor quer que eu abra um processo criminal contra o senhor. É isso mesmo?

— Exato. Recorri à senhora porque advogados que militam neste fórum foram unânimes em elogiar a sua competência...

— O senhor poderia resumir o seu pleito?

— Sim. Eu gostaria de ser acusado de desumanidade... Não, não ria. É exatamente isso que almejo. Não pertença ao que se chama humanidade. Não sou um homem. Ou, dito de outra forma, sou um cidadão des-

provido do sentimento de humanidade. Por essa, digamos, deformação moral quero ser processado, julgado e condenado. Se estivéssemos em outro tempo, mais impiedoso, eu gostaria inclusive de ser supliciado e morto com crueldade. Talvez queimado em uma pira. Ou garroteado. O que dizem os dicionários a respeito da palavra humanidade? Sentimento de clemência de um homem para com outro. Não carrego comigo esse sentimento. Por quê? No fundo, creio que ninguém é inocente e que, portanto, ninguém merece piedade. Todos deveriam ser condenados. E eu, para dar o exemplo, deveria ser o primeiro.

— O senhor não está de todo errado...

— Vejo que a senhora sorri. Diverte-se. Entende a minha solicitação apenas pelo seu lado histriônico, que é notável, reconheço. Mas continuo. Humanidade quer dizer, em suma, benevolência. Essa é uma virtude que me falta. Não obstante, não chego a ser malévolo. Sou apenas indiferente às atribuições do ser humano. Humanista é a doutrina que consagra o homem como o centro do universo. Não me filio a essa corrente. Tenho fortes e fundamentadas dúvidas sobre o propalado valor da pessoa humana.

— Pensando bem...

— Hoje cedo, ao nascer do dia, ainda deitado, eu organizava mentalmente a argumentação que apresentaria à senhora quando, de repente, meus pensamentos foram tragados pela cantoria dos passarinhos nas árvores do pátio. Comovido, fui empurrado às lágrimas pela beleza daquele canto.

— O que tem a ver o canto dos pássaros com sua pretensa desumanidade?

— Tudo. O que mais prezo neste mundo é o som da voz humana. Nada me parece mais interessante do que a conversa entre duas pessoas. Seja a algargavia de duas crianças que balbuciam as primeiras palavras, seja uma conversação sarcástica entre dois intelectuais. Mas, mesmo admirando a voz dos homens, concluí, hoje, que mais linda ainda é uma conversação entre pássaros.

— Entendi. Acato seu pleito. Vou processá-lo. Mas, para que a ação seja iniciada, quero que o senhor se submeta a um teste psicológico.

— Uma avaliação psiquiátrica antes de dar início ao processo? Compreendo, é procedimento rotineiro na Justiça. No entanto, devo adverti-la que fui aprovado no teste que fiz ao renovar recentemente minha carteira de motorista. Ficou comprovado que sou mentalmente equilibrado.

— Qual é a sua profissão?

— Bacharel em Ciências Contábeis. Sou proprietário de um escritório que conta com três empregados e vinte e sete clientes, pequenos e microempresários.

— O senhor tem algum passatempo?

— Sim. Eu poderia dizer que sou lexicógrafo amador. Pratico essa arte discretíssima à noite e nos finais de semana. Sempre que tenho um tempo livre, leio loucamente em busca das mais belas palavras. Devo confessar à senhora que esse passatempo me proporciona um prazer que tangencia a obscenidade.

— Foi garimpando em livros e dicionários que o senhor descobriu que era desumano?

— Exato. Belíssima essa imagem pincelada pela senhora doutora. O garimpeiro dos vocábulos. Sim, en-

terro a enxada ao lado das palavras e a puxo com força. As palavras me surgem agarradas às próprias raízes. Cuidadosamente, eu as livro da terra escura...

— Voltemos aos fatos.

— Bem, fazia eu uma pesquisa linguística sobre os polissílabos morais. Sinceridade. Generosidade. Solidariedade. Humildade. Humanidade. Saiba a senhora que nada é mais tenebroso do que a lavra acurada dos vocábulos de quatro sílabas ou mais. Então, certa noite, de súbito, me veio a iluminação. Sou um ser abjeto, um criminoso. Sou um vivente destituído de humanidade!

— Compreendo. Mas me mate uma curiosidade: por acaso, o senhor examinou a palavra felicidade?

— Não. A felicidade não nos suscita indagações morais profundas. Cada um se sente feliz de um modo diverso.

— O senhor diria que sou uma mulher feliz?

— A senhora, inegavelmente, é possuidora de um sorriso aberto. Baseado apenas nos traços de seu rosto, franco e alegre, belo e jovem, eu diria que a senhora é feliz. Mas, como sou um adorador da incerteza, nunca coloco as minhas fichas todas numa só hipótese. Pode ser que, no fundo do seu coração, a senhora carregue um pouco de amargura.

— Está bem: denunciarei o senhor. Mas, antes de sair, me responda a uma última pergunta. Sobre a verdade, o que o senhor teria a dizer?

— Nada. Não é um polissílabo.



## **PALAVROSO DEMAIS**

— *Mais um louco num rolo jurídico.*

— *O senhor é um homem atento, delegado. Gostou do conto?*

— *Palavroso demais. E o cara babava na gravata! Conversava com os passarinhos e queria ser processado por maluquice. Desse tipo de doideira eu nunca tinha ouvido falar.*



# FUNDAÇÃO DE UMA NOVA SEITA

Já que nos encontramos perdidos na floresta da alienação jurídica, aproveitemos para passar agora a uma ainda mais impenetrável floresta, a cartorial-canônica, aquela que esconde de nós o Jardim do Éden.

A Itália fica ao Sul do Deserto dos Tártaros e ao Norte da Sicília, ilha invadida pelos ursos em tempos remotos. A Itália foi unificada pelo general Dino Buzzati, montanhista e pintor.

Chegando a Milão fomos, portanto, visitar esse homem que eu chamaria renascentista. Estava exaustivo. Contou-nos que não dormira na noite anterior, que passara confinado na companhia de centenas de amantes do *bel canto* no Teatro Scala, cercado pelo povo daquela cidade, que aos berros exigia pão e liberdade.

Depois de narrar-nos com riqueza (todos os que estavam no teatro eram abonados) de pormenores o acontecido, o senhor Buzzati assegurou-nos que escreveria um conto sobre o assunto, ao qual daria o seguinte título: “Medo no Teatro Scala”.

Deixando para trás a residência do senhor Buzzati, dirigimo-nos à estação dos caminhos de ferro, onde embarcamos em um comboio que rapidamente nos levou ao Vaticano, País das Hóstias.

Chegando àquele minúsculo Estado Planetário, dirigimo-nos ao Santo Cartório para o Registro de Novas Crenças e Seitas, onde nos avistamos com Monseñor Favella, o Vigário-Geral.

— Gostaríamos de registrar uma nova religião.

— Ou seita?  
— Não estou certo.  
— Liturgia?  
— Como assim?  
— O ato litúrgico da nova religião consistirá em?  
— Os fiéis terão apenas de ler uma história curta por dia.

— Interessante! Suponho que vocês utilizarão a Bíblia para desencavar tantas histórias.

— Na verdade, não. Vamos sugerir a leitura de histórias escritas mais recentemente. De 1800 para cá, digamos. Mas talvez seja melhor chamarmos essas histórias de “contos”. Sim, contos é a palavra mais apropriada.

— Haja conto! Digamos que o leitor goste de variar de autor, de época, de tema... Serão trezentos e sessenta e cinco contos por ano!

— O nosso seguidor poderá repetir a leitura de certas composições. Lerá o que bem entender. Poderá, por exemplo, no caso mais radical, ler apenas um conto trezentos e sessenta e cinco vezes ao ano.

— Ok. Mas, por uma exigência legal, imposta pelo direito canônico, vamos precisar do cânone.

— Cânone?

— A relação dos contos cuja leitura será permitida ou recomendada.

— Certo. Eu trouxe comigo uma relação, provisória, com os títulos dos cento e quarenta e seis contos que consideramos estarem entre os melhores do mundo.

— Melhores em que sentido? Os mais edificantes?

— Não! Os literariamente mais bem compostos.

— Vá lá que seja! A relação dos contos tem que ser apresentada em cinco vias.

— Mas eu trouxe só uma cópia.

— Temos uma máquina Xerox na sacristia, ali. Quem escolheu os contos do cânone?

— Fomos nós.

— Nós quem?

— Costumo usar o plural majestático, aquele que costumeiramente é utilizado pelos imperadores. Como eu, que sou kzar, tzar, csar, tsar, nem sei como grafar em português meu título nobiliárquico russo. Mas, nesse caso específico, quando digo nós, talvez eu esteja me referindo a mim e aos meus guias espirituais, GTT. Ou talvez a mim e aos meus alunos-praticantes. Mas pode ser, ainda, que eu esteja me reportando às várias facetas da minha perturbada mente. Perturbadamente. Turbação. Há algo nessa palavra, turbação, que me desagrada. Talvez a referência a turbo, turbina, motor giratório, propulsor...

— Acalme-se! A licença para o funcionamento da sua religião deve sair em seis meses.

— Por que tanta demora?

— Porque seu pedido será submetido inicialmente à Congregação para Promoção da Fé entre os Leitores Vorazes. Lá eles são, digamos, despreocupados com o escorrer das horas... Bem, são mil euros por conto. Total: cento e quarenta e seis mil euros.

— Aqui está o cartão.

— Não, aqui no Vaticano não aceitamos cartão de crédito. Temos uma inclinação maior pelo dinheiro vivo. O senhor não teria consigo esse montante?

— Hoje, infelizmente, não.

— Aceitamos cheques. Mais uma perguntinha: o senhor será o papa da nova seita?

— Possivelmente sim. Mas por que me pergunta isso?

— Porque o senhor tem o físico adequado. Alto e magro, fará boa figura na televisão. E essa barba gris lhe dá um ar de ortodoxa respeitabilidade.

Dando as costas àquele ganancioso teólogo amnuense, dirigi-me à máquina copiadora e depois à Tesouraria do Banco do Vaticano, onde paguei, com cheque nominal ao Santo Pontífice, as taxas, tarifas e emolumentos e obtive o registro provisório. *Dura lex sed lex. No cabelo só Jontex.*

## **CUIDADO COM A RELIGIÃO!**

— Não vou esconder que gostei desse trecho, professor. Acho que já lhe disse que sou evangélico. O senhor pegou bem a ganância dos papistas... Vivem falando que os nossos pastores são loucos por dinheiro, mas...

— Prossigo?

— Se eu metesse o meu revólver na sua cabeça e lhe dissesse que o senhor tem que escolher uma religião, se não quiser morrer, o senhor escolheria qual?

— Morrer.

— Não vale. Tem que escolher uma.

— O taoísmo.

— Nunca ouvi falar.

— É uma religião bem-humorada, engraçada mesmo... Continuo?



# **ALGUÉM (OBVIAMENTE UM NARRADOR) DISCORRE SOBRE A SEITA DOS LEITORES DE RELATOS BREVES**

É simples, como disse. À noite, o praticante deita-se, acende o abajur, apanha um livro e lê um conto entre os indicados por nós.

Nosso critério básico: amplitude mundial.

Por exemplo, digamos que alguém, um de nossos crentes, leia religiosamente durante vinte anos (sete mil e trezentas noites). Obviamente, ao cabo desse tempo, ele terá adquirido uma sólida base de leitura, mais do que suficiente para que se transforme, caso queira enveredar por essa penosa senda, em escritor.

É impossível que alguém, num prazo tão dilatado como o do exemplo acima, não consiga descobrir o secreto mecanismo que move as histórias curtas.

Dizem os jocosos taoístas — que não devemos confundir com os enfadonhos budistas — que, com a experiência prolongada, o artesão se transforma em ferramenta.

Não somos preconceituosos. Aceitaremos até mesmo contistas norte-americanos. Nesse caso, daremos preferência a Herman Melville, claro. Dele recomendamos especialmente a leitura de “Bartleby, o escriturário”. Não só porque a leitura dessa tragicômica novela curta (ou conto longo) esteja hoje na moda,

mas, sim, porque se trata de um caso especialmente comovente para brasileiros porque tem como personagem um escrivão, figura destacada na ficção desta nossa nação advocatícia e cartorária.

Ernesto Hemingway entrará também, com aquele conto estendido (ou novela curta) sobre o peixe que fisga o velho cubano do pescoço gretado pelo sol e que o leva a passear pelo golfo incendiado de luz dourada.

Que uma coisa fique clara! Hemingway foi aceito no nosso rol não pelo seu contestado talento literário, mas porque nasceu em 1899, o mesmo ano que nos presenteou com Nabokov e Borges.

Outro convocado para a nossa lista será o senhor Bret Harte, autor de “Os exilados de Poker Flat”, aquela comovente história sobre a lufada de azar que matou mister John Oakhurst, jogador de profissão, e que levou junto, de cambulhada, seus companheiros de infortúnio: Mamãe Shipton, Duquesa, Tio Billy, Inocente e Piney Woods.

Para quem não sabe, esclareço que o filosófico mister Oakhurst foi o sujeito que cravou em um pinheiro, com uma faca de mato, uma carta de baralho (dois de paus), na qual estava escrita, com letras firmes, a seguinte sentença:

*Ao pé desta árvore jaz o corpo de John Oakhurst que encontrou uma aragem de má sorte em 23 de novembro de 1850 e sucumbiu aos seus golpes no dia 7 de dezembro de 1850.*

Aceitaremos apenas esses três americanos.

Na verdade, admito, criamos severas restrições para a entrada em nosso cânone de escritores de uma nação que ama esportes violentos, entre os quais se so-

bressai a caça às mulheres alheias. Só a invenção do surfe já bastaria para expulsá-los do convívio humano.

A excelência literária é o nosso único critério.

Mas advirto: não seremos tão democráticos a ponto de aceitar muitos franceses. Ficaremos restritos a Merimée e Maupassant. Três contos para cada um. E, vá lá, um para Flaubert! Não, não insistam, não aceitaremos nenhum outro comedor de lesmas.

Sem dúvida, escolheremos as melhores narrativas curtas. Estilística, conteúdo e originalidade serão critérios inarredáveis.

O melhor conto do mundo, como já afirmamos, trata-se de “A sereia”, de autoria do Senhor Príncipe Lampedusa, um homem avesso a badalações, alto e bem vestido, um tanto frouxo de carnes, de olhar impenetrável.

Não quero descer a detalhes sobre a produção local, mas um dos contos do ministro Machado de Assis será “Noite de almirante”, uma historieta na qual nos defrontamos, novamente, com mais uma mulher vulgar, obscena e lúbrica, exatamente como Capitu, a protagonista do romance *Dom Casmurro*.

Outra presença luminosa do senhor Joaquim de Assis Machado será o conto “Uns braços”, que retrata um caso clássico de pedofilia, no qual uma insidiosa e viciosa mulher madura avança sobre o imaginário de um jovem abobado de quinze anos.

Ninguém soube retratar tão bem como o mestre do Cosme Velho a desfaçatez e a iniquidade femininas.

A relação de contos que indicamos a nossos seguidores já se encontra, sob cláusula de sigilo, com o Concílio para a Propagação da Fé entre os Gentios Devoradores de Letras Impressas.

Nós, luminares desta nascente religião, não prometeremos recompensas terrestres ou mesmo celestiais a nossos fiéis.

Mas uma coisa é certa: o cidadão que está preso na malha de um conto perfeito certamente não esfaqueará, durante a leitura, sua esposa adúltera. Ele postergará essa sua inclinação criminosa. Por fim, vencida a leitura ritual, calmo e tranquilo, ele se contentará em tão somente surrar a vadia.

Por meia hora, uma hora, o praticante ficará embevecido com a leitura de uma história curta.

Se, porém, um dos nossos fiéis ceder à tentação de agarrar-se a um livro de autoajuda, mesmo que metamorfoseado em obra de ficção, nós lhe imporemos, a título de penitência, a travessia da Galícia espanhola na pernada lendo livros de bruxaria desabrida rabiscados por escrevedores do Hemisfério Sul.

A leitura de “Carmen” se estenderá por duas horas.

O passeio com “Emma Zunz” durará dez minutos.

Em uma hora e meia lê-se “O alienista”.

Função, natureza e fim último da literatura: entreter homens e mulheres, estas últimas em menor grau.

Um ensaio a ser escrito por um de nós, o Mestre ou um dos Iniciados, esclarecerá a afirmação feita acima para a turbamulta de analfabetos e ignorantes crassos que povoa esta Atenas sul-rio-grandense.

Reconheçam que nunca nenhum entre vocês imaginou que poderia ouvir em vida uma palavra tão insólita e inquietante quanto esta: turbamulta.

Os ignorantes são rancorosos. Quando nos veem com um livro nas mãos, logo pensam em arranjar-nos um trabalho braçal.

Pode existir trabalho decente, que não o de escrever, para aqueles que, como nós, só obtêm prazer e gozo com a leitura de contos ou de novelas breves?

Não!

Mulheres, quando aceitas na seita, terão carga menor de leitura. Meio conto por dia. Para que não sofram lesões mais graves no aparelho cerebral, quando dotadas de um.

A cabeça de uma mulher só é equilibrada pelo uso dos brincos.

Amorosas? Vossa Excelência afirmou que mulheres são mais amorosas. De onde tirou essa conclusão? Sim, sim, aceito vosso argumento. Sim, é verdade que alguém precisa trocar as fraldas embarradas dos bebês. Sim, também é verdade que essa tarefa imprescindível só pode ser desempenhada por alguém que alcançou a suprema bênção/maldição do amor genuíno. Não falta razão à Vossa Excelência: as mulheres são mais amorosas. Reconheço.

Mulheres preferem filhos às obras impressas.

Mulheres só se apaixonam por homens que as tratam como se fossem prostitutas.

Para que não sejamos acusados de falsários por incentivar e exaltar a misoginia, aceitaremos na nossa seita ledora pessoas pertencentes ao segundo sexo, mesmo que sabidamente tenham dificuldade de concentração.

Adúlteras ou não serão acolhidas em nosso seio.  
Em nosso mamilo, quero dizer.

“Jesus Mamiló” é um conto muito bom de Nick Hornby, que nasceu na Inglaterra. Ah, britânicos não são americanos! Autores britânicos terão preferência na cota que destinaremos aos cínicos e debochados.

Mulheres odeiam a solidão.

Enquanto lê o ser humano tem apenas a si mesmo.

Estar absolutamente só é inaceitável para uma mulher.

À solidão elas preferem a companhia de qualquer um. Mesmo que esse qualquer um seja uma pessoa constrangedoramente inculta.

Mulheres preferem amantes grosseiros, mesmo que sejam surfistas ou que se expressem em inglês de lutador de jiu-jitsu.

Quem lê basta-se a si mesmo.

A mulher, porém, enquanto avança na leitura de uma obra impressa, lança, de segundo em segundo, olhares angustiados em torno de si à procura de concauidades auriculares nas quais possa descarregar o furacão de palavras fúteis que lhe ocupa a mente o tempo todo.

Mas nós as receberemos de braços abertos porque tudo isso é sabido há milênios. Vide Bíblia.

O que direi a seguir já foi enunciado aqui, mas é imperioso repisar certos conceitos éticos e estéticos para que fiquem gravados na nossa mente.

Leitores não têm fome ou sede.

Leitores apaixonados não se movem até o banheiro ou à geladeira.

O corpo e a mente daquele que lê estão unidos, entrançados, visando a um único objetivo, que é a perdição no encadeamento encantatório das palavras impressas.

A função última da literatura é o entretenimento.

*Oratore, oraculu.*

Confesso-vos que ficaria desvanecido caso um de vocês, meus queridos apóstolos, venha a elaborar no futuro (no passado seria ainda mais criativo) um breve ensaio, com ares de conto, sobre essa minha revelação a respeito da finalidade exclusiva — o entretenimento! — da obra literária.

Por fim, peço-vos humildemente que divulguem essa nova em todo o desmedido universo, vasta terra devastada, desde que, é claro, antes, vocês tenham pago os devidos emolumentos, selos e estampilhas. Imprima-se em mimeógrafo. E dê-se crédito ao autor.



## FRENTES DE COMBATE

— O senhor não vai parar de abrir frentes de combate?

— Como?

— Agora é com os americanos. A coisa começa leve, mandando as pessoas lerem contos. Tem umas piadinhas e tal. Mas depois vem a esculhambação pra cima dos gringos. O senhor já negou, mas eu vou dar a minha opinião. Mesmo que inconscientemente, o senhor é comuna.

— O narrador...

— Que narrador que nada! E nessa parte o senhor pega ainda mais pesado contra as mulheres. É engraçado, claro. Concordo que elas são meio burrinhas. Mas isso não se diz hoje em dia... É crime!



## **OBRA NÚMERO 7 (DEUS MAIS TIRA QUE DÁ AOS ESCRITORES)**

— Sejam bem-vindos — disse Ele em latim, ao sentar-se no Trono forrado com veludo púrpura. — Os melhores vinhos do final do século passado.

Nenhum dos três homens riu ou sorriu. Um sorrisinho educado era o mínimo que Ele podia esperar.

Atenção ao detalhe. Ele desceu de sua magnificência e, digamos, humilhou-se a ponto de fazer uma brincadeirinha, mas, repito, nenhum dos três sequer esboçou um sorriso.

Permaneceram calados e indiferentes. Alguém menos gentil e mais contundente diria que permaneceram afundados em um silêncio desdenhoso e arrogante.

Aliás, fingiam-se de desentendidos desde o momento em que foram introduzidos na Sala do Trono.

Senti-me inclinado a escrever também que não trocaram um só olhar entre eles. Mas isso seria, além de muleta narrativa, uma inverdade ou, sendo ainda mais preciso, uma impossibilidade.

Vladimir lançou, pela quina dos olhos, um olhar rápido e coruscante aos outros dois homens. Reconheceu o rosto comprido, as fundas rugas e as sobrance-lhas espetadas do mais magro, o dono da cara de cavalo que vira estampada em uma revista francesa. A bengala estava ali como que para confirmar-lhe a identidade.

O cidadão corpulento, dono de um bigodinho ridículo, entalado num sobretudo elegante, também ar-

riscou uma olhadela, ainda mais discreta. Reconheceu o queixo estreito, a papada frouxa e a calva de Vladimir. E, mais que tudo, identificou o incomensurável esnobismo concentrado naquele lábio inferior, caído, lascivo. Lera dois ou três livros dele. Lera e desgostara. Eram belamente escritos, sim, mas que histórias, que personagens! Como podia um homem gastar tantas páginas falando apenas de cintilações insignificantes, sarcasmos, minudências, joguinhos com palavras.

Talvez para ultrapassar a constrangedora mureta do silêncio, o das sobranceiras espetadas indagou em espanhol:

— Vinho, disse o Senhor?

Deus levou as duas mãos à cabeça ao mesmo tempo em que lançava ao poeta um olhar que implorava perdão. Como não se dera conta? O pobre homem não tinha como compreender a metáfora infame.

— Desculpe-me, dom Jorge — apressou-se Ele. — Eu deveria ter dito ao senhor que estamos em quatro nesta sala. Eu, cuja existência o senhor sempre negou, e três escritores. O senhor e mais dois, os melhores nascidos antes do final...

— Final dos tempos. Que infelizmente não veio em 1900.

O Senhor não apreciou o fato de ter sido interrompido e não gostou da galhofa sub-reptícia embutida naquele palavrório já pronunciado em outra língua, um inglês com forte acento hispânico.

— Podemos continuar falando em espanhol, dom Jorge. Preciso dizer-lhe que aqui se encontram também dois outros autores, um russo e um italiano, que o senhor deve conhecer.

— Modestamente, creio ter fatigado todos os livros razoavelmente legíveis dados à estampa na primeira metade do século XX.

Vladimir mantinha-se imóvel, visivelmente contrariado. Achava que nem mesmo o Senhor, sendo quem era, poderia se arvorar a dizer que na última década do século XIX haviam nascido ficcionistas que se equiparassem a ele. Havia, claro, um evidente exagero nas palavras divinas, exagero que denunciava uma inegável frouxidão no Seu critério de julgamento literário.

— Uma conversa com escritores deve começar pela escolha do idioma — disse o Senhor em francês: — Em que língua conversaremos?

— Palmilho poucos idiomas — já utilizando o italiano, o argentino girou a mão fina de grossas veias azuladas em torno do castão da bengala. — Cultivo apenas as línguas cultas do Ocidente, infinitamente menos numerosas do que as que pululam no incomensurável Oriente.

— Para mim, está ótimo — sorridente, o Senhor recostou seus ombros largos no Trono. Naquele dia, Ele aparentava ter uns cinquenta e poucos anos. Grandalhão, dotado de membros sólidos, envergava o manto que usara ao posar para Buonarrotti. — Mas quais e quantas seriam essas línguas cultas, dom Jorge?

— Cinco: inglês, alemão, francês, italiano e espanhol.

— Menino mau! — o Senhor sorriu, brincalhão. — E o português dos seus ancestrais?

— Sim, o coronel Borges, meu querido avô, heroica e precocemente falecido, teve como língua materna essa mambembe corruptela do galego, o português.

— O senhor esqueceu que fez um poema para Camões? Aliás, o senhor produziu poemas em demasia. Mas é verdade que exagerou ainda mais no número de entrevistas.

Exibindo mais uma vez seu sorriso de dentes perfeitos, simétricos, grandes e alvos, Ele voltou-se para os dois outros homens, que se encontravam à direita do poeta e contista.

— E os senhores, por que permanecem calados? O rato roeu a língua dos reis?

Naquele momento, Deus lembrava um avô bonachão que se divertia fingindo dar uma bronca em netinhos sapecas que passavam as férias em Sua casa de veraneio.

— Não se mostram dispostos a falar — o Senhor passou ao alemão. — Mas, felizmente, escreveram.

Os dois homens permaneceram mergulhados num silêncio emburrado.

Vladimir, que exibia naquela manhã ensolarada o rosto bronzeado de um sexagenário que passava os verões a perseguir borboletas nos Alpes suíços, encheu o peito de ar e depois o esvaziou lenta e sonoramente. Desde o começo daquela conversa definitivamente ridícula e constrangedora fazia questão de exhibir na boca arrepiada em bico sua funda contrariedade. Rugas na comissura dos lábios reforçavam esse desagrado. Vladimir parecia indagar: o que é mesmo que estou fazendo aqui ao lado desses dois parlapatões?

Dom Jorge passou a mão aberta pelo rosto, da testa ao queixo, como se ajeitasse uma máscara, antes de falar.

— O português é a única língua viva que está morta. Tem mais de duas centenas de milhões de falantes, dentre eles pessoas que se julgam as mais alegres e simpáticas da terra. Mas fuzarca e batucada, como sabe o Senhor, são incompatíveis com a inteligência.

— Pedantes e esnobes — disse Deus, levantando-se. — Reduzo três sujeitos a dois predicados. Reconheço, porém, como minha parte da culpa. Eu os escolhi para o Olimpo literário, mas, em contrapartida, dei a cada um de vocês porções respeitáveis de sofrimento pessoal, para que as roessem. Saíram-se bem. Mostraram-se corajosos, embora as pessoas incultas tendam a pensar que todos os homens que escrevem são efeminados.

Vladimir tossiu de leve. Foi uma tossidela que lhe escapou? Não, claro. Aquela tossezinha seca, inventada, teve como função disfarçar um riso maldoso.

Percebendo o deboche por trás da tosse, o Senhor esquentou-se.

— Você, Vladimir, é vaidoso, afetado, fútil e pretensioso. Às vezes, ao ler um dos seus textos em construção, eu tinha vontade de tirar-lhe as calças para aplicar-lhe umas palmadas no traseiro.

— Me desculpe, mas o Senhor parece estar falando com criancinhas — disse o príncipe, em voz baixa, corando em seguida.

Deus voltou-se para o italiano.

— Exato, maestro Giuseppe. Criancinhas mimadas. É isso que vocês três são. Tentei ser justo com vocês. Dei-lhes muito com uma mão e retirei ainda mais com a outra. Escolhi a dedo os pais de vocês e os países onde vocês nasceram. E decidi que, na infância, seriam garotos fofinhos!

Aquela última frase foi demasiado forte para a sensibilidade de Vladimir.

— Oh, céus! — gemeu o russo.

Depois, como que para penitenciar-se por ter aberto a boca, ele se encaminhou para a ampla janela que dava vista para o Paraíso e, ali, assumiu a pose retorcida de um São Sebastião varado por muitas flechas, imobilizado no fecho de luz, quente e dourado, que invadia a Sala do Trono.

— Há muitas borboletas no jardim aí fora — disse o Senhor e aproximou-se do ficcionista russo. — Incontáveis e raríssimas libélulas. Colocadas aí para seu gáudio.

— Gáudio?

Fina e débil, corroída pela zombaria, aquela voz não combinava com os ombros largos, embora arriados, e o rosto bronzeado do lepidopterólogo.

“É por isso que fala tão pouco”, pensou o Senhor. “Essa vizinha de rapariga.”

— Perdão! — implorou Deus. — Eu deveria ter imaginado que uma palavra, digamos, fuleira como “gáudio” o deixaria fora de si.

— Fuleira? — soprou Vladimir, mordendo o lábio inferior.

Como se deixara levar para um diálogo primário como aquele? O que fazia ele, Vladimir Nabokov, na companhia de dois garatujistas de província e do suposto inspirador dos autores de uma vasta coletânea de histórias de muita fama, mas desmesurada, descosida e mal estruturada?

Era forçado, porém, a reconhecer que aquele velho grandalhão talvez fosse mesmo — como Ele pró-

prio dizia — Deus porque, afinal, pareciam encontrar-se na verdadeira Sala do Trono, imensa e riquíssima, banhada pela mais pura luz que tivera a felicidade de contemplar.

E daí? Tamanhos esplendor e magnificência justificariam o constrangimento a que ele, Vladimir Vladimirovich, estava sendo submetido?

E aquele escritor cego, nascido em terra exótica, por que motivo estava ali? Sabia que críticos franceses o haviam incensado como mestre do conto. Mas quem dá ouvidos a críticos franceses, além dos próprios franceses, que são idiotas congênitos?

Estava, sim, realmente intrigado com o outro homem, o do bigodinho cretino. Quem seria? O casacão era bem cortado e o sapato certamente fora feito, manualmente, com cromo alemão, mas algo faltava àquele homem para que pudesse ser considerado um nobre autêntico. O arcabouço físico, claro! Não praticara esportes, como ele, Vlad Vlad, esgrimista sutil, boxeador implacável, nadador exímio e tenista virtuoso.

Maestro Giuseppe? Italiano. O que teria escrito na sua remota comuna? Uma ode à pizza?

“O que é um italiano?”, perguntou-se Nabokov. “É alguém que aos cinquenta anos, envergando um bigodinho que ofende toda e qualquer noção de estética, senta no colo da sua *mamma* e pede a ela que lhe faça bilu-bilu.”

“O que é um argentino?”, perguntou-se o russo a seguir. “É alguém que provavelmente comeu carne crua na infância enquanto brincava com índios de verdade.”

— Dos seus contos, Vladimir, o meu preferido é “Lik” — disse o Senhor.

O russo empalideceu. Era só o que lhe faltava. Ouvir elogios de... Deus. Não, não conseguiu mais controlar-se.

— O Senhor o leu?

— É uma bela história, embora você gaste o primeiro terço do texto para ridicularizar os atores e a arte teatral. O final exagerado, sangrento, não chega a estragar a história. “Lik” reafirma o seu papel de principal redator das grandes e pequenas misérias da diáspora russa.

Decidido a alterar o rumo daquela conversa, que decaía velozmente para o patético, Vladimir recorreu ao idioma de Puchkin para indagar:

— Quando, afinal, receberei lápis de ponta macia e fichas pautadas de cartolina? Estou aqui há décadas. A coceira fulgurante do ócio é o que mais me atormenta.

— Nunca! Jamais você terá de novo em suas mãos um toco de lápis! Nem ganhará uma só ficha. Você já escreveu o que tinha de escrever.

Deus voltou-se para o italiano.

— Príncipe Giuseppe, eu o considero o autor do melhor conto de todos os tempos.

Bochechas avermelhadas, o bigodinho sacudido por tirões involuntários do lábio superior, Giuseppe Tomasi rapidamente juntou os joelhos, como para evitar um golpe baixo futebolístico. Na verdade, tentava defender-se de uma pilhéria. Deus só podia estar brincando. Ele, um Lampedusa, não poderia participar de uma farsa. Não poderia ser ridicularizado, mesmo que pelo Senhor. Precisava defender sua honra. Afinal, era o duque de Palma!

— Lamento dizer, Senhor, mas não sou escri-

tor! Esbocei apenas um romance, que não logrei publicar.

— Engana-se. O monumental *O leopardo*, que só foi lançado depois de sua morte, alcançou sucesso planetário. Julgo que se trata de um dos melhores romances do século XIX, embora tenha sido escrito no século XX.

— Não entendi a brincadeira, Senhor.

— Conservador além do aceitável, o senhor escreveu no seu tempo um romance que não teria desagradado aos leitores do século anterior.

Mesmo correndo o risco de ver-se ainda mais afundado naquela ridicularia, o italiano perguntou:

— Terei ouvido bem? O Senhor também falou em um conto que eu teria rabiscado?

— Exato.

— Não pode ser. Escrevinhei apenas para o fundo de minha gaveta três ou quatro historietas?

Deus levou as mãos unidas à boca, como se fosse orar. Aparentemente, arrependera-se de ter sido tão enfático. E, em voz velada, soprou:

— “A sereia”. É o melhor de todos os contos.

Depois de andar de um lado a outro, por alguns instantes, cabeça abaixada, mãos às costas, como que se recordando de passagens deliciosas da história, o Senhor continuou:

— A vitória é toda sua. Aquele conto não lhe foi inspirado por Mim. O senhor percebe a largura e profundidade do que Eu estou falando? O seu conto não tem paralelo. Quero parabenizá-lo pelo seu trabalho. Onde o senhor foi buscar inspiração?

— Não acredito em inspiração — murmurou o

príncipe. — E tenho ainda menos fé na transpiração. Escrevi aquele conto apenas para entreter-me. E, se possível, divertir alguns dos nossos convidados depois de um jantar.

— Certamente foram outros deuses — o Senhor suspirou fundo. — Deuses mais antigos que Eu, deuses que falavam o grego... Foram eles que sopraram no seu ouvido a história do senador Rosario La Sciura.

Havia um montículo de nostalgia e uma montanha de inveja na voz Dele. Ensimesmado, sentou-se novamente no Trono. Cruzou os braços possantes e baixou a cabeça, como se fosse avaliar o trabalho dos artesãos que haviam assentado o piso de mármore naquela Sala.

Vladimir, com o coração varado pela espada da invidía, sentiu-se sufocar ao intuir que Ele repassava mentalmente trechos do conto escrito pelo carcamano.

Enganou-se. De verdade, o Senhor refletia.

“Eu gostaria que conversassem livremente entre eles, na minha frente, para que Eu me divertisse com as frases ferinas que inevitavelmente trocariam. Afinal, foram eleitos por Mim. São os três melhores daquela safra inigualável. Oh, como eu adoraria vê-los se engalfinhar em uma discussão literária!”

Ao erguer os olhos, vendo o poeta agarrado ao castão da bengala, o Senhor comoveu-se a ponto de gotículas lacrimais aflorarem-lhe os olhos de verru-ma. Infligira ao pobre vate um suplício muito duro. Roubara-lhe a visão ao mesmo tempo em que lhe entregava a direção de uma vasta biblioteca. Fizera dele um menino míope, um moleirão criado sob as saias da mãe e da avó, quando ele desejava ardentemente ser

um brigador de faca num bairro de encenqueiros bigodudos.

Fora implacável com os outros dois também.

Matara o pai idolatrado do jovem Vladimir. Uma pitada a mais de crueldade levava-o a fazer com que Vladimir sênior fosse fuzilado por engano, por um assassino trapalhão, idêntico ao que tentaria assassinar, décadas depois, em um livro escrito pelo filho querido do morto, o repugnante Charles Kinbote, mas que acabaria tirando a vida do suave poeta John Shade. E, para encher a medida de fel, negara-lhe pela vida inteira o uso da língua vernácula.

Mas não fora menos cruel com o Príncipe. Permitira que uma bomba destruísse o Palácio em que ele fora criado em Palermo. E impedira que publicasse, ainda em vida, seu grande romance e o maior conto de todas as literaturas.

O menos amargurado daqueles três homens era sem dúvida o cego.

— Em que pensa o senhor, dom Jorge? — perguntou Deus em espanhol.

— Num tigre, encurralado num labirinto de espelhos à espera de um punhal sedento.

— Se o príncipe Lampedusa é o rei dos contos, o senhor é o príncipe. Três das melhores histórias do mundo foram escritas pelo senhor.

— Quais seriam?

— “O Evangelho segundo Marcos”, “Emma Zunz” e “A intrusa”. As mulheres mais perniciosamente lúbricas da literatura mundial estão nessas suas histórias.

— Perdoe-me, Senhor, mas meu melhor conto é o másculo “Sul”.

— Aquilo não é um conto. É uma reportagem. A reportagem que o senhor gostaria de ver escrita sobre a morte heroica que Eu não lhe permiti alcançar.

## **A VIDA SERIA MAIS CRIATIVA SEM RELIGIÕES**

— *Para um agnóstico, o senhor até que fala muito em religião, professor.*

— *Não sou agnóstico, delegado. Nem ateu. Sou antir-religioso. Creio que a vida seria mais alegre sem as religiões.*

— *Mas nos seus escritos...*

— *Não são meus! Pertencem ao narrador, ou narradores, dessas histórias amalucadas.*

— *Nada me convence que o senhor esteja fora dessa escrituração.*



## O QUE PODE SER LIDO COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL

Prezados fiéis, há autores que publicam livros de quinhentas páginas.

Não, não riam. Eles são numerosos. Principalmente entre os americanos.

Todo romance é inaceitável.

De tais calhamaços, só permitiremos aos praticantes da nossa religião, se a isso formos forçados, a leitura de excertos de *A montanha mágica*, do senhor Tomás Mann. Trata-se de obra humorística. O senhor Homem da Silva Mann quase morreu de rir ao escrevê-la. É a história de um rapaz que, numa clínica para tísicos, sente-se atraído por uma moça de zigomas salientes e olhos orientais porque ela o faz lembrar-se de um coleguinha, lindo e fofo, que teve no curso primário. As mulheres do senhor Homem / Mann são raras, evanescentes e lubrificadas. Lúblicas, digo.

Não, ninguém aqui quer saber de mulheres. O senhor Franz K de Praga também não as apreciava. O senhor Borges não se entusiasmava muito com vestidos e corpetes. O senhor Gogol gostava muito da senhora sua mamãe. O senhor Hemingway treinava sua pontaria colocando na alça de mira de suas armas apenas seres humanos de longos cabelos e curvas peitorais. O senhor Hemingway amava ursos e leões.

Ouçam! A senhorita lá no fundo da sala quer saber se a leitura de um fragmento de um romance norte-americano poderia ser aceita como substituta de um conto.

Não! Não há contos nos romances norte-americanos. A nossa tese não serve para aquela nação cinematográfica. Lá romances são construções sólidas, feitas em linha de montagem. Há manuais que ensinam como fabricá-los. São livros que têm sempre entre 450 e 600 páginas. O leitor americano faz sempre o cálculo do custo do livro. Quer pagar menos por página. Por isso, prefere os livros mais extensos. Saem, proporcionalmente, mais baratos. Esqueçam os romances americanos!

Também não me venham pedir para ler trechos de peças de teatro que eu ficarei furo. Lembrem-se de que a melhor peça do teatro moderno foi escrita pelo mais prolífico dos contistas itálicos, o senhor Professor Pirandello. Há três ou quatro contos dele no nosso cânone. Todos viraram filmes. A Itália é a única nação que teve dez cineastas geniais atuando em uma mesma década. Por quê? Ora, simplesmente porque tinham à disposição um batalhão de roteiristas, todos eles também contistas. Escrever para o cinema italiano não era um ato de alta traição, como ocorre com os rabiscadores de roteiros para Hollywood, Califórnia, alturas do Surfe, Inferno.

Claro, no aconchego do lar, secretamente, vocês podem ler dramas. Mas essa fruição perniciosa não lhes garantirá a entrada no Céu. Não contará, por exemplo, nem mesmo para a remissão de pecados veniais.

Como afirmei antes, alhures, só existe o conto. Tudo é conto. Uma novela enfeixa até trinta contos. Um romance pode reunir mais de cem contos. Portanto, você aí, que insiste em ler um capítulo de um romance, se quiser, leia. Mas que fique claro: sua leitura não será considerada nem mesmo um mero exerciciozinho espiritual.

Um conto perfeito terá entre mil e cinco mil palavras.

Um conto perfeito só pode ser comparado a um diamante lapidado por um judeu de Antuérpia.

É isso mesmo, soa como uma frase feita, mas vá lá: os contistas são os ourives da literatura.

Qual a diferença entre um conto e uma novela?

Ora, a novela ideal tem entre vinte e trinta mil palavras. Anotem. Isso nunca foi dito antes nessa terra ágrafa. Por isso, “Leviatã”, do senhor Joseph Roth, com treze mil palavras, é um conto longo.

De que trata esse conto? De Nissen Piczenick. Manso, ele nunca seria capaz de afogar com suas próprias mãos, como toda gente em Progrody o fazia, um dos muitos ratos que a sua ratoeira apanhava toda noite. Por isso, a troco de uma gorjeta, entregava as ratazanas ao aguadeiro Saul para que ele as aniquilasse. Pois bem, foi precisamente este pacífico Nissen Piczenick que, certo dia, atirou à cabeça da sua mulher, por esta o censurar constantemente, um pesado molho de corais. Depois, bateu com a porta, saiu de casa e foi para a margem do grande pântano, o parente afastado dos grandes oceanos.

Então, eu vos questiono: “Enfermaria número seis”, do esculápio Tchecov, é novela ou conto longo? E “O alienista”? E “Bartleby, o escriturário”?

Para mim, são novelas curtas.

Sim, a leitura fracionada de noveletas será aceita como prece, sacrifício ou purgação, desde que, claro, a obra esteja incluída no nosso cânone.

Eu daria como exemplo a novela “Ratos e homens”, de autoria do senhor João Steinbeck, que li re-

centemente em quatro noites, em exercícios espirituais de pouco mais de meia hora de duração.

Outros exemplos?

Vocês poderão ler ainda *O estrangeiro*, daquele argelino que foi goleiro, e também *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, do senhor Jorge Bem Amado. E o excepcional *Vidas secas*, do senhor Graciliano das Palmeiras de Ramos.

Se você pode ler um poema?

Sim, mas também essa leitura não contará pontos para sua ascensão espiritual. Muito pelo contrário. Aqui, devo fazer-lhe uma advertência. Poemas fazem mal tanto à alma de um cidadão quanto ao seu corpo, pois são, na sua quase totalidade, deprimentemente ruins.

Poemas costumam conduzir-nos apenas ao Inferno.

Como para tudo há exceções, permitiremos a fruição, moderada, das obras de apenas seis poetas: Homero, Virgílio, Dante, Camões, Kavafis e Pedro Cabral de Melo Neto, descobridor da poesia brasileira.

Aliás, o melhor poema do mundo moderno é de autoria do senhor Kavafis. Um poema, digamos, esperançoso, porém equivocado. Porque os bárbaros chegaram e já estão instalados entre nós. Eles praticam uma religião cujo deus é o Deserto, como registrei em obra publicada com recursos da Secretaria de Educação deste Estado Sulino.

Francês? A senhorita quer que eu indique um poeta francês?

A senhorita acha que eu sou um mentecapto? Respeite-me.

O quê? Ler crônicas?

Realmente, não sei o que lhe diga, meu rapaz. Talvez pelo fato de ter morado no Planalto Central, sob aquele sol impiedoso, você tenha ficado com a moleira mole. Sinto-me inclinado a repetir-lhe o que disse à mocinha do fundo. Respeite-me!

Abram os condutos auriculares e ouçam! A nossa é uma religião que tem uma só exigência: a leitura embevecida e atenta de um conto por dia. Um conto substancioso e suculento alimenta plenamente, por vinte e quatro horas, uma alma faminta e sedenta.

Esqueçam as crônicas. Esqueçam essa jabuticaba literária!



# **O SENHOR ESTÁ EM GUERRA CONTRA A HUMANIDADE TODA?**

— *Quem presta para o senhor? Poetas e romancistas também não valem nada. O senhor está em guerra contra a humanidade toda?*

— *A sua leitura, sua leitura peculiar, delegado, joga luz sobre meus escritos, sim.*

— *Com esse “peculiar” o senhor certamente está me zoando. Não?*

— *De jeito nenhum! Toda leitura é única. Não existem dois leitores iguais no universo. O senhor é jovem, deve ter trinta anos menos do que eu. Daí...*



## **OBRA NÚMERO 8 (A POSSIBILIDADE REDENTORA DE UM ASSALTO COM MORTE)**

— É muito ruim ver o tempo passar sem ter o que fazer... Lembras que antigamente eu vivia reclamando de não ter tempo para nada?

— Recordo direitinho do senhor dizendo: “Meu dia é muito corrido”.

— Pois é, agora o tempo me sobra. É ainda mais angustiante.

— O senhor dizia: “Vivo perdendo meu tempo com insignificâncias”.

O ourives se levanta e vai até perto da caixa registradora, por trás da qual se encontra o dono da joalheria. Cruza os braços e observa, pela ampla vitrina, o movimento na rua.

— Eu também me sinto esquisito — diz o ourives, de modo vacilante. — Parece que uma coisa arrebitou dentro de mim.

Depois de uma longa pausa, o comerciante volta os olhos para o empregado.

— No início, eu me irritava porque quase não falavas. Agora, o que me preocupa é que quase não entendo o que dizes.

— Ando triste. Penso buscar outra ocupação.

O rosto do dono da modesta joalheria se abre em um breve sorriso irônico.

— Nessa idade? O que farias aí fora? Limparias para-brisas no semáforo?

— Não sei. Faria alguma coisa que me empolgasse.

— Sempre te considerei à prova de empolgação. Sempre te vi como um artesão que nasceu para ficar atrás da sua bancada.

— Sim, antes não havia nada melhor do que vir todo dia para cá, a fim de embarricar-me por trás do balcão. Ultimamente, porém, tenho dúvidas. O mundo é vasto.

— Vasto e imprevisível. Aqui dentro tudo acontece sempre do mesmo modo e no mesmo ritmo. Como um mecanismo de relógio. Temos a benção da ordem.

— Estou ficando velho...

— Todos os dias nós todos ficamos mais velhos. Mas, aos cinquenta anos, ainda estás muito longe da velhice.

— Meu trabalho era importante.

— Somos seres de nenhuma importância, tu e eu. E também todas as pessoas desta cidade. O mundo passa bem sem nós.

— Antes esta loja era puro movimento. Gente entrando e saindo.

— Tudo muda.

— As poucas peças que monto já não me satisfazem. As pessoas estão com muita pressa e pouco dinheiro. Só querem bijuterias.

— É por isso que, obviamente, não vêm mais até aqui.

— Eu gostaria de pensar em linha reta, como o senhor.

— Penso desse jeito porque sou o dono da empresa. Sempre precisei ganhar o suficiente para pagar o teu salário. Tu, não. Querias ser o melhor ourives da cidade e eu te proporcionei as condições ideais. Mas, olha, não estou reclamando. Faria o mesmo com qualquer outro jovem esforçado.

O comerciante deixa a caixa registradora, coloca-se ao lado do ourives e, como ele, fica a observar o movimento das pessoas na rua.

— O que não percebi a tempo, infelizmente, é que esta cidade não valia o nosso esforço. Eu, o mais velho, o mais sensato, deveria ter sugerido que te demitisses e que fosses embora enquanto havia tempo.

— Nunca imaginei que um dia...

— Tu és um sonhador. Sempre viveste num mundinho de metais raros e pedras brilhantes. Respiras mal fora do teu aquário. Na rua, aí fora, morrerias. O ar está saturado de realidade. Terias de arrancar comida dos paralelepípedos. Aqui dentro, não. Podias trabalhar o dia todo, entretido, sem te preocupar com nada.

— Eu gostava de criar coisas bonitas.

— Confesso que sempre admirei tua capacidade de viver fora da engrenagem. Não tiveste mulher nem filhos.

— Sempre me considerei um artista.

O dono da joalheria não consegue controlar uma risada, nervosa e triste.

— Mesmo que pudesses ir embora, não sairias daqui. Tu és um acomodado. Vives contente nesse teu nicho no rochedo, embora o mar embaixo esteja cada dia mais bravo. Eu, sim, mais sensato, deveria ter-te dito que procurasses outro destino, mas jul-

guei que a ideia de partir deveria nascer no teu próprio coração.

— No início, eu só queria aprender a profissão. Depois, quando dominei as ferramentas...

— Esta cidade está afundando. Se olhares com atenção, verás que as roupas das pessoas estão puídas, que a pintura das casas desbotou.

— Vivo no passado. Só penso nas peças que construí ou consertei.

— Sim, sempre foste cego para tudo que não fosse o teu trabalho. Se pudesses não comer, não comerias. Se pudesses não dormir, não dormirias.

— Eu me arrasto quando venho para cá. O senhor deveria me demitir.

— E onde eu encontraria alguém que aceitasse trabalhar aqui, como tu, por um salário miserável?

— Não fale assim! A verdade é que o senhor não poderia me pagar melhor.

— Ainda temos alguns clientes, mas eles estão morrendo. De vez em quando um deles, deitado, embarca na sua última viagem. Logo vamos ficar sem clientela.

— Talvez a gente morra antes deles.

— Essa é uma hipótese boa demais para se concretizar... Mas se um de nós tiver que morrer, eu prefiro que sejas tu. És o mais indefeso.

— Mas tenho vinte anos menos do que o senhor!

— Nos períodos de guerra, os mais jovens morrem antes.

— Mas não estamos em guerra!

— Estamos sim. Olha para essa rua. Observa bem essas pessoas. Não parecem dispostas a matar por qualquer motivo?

— Mas nós raramente saímos à rua.

— Sim, mas eles podem vir até aqui. Para assaltar. Se vierem, é certo que não deixarão sobreviventes.

— Por quê?

— Quando virem os expositores vazios, quando descobrirem que não há dinheiro na caixa registradora, eles nos matarão. Estarão bêbados ou drogados.

— Eu ando bebendo demais.

— Compreendo. Teu mecanismo interno emperrou e, aí, tu tentas fazê-lo funcionar azeitando-o com bebida.

— Sim, perdi o prazer de trabalhar.

— Todos os ourives começam a beber depois de certa idade. Refiro-me aos bons, claro. Os ruins precisam ter o punho firme. Os grandes artistas trabalham melhor com a mão tremendo e a cabeça latejando. Eu já havia notado que andas bebendo. Achei que era por causa de algum problema na tua família.

— Mas eu não tenho família! Meus pais já morreram.

— Pensei nos teus irmãos.

— Raramente falo com eles.

— Ou nos teus sobrinhos. Hoje até as crianças são problemáticas.

— Meus dois sobrinhos são estudiosos.

O comerciante volta para o seu lugar atrás da caixa registradora.

— Bem, a conversa está muito boa, mas eu acho que está na hora de começarmos a trabalhar. Eu vou ficar aqui no meu posto, mesmo sabendo que não escutarei o tilintar de uma só moeda.

O dono da joalheria retira um anel de uma gaveta e o estende para o ourives.

— Conserta este. Pega! Eu o recebi ontem à noite, depois que saíste. Não precisas caprichar muito. O dono não quer um bom trabalho. Quer apenas gastar pouco. Economiza na solda.

## TEATRO, VIOLÊNCIA E ARTE

— *É teatro?*

— *O quê?*

— *Isso que o senhor leu é uma peça de teatro?*

— *Não. Julguei que era um conto.*

— *Mas me pareceu teatro, um falando daqui e o outro respondendo de lá.*

— *Interessante esse seu ponto de vista, delegado. Realmente...*

— *Mas tem também a questão da violência. Acaba parecendo que o Brasil é o país mais violento do mundo.*

— *Na verdade, delegado, eu acho que o autor dessa história estava mais interessado em discutir a arte, a função do artista.*

— *Nessa o senhor me pegou, professor.*



# TRAPÉZIOS, FACA E A MORTE DA LÍNGUA ALEMÃ

Na esperança de que, em função do registro que fizemos no Vaticano, Santa Fé, Texas, nossa seita seja aceita, rezaremos agora uma oração. Ou seja, leremos um conto.

Leremos, de joelhos, o conto “O ousado rapaz do trapézio suspenso”.

(Pausa para leitura do texto indicado acima.)

Como vocês perceberam, é um conto dividido em duas partes, “Sono” e “Vigília”, caso raríssimo na arte das narrações curtas. Pois bem, durante o “Sono”, o rapaz percorre o Mundo e a História e se defronta com o Riso. Ele vê o poeta Thomas Stearns Eliot de mangas arregaçadas torrando pão e escuta o ronco sobressaltado do romancista Fiódor Dostoievski. Na “Vigília”, a fome o impede de adormecer ou despertar. Ou seja, ele ainda não está plenamente desperto nem totalmente adormecido. Esse conto, em suma, narra a história de um jovem aspirante a escritor que vai morrer de fome.

— *Agora me diga — falou ela. — O que sabe fazer?*

*Sentiu-se embaraçado:*

— *Sei escrever — disse enfaticamente.*

— *Quer dizer... Sua letra é boa? É isso? — disse a idosa senhorita.*

— *Bem... É — replicou ele. — Mas o que quero dizer é que sei escrever.*

— *Escrever o quê? — disse a moça, quase com raiva.*

— *Prosa — respondeu ele simplesmente.*

Eu trouxe essa belíssima história a este plenário por dois motivos. O primeiro é que ela transcorre numa surpreendente realidade rarefeita, onírica e esfomeada. Segundo: vocês todos, embora não percebam isso com clareza, também têm fome de escrever.

Escutem então o meu discurso.

Apóstolos, eu estou cômico de que vocês gostariam de sair pela incomensurável terra devastada anunciando uma boa nova. Que nova seria? Que vocês são respeitáveis e dignos escritores? Desistam, digo eu. Mantenham-se nas ocupações decentes que exercem hoje. Restrinjam-se aos batentes que lhes garantem a fina camada de manteiga sobre o pão. Se quiserem mudar de vida, optem por Mecatrônica. Não, não sei de que se trata, mas creio que é uma especialidade rendosa. Vocês não sofrerão fome nem morrerão de boca aberta escancarada como o garoto do conto.

O senhor aí, que está cofiando a barbicha, prestou atenção ao nome do tradutor do conto. Sim. Ele mesmo. João Cabral Neto. Era poeta, mas, paradoxalmente, merece respeito. Era poeta, mas contava histórias, como a daquele Severino que veio, acompanhando o trajeto dolorosamente sinuoso dos rios secos, morrer de sede à beira do mar.

Por isso, a beleza desse conto em português é estonteante. O vate João Neto de Cabral não olhava só para o próprio umbigo. Costumava narrar os passeios que fazia pelas cidades: Barcelona e Barcelos, Sevilha e Marília. Ele só trabalhava com palavras desidratadas, pontiagudas e perfurantes. Já enfatizamos aqui o valor da sequidão, da concisão, do corte seco da faca. Há poemas de João Melo Cabral que poderiam ser considera-

dos contos de tão bem resolvidos. Como aquele que fala da faca assassina, um conto policial.

O autor é o quê?

Sim. Você tem razão em parte. O senhor William Saroyan nasceu nos Estados Unidos, sim, mas, no fundo, ele não era um americano. Personagem de autor americano nunca morre de fome. O senhor Saroyan entrará na cota dos escritores armênios.

Que conto, meu rapaz?

Sim, esse conto eu conheço. Em português chama-se “Primeira dor”. É de autoria do senhor Franziscus Kafka, de Braga, Norte de Portugal, arredores da Praga. O referido senhor muito escreveu sobre a arte de escrever. Sim, é linda e comovente a história do artista circense que nunca deixava seu trapézio. *Panem et circenses*. Mas esse conto é gaiatamente engraçado porque os criados faziam subir ou descer, por corda, recipientes especificamente construídos para atender às necessidades “bem ínfimas” do trapezista.

O trapezista que se recusa a descer do balanço é como o escritor que não para um só dia de escrever. Aliás, todos nós escrevemos sem parar. Na vigília sonolenta, sonhando ou até mesmo, o que é mais surpreendente, quando estamos despertos.

O título do livro do senhor FK que traz o conto do trapézio é *O artista da fome*. Esse título foi retirado de um muito curioso caso de um cidadão que se torna faquir porque odeia comer. Mas ele não aceita ser considerado um grande artista da fome justamente porque jejuar não lhe custa nenhum sacrifício. Aliás, pelo contrário, dá-lhe um grande prazer. A insaciável vontade de não ingerir alimentos do artista da abstinência nada

mais é do que uma recriação artística da monomania gráfica — ou graforreia, palavra horrenda —, perversão praticada pelo senhor Frank Káfika, o autor do conto, e por todos nós que aqui estamos reunidos.

O senhor Kafta não gostava do seu pai. Sentia-se esmagado por ele, que era um homem gigantesco. O senhor Káfika era alto, magérrimo e tímido. Talvez eu tenha uns quilos a mais, mas somos da mesma altura. O meu pai, o probo senhor desembargador Aurélio Apolinário Assumpção de Moraes Honorato-Guimarães, *primus inter pares*, também era esmagador, mas eu o amava. E o verbo amar é bem mais destrutivo quando conjugado em alemão com sotaque tcheco.

O trapezista que se recusava a deixar o aparelho ginástico e o faquir que sentia engulhos diante de uma gamela atulhada de acepipes são o mesmo homem. Não seria mais apropriado dizer que o faquir e o trapezista são projeções desfocadas do autor dos contos, um artista da escrita?

Da leitura desses contos se conclui que todo escritor é potencialmente um monomaniaco.

Talvez se possa acrescentar, recorrendo à lógica, que, logo, todo monomaniaco pode ser um escritor.

Alguém, em algum lugar, no passado, certamente deve ter dito que bastava saber escrever em alemão ou russo para ser considerado um escritor.

Sim, usando o mesmo raciocínio, eu digo aqui, hoje, que todos os alemães e russos são lunáticos.

Os alemães, como todos aqui sabem, começaram uma guerra e mataram meio mundo, inclusive alguns milhões de russos. Quem morreu naquela grande guerra foi também, curiosamente, o idioma alemão.

Há quem diga que os alemães no começo queriam apenas acabar como os franceses, algo que, dizem os ingleses, pensando bem, não chega a ser um total disparate.

Mas ouçam! Todos os loucos, antes da Grande Guerra, preferiam escrever em alemão. Por quê? Porque é uma língua tão complicada que só os malucos conseguem dominá-la. É tão intrincada e tem uma pronúncia tão impronunciável que nos intimida. Dizem até que é impossível mentir em alemão.

Os senhores certamente já ouviram falar no senhor Sigismundo, o que inventou a autoajuda, e também no senhor Carlos Marquex, que inventou China, Coreia e Cuba. O que Karlos e Zigmundo tinham em comum? Escreviam em alemão. *Vide bula.*



## **MAIS EXATAMENTE: BARRIGUDOS**

- *Agora, são os alemães e russos...*
- *Eu deveria ter estudado russo e alemão, delegado.*
- *Tem o negócio da fome também.*
- *O artista...*
- *Tem muito espírito de porco que vive insistindo com essa história de que tem muita fome no Brasil. Mas é mentira. O que mais tem aqui é gordo. Mais exatamente: barrigudos.*



## DIÁLOGO TRAVADO EM UMA PADARIA

— Senhor Jorge Luís Borges?

— Perfeitamente. Jorge Luís de Oliveira Borges.

— Esqueça o primeiro sobrenome. Eu gostaria de dispor do seu nome composto e do último sobrenome. Pretendo usá-los em uma oficina literária que vou ministrar.

— Oficina de quê?

— Criação literária. Contos. Narrativas curtas, se o senhor preferir.

— Desculpe, mas...

— Uma oficina na qual as pessoas serão treinadas para, inicialmente, exercer o alto ofício da leitura e, posteriormente, talvez, o da escritura.

— Tem alguma coisa a ver com automóvel?

— Não. Tem a ver com Arte, com letra maiúscula.

— Mas essa tal oficina usa máquinas?

— Sim, utiliza-se da mais maravilhosa de todas as máquinas, que é o intelecto. Perdão pelo jogo sutil das palavras, mas a verdade é que lançaremos mão também, sim, de uma máquina que tem acoplada a si um teclado. Com essas duas máquinas, é de supor, confeccionaremos joias narrativas.

— Joias?

— Em linguagem figurada, claro. Porque o conto é a gema mais preciosa da literatura. O conto é o equivalente literário da pepita de ouro.

— Tem a ver com garimpo?

— De certo modo, sim. O seu raciocínio é perfeito.

Numa oficina literária, garimpam-se palavras. Ou garimpam-se. Não sei bem. Imagino que haja controvérsia entre os gramáticos.

— Não estou entendendo. É uma oficina de concerto de joias?

— Concerto com c. Exatamente: é um concerto. Há um maestro, este que a vós se endereça, e vários aprendizes ou alunos, como queira. Na verdade, prefiro chamá-los de artesãos praticantes da pulcra usina de palavras luminosas.

— Tem dinheiro envolvido na parada?

— Nada. Os pacientes não pagarão taxas, custas ou emolumentos.

— Quer dizer que eu não ganho nada?

— Em moeda, não. Ganha em crédito.

— Crédito em conta corrente bancária?

— Não. Crédito junto à comunidade. A cidade de Pelotas, a Princesa do Sul, a Atenas Sul rio-grandense saberá que o senhor cedeu graciosamente seu nome. Isso eu prometo.

— Pra lhe ser franco, da oficina eu não entendi nada, mas não vem ao caso. O senhor quer que eu lhe empreste o meu nome? É isso?

— Na mosca.

— Então é pra ser avalista?

— De certo modo, sim.

— O senhor quer que eu avalize uma promissória sua?

— Podemos dizer que sim.

— Mas eu não conheço o senhor!

— César Alexandre. O senhor deve ter ouvido falar dos meus sobrenomes. Guimarães Sampaio de Caze-

neuve e Honorato. Venci o concurso “Contos para uma Cidade Duas Vezes Centenária”, idealizado pela Sub-Prefeitura do Laranjal, no ano passado. Ganhei quatro caixas de biscoitos Zezé. O *Correio Popular* publicou o meu conto, “As obscuras paragens jamais visitadas pelo sol”. Duas mil e cem palavras.

— O senhor me desculpe, mas eu jurei pra minha mulher que nunca mais avalizo ninguém. Um primo meu me embuchou com quatro meses de aluguel faz uns dois anos.

— Realmente, o senhor não entendeu o meu alto propósito. Ouça! Inicialmente, pensei em dar o nome do Desembargador Machado Joaquim de Assis à minha oficina literária. No entanto, hoje, ao passear por esta rua, li o seu nome. Padaria Borges, proprietário: Jorge Luís Borges. Sobressaltei-me. Percorreu-me um frisson. Quase me fui ao solo. Jorge Luís Borges é o nome do maior escritor que já nasceu na porção meridional das terras descobertas por Colombo. Por isso, aqui estou. Para pedir-lhe o empréstimo do seu nome para coroar meu empreendimento. Oficina Literária Jorge Luís Borges. Se alguém, por exemplo, uma ex-esposa gananciosa do grande bardo, vier para cima de nós, exigindo pagamento de direitos autorais, alegaremos que o senhor nos cedeu o nome em comodato. Ganharemos a causa. Sou filho de um importante jurista local, o doutor...

— O senhor ainda não tinha me dito que tem confusão jurídica no meio. E com mulher. Casadas ou viúvas, eu quero é distância delas.

— Estou falando em hipótese. Hipótese bastante remota, claro. O mais provável é que os argentinos não se deem ao trabalho de carregar contra nós.

— Argentinos? Pelo amor de Deus! Prefiro um abraço do Diabo.

— O senhor está se negando a emprestar seu nome a uma iniciativa benemerente?

— Bem o quê?

— O senhor recusa-se a apoiar uma iniciativa que poderá significar a libertação para pessoas hoje sem vulto e voz, mas sequiosas de vida como personagens de um Pirandello?

— Por favor, eu preciso atender meus clientes!

— Recusa-se a ouvir um apelo da sua comunidade? É isso?

— Eu não me recuso a nada, chefe. O problema é que eu não sei o que o senhor quer fazer com o meu nome. O meu nome é meu, só meu. Eu já tenho apropriado demais com esta padaria.

— O senhor ouviu falar da Padaria Espiritual do Ceará?

— O senhor me dê licença, por favor.

— O senhor é um omissor!

— O quê?

— Um somítico.

— Não ofenda!

— Um pusilânime.

— Eu vou chamar a Polícia!

— Pois chame, egocêntrico!

## POSSESSÃO DEMONÍACA

- *Qual a rua dessa padaria, o senhor se lembra?*
- *Almirante Barroso.*
- *Esquina com?*
- *Perto do quartel da Brigada.*
- *Conheço. O senhor conversou mesmo com o proprietário?*
- *Nunca lá entrei. Esse texto, como os demais, foi escrito durante a minha possessão demoníaca.*
- *Demoníaca?*
- *Modo de dizer. Exagero poético.*
- *Exagero? E, pra não perder a viagem, o senhor desanca os argentinos.*
- *Sei que me torno maçante, delegado, mas juro que não escrevi esse texto. Ou seja, não de posse das minhas capacidades...*



# ESCRITO SOBRE OS ESCOMBROS

E sobre os meus próprios escombros escreverei minha obra, uma obra coletiva, na verdade. Contarei, claro, com o respaldo de meus muitos sequazes narradores. Recorrerei ao que for preciso, pessoas estranhas ou artifícios enganosos. Foi o que decidi nesta madrugada, ainda deitado, mas já desperto, antes de sentar-me a esta cadeira e começar a rabiscar o que deve ser o relato da viagem de um homem pelo interior turbulento do seu cérebro e o regresso, relativamente são e aparentemente salvo, a este mundo de tantas tristezas.

Posto isso, comecemos.

Não há mapas seguros para quem escreve, disse aquele escritor, russo como todos os grandes mestres da escritura universal.

Ajudai-me, ó deusas, enquanto tateio em busca dos verbos mais apropriados para narrar a epopeia que teve seu ponto de partida num evento banal, corriqueiro, miúdo, insignificante, mas de cuja grandeza só agora eu tomo conhecimento. Antes, vegetava eu, se assim o podemos enunciar, enfeitado / encantado, numa vida serena e segura entre livros.

Com dedos incertos e alma estrênuo começo pelo encontro do bilhete, um desses com os quais só nos defrontamos em folhetins medíocres.

Não vamos transcrevê-lo porque se trata de literatura de carregação, melosa. Repleto de palavras insignificantes: surfe, tipo, bah, fera, legal, saca, tri, Califórnia, beleza pura. Abarrotado de chavões: feitos um

para o outro, almas gêmeas, amei você com desinteressado (sic) amor. Palavras e frases nascidas de um namorico de debiloides.

Aquele bilhete foi o ponto culminante, e catastrofófico, do insensato arroubo amoroso de um cidadão à beira da senectude.

Anotem aí!

Tema número 1 (para desenvolvimento de composição literária rasteira com dois personagens): jovem mulher, inculta, porém bela, frívola e sensual, envolve-se com intelectual mergulhado em altas leituras e densas elucubrações estilísticas.

Tema número 2 (para redação de conto denso e contundente com apenas um personagem): cidadão de cepa nobre, alto e delgado, barba gris, sempre vestido com roupas corretas, dono de bicentenários sobrenomes e de uma elegância herdada de um pai e de muitos avôs não anônimos, escritor de breves narrativas sutis, é abandonado pela esposa infiel.

Dai-me um narrador, ó, musas, que saiba relatar tragicomédias!

Introito. O amor sofre com o transcurso dos dias. As margens dos rios penam com a revolta passagem das águas. O leito do solitário soçobra quando nele penetra a luxúria.

A história. Certo dia, uma jovem senhora, recém-casada com um homem marcado pela elevação moral e pela elegância aristocrática, descobre a existência do real, do concreto, na forma de um indivíduo musculoso que não se entrincheirava por trás de livros e que pronunciava diante dela as frases banais pelas quais ela tanta ansiara quando garota. Entre elas: *I love you*, a

mais estúpida e mendaz de todas. Frase sempre utilizada por garanhões no cio. Os corpos passaram a suar ainda mais intensamente. Estavam praticando ginástica aeróbica, claro.

Preliminares. Imaginemos que num jantar secreto, à luz de velas, o macho tenha oferecido à fêmea uma rosa vermelha.

Que eu mesmo narre, com minhas próprias palavras?

Mas isso nunca me ocorreu antes, Deusa! Costumo me esconder por trás de narradores vários — velhas caquéticas, mulheres concupiscentes, moçoilas sonhadoras, rapazes imbecis, intelectuais zombeteiros, malucos divertidos e velhos sátiros.

Antes de tudo, estando afundado no caos, eu preciso identificar a voz que vai narrar. A voz com a qual eu vou narrar. Fico à espreita. Ouço então um gemido. Resultou de um impulso dado ao ar que dormia nos meus recessos pulmonares, ar que a seguir atravessou célere a harpa das minhas cordas vocais e por fim se despejou no ambiente, diante de mim. Eis a voz necessária para relatar a história que deseja ser contada.

Aquele bilhete, deliberadamente esquecido por ela no fundo do guarda-roupa vazio, informava-me que houve um jantar de mau gosto, à luz de velas (sempre há velas!), numa noite clandestina em tasca sórdida. A noite do tombo, da vertigem, noite na qual a adúltera precipitou-se nas chamas da concupiscência, noite na qual se deixou imolar, noite na qual, num dado momento frenético, teve a impressão de que as paredes do motel, como nesses desprezíveis romances latino-americanos, tremiam.

Todas as mulheres, mesmo as mais argutas, sentem-se indefesas diante das artimanhas melosas de um canalha testado.

Ouso imaginar que no ignominioso jantar certamente trocaram bilhetes (guardanapos que multiplicavam beijos engordurados) de palavras pegajosas.

Os detalhes sórdidos devem ter sido inumeráveis, mas eu preciso narrar com sobriedade e distinção.

Estarei aqui usando palavras apropriadas e próprias?

Sigamos, no entanto, com a voz de que dispomos agora, a que nos apareceu no dia de hoje.

A experiência abjeta a tirou dos gonzos. Sim, creio que é bem apropriada a comparação que ora fazemos de uma mulher com uma porta. Mulheres e portas se assemelham no que se refere à reflexão, ao pensamento. Dito isto, prossigamos. No leito conspurcado, ela abriu-se toda, como se dotada de incontáveis dobradiças.

Uma imagem me assombra e apavora. A de uma cadela longilínea, de boa raça e pedigree, que vagueia por esburacadas ruas de um subúrbio distante engatada pela parte inferior de sua anatomia a um macho sarmento, porém robusto.

Tinha ele músculos? Sim. Obtidos talvez à beira de uma pia diante de uma montanha de pratos sujos. A única água da Califórnia que ele conheceu certamente era encanada. Surfista? Só se surfou tendo como prancha um balde de plástico com o esfregador de chão acoplado. Cérebro ele não possuía, juro.

Tola, a jovem mulher mergulhou de ponta-cabeça no abismo vertiginoso da carne insaciável. Foi-se. Abandonou-me. Mas foi agradecida, acredito, pelo

tempo em que por mim foi adestrada na faiscante feitiçaria dos vocábulos encantados. Penhorada pelo breve troço de tempo durante o qual desfrutou a vida superior dos que se dedicam a escalar os altos píncaros da narração / descrição. Oh, Deus! Adeus.

Cá no inferno, restei eu. Sofrendo a pane, o descontrolo, o travamento, o colapso numa tarde de sexta-feira, jornada do mau agouro, no fim da tarde, no lusco-fusco cinzento de um dia nublado, na minha biblioteca, mais exatamente na poltrona gasta de papai onde eu costumava circum-navegar minhas muitas horas vadias. Ao lado, o abajur. O ridículo bilhete que recolhi no roupeiro esvoaçou para o tapete. Tentei apANHÁ-lo de volta. A pequena folha de papel atravessada de um lado a outro por uma letra primária, agreste. Cai sobre o tapete e me recolhi, encolhi.

E ali mesmo fui encontrado, na pose assumida muitas horas antes, em posição fetal, olhos esbugalhados, sem vida e secos.

— Ai, Jisuis! — gritou o descendente dos grandes navegadores ao resgatar-me.

Enregelado, duro, mandíbulas travadas, olhos cravados no bilhete.

A mancha de urina alastrava-se pelo tapete.

Às vezes, temos de alinhar essas pequenas minúcias humilhantes porque elas lançam jatos de luz reveladora sobre o negrume das aventuras enredadas. É a acumulação dessas circunstâncias penosas que as torna críveis.

Veio a estridente ambulância.

Há sempre mais ridículo que dor nas narrativas amorosas. O patético enternece, comove. O pateta. É as-

sim que nos referimos a toda pessoa tola. Aquele que nos comove, sim, mas que também nos enoja. Porque é pedestre no manuseio dos fatos corriqueiros, os mais numerosos, da vida. Pateta é o que comete pateticos. Como a de escolher uma mulher muito mais jovem para companheira.

E por ter sido dolorosa a lavratura deste breve capítulo, ou conto, fica ele encerrado por aqui a fim de que seu autor e (quem sabe?) narrador, eu, possa refazer-se / me. De todo modo, eu me comprometo, amanhã ou depois, ou quando determinarem os deuses onipotentes da escrevinhação, a seguir com a narrativa desses fatos rampeiros a fim de que sirvam de escarmento a homens que padeceram afronta e vitupério. A não ser que o Departamento de Censura da Polícia Rodoviária Federal decida em contrário. Tenho dito. *Amplexu et osculu.*

## **PREFIRO NÃO**

— *Caramba! Professor, vamos ter que conversar a sério sobre esse narrador.*

— *Prefiro não.*



## DERRADEIRO DIÁLOGO COM AQUELA MULHER QUE ME ABANDONOU

— Voltas a que horas? — perguntou a mulher.

— Às seis e meia, pontualmente, como toda sexta-feira! Por quê?

— Nada. Às três vou ter aula de localizada...

— O quê?

— Ginástica localizada. Bumbum. Com o meu *personal*.

— Ah!

E ele mudou de assunto porque havia algo importante a ser dito.

— Passei a compreender melhor Tchecov depois que li o ensaio de Thomas Mann sobre ele.

— Ele quem?

— Tchecov. O autor de “A dama do cachorrinho”.

— Desconheço.

— Mas tu me disseste que havias lido. Faz um mês. É aquele conto sobre um homem casado que se apaixona por uma mulher casada. Casada com outro, claro. A história se passa numa cidade à beira-mar, no verão. Ao fim da tarde, ela costumava passear com um cãozinho.

— Se li, esqueci. Ou apaguei da memória. Gosto de manter o disco rígido limpo, pra receber novas sensações, novas emoções.

Ele ergue as sobrancelhas. Ela parece totalmente diversa da mulher com a qual se casou seis meses antes.

A mulher está diante das portas arreganhadas do guarda-roupa. Passeia seus olhos e mãos por numerosos vestidos, muitos deles dados a ela pelo homem que a observa com um olhar francamente amoroso.

— Estás te sentindo bem, Maria Laura?

— Bem demais.

A jovem mulher volta-se para o homem maduro. Ela parece estar com os olhos nublados. Tenta encenar um sorriso, mas só consegue improvisar uma careta, encabulada e tristonha.

— Mas me conta a história do cachorrinho. Sou louca por animais.

— Eu falava sobre um ensaio de Thomas Mann. Em primeiro lugar ele se mostra embasbacado com a humildade de Tchecov, que se julgava um nada, um nenhum, mesmo sendo o maior contista de todos os tempos. Claro, ele, Thomas, era um pavão espevitado. Carregava o ego numa Kombi...

— Estás querendo me passar algum recado, amor?

— Como assim? Recado? Sou homem de recados? Quando tenho algo a dizer a alguém, eu simplesmente me calo.

O homem barbado esperou de sua esposa um riso, que não veio.

— Não entendi essa tua insinuação sobre o ego?

Por conveniência, já que estava atrasado, ele resolveu saltar por cima daquele obstáculo.

— Voltemos ao homem. Voltemos ao Mann. Ele diz que a grande vantagem de Tchecov, como escritor, é que ele não tinha um projeto de vida. Não acreditava em nada, nem em Deus, nem salvadores humanos. Por

isso, era um portento literário. Narrava sem peias ideológicas ou religiosas. Era solidário aos homens, a todos, mas sabia que a nossa vida na terra nada mais é do que uma ninharia insignificante que ninharia insignificante continuará a ser pelos séculos vindouros. E sabia também que o que nos resta, aos que não somos meros talos de alface, é trabalhar. Trabalhar um dia depois do outro. Trabalhar durante toda a vida.

— Eu gosto do teu jeito de falar sobre livros e escritores. Gosto principalmente da tua empolgação. Mas não entro na fundura do que dizes. Mas, agora, uma coisa me contrariou. Foi aquele teu comentário negativo sobre a vida dos seres humanos. Discordo. A vida é bela, como diz aquele filme italiano. Basta buscar o amor verdadeiro.

Chocar-se contra uma parede de incompreensão. Era isso que ele fazia o tempo todo. Acreditava, porém, que, com o passar dos anos, aquela situação certamente se acomodaria. Bastaria falar menos sobre literatura. As conversas seriam apenas sobre o que está bem à vista — as piruetas do clima, o restaurante onde jantar, os planos para o passeio de domingo à tarde.

Conciliador, com um sorriso de excessivo e falso entusiasmo, o sexagenário de barba grisalha bateu uma única e discreta palma.

— Hoje à noite, vamos ver um filme no DVD! *Pelle, o conquistador*.

— É de amor?

— Não. Conta a história de um migrante sueco, bastante bronco, já idoso, que vai à Dinamarca com seu filho de doze anos para trabalhar numa propriedade rural e...

— Tu nunca pensaste em assinar um canal pornô?

— O quê? — gemeu o homem, sufocado por um espanto quase insuportável.

— É bom pra apimentar a relação.

— Entendo. Vou agora para a universidade. Volto à tardinha.

“Onde fui amarrar minhas rédeas”, pergunta-se o homem.

Viveu bem, sozinho, por seis décadas. Mas, de súbito, caiu trespassado pela flecha do anjinho arteiro. Enamorou-se. Como compreender aquele sentimento novo? Seria mesmo amor aquela irritante corrente elétrica que lhe percorria músculos, nervos e veias? Sim, era algo que talvez pudesse ser chamado de amor, mas que, mais apropriadamente, deveria ser chamado de paixão senil. Uma ternura paternal, quase casta. Quis proteger aquela mulher ainda mais frágil do que linda. Alta e magra, obscenamente bela. Longos cabelos negros, olhos de safira, lábios sedentos. Um corpo riscado por linhas longas, ligeiramente sinuosas. Defeito, só um, pequeno: não gostava de ler. Pobrezinha, há pouco liberta de um casamento frustrado que durara menos de ano. Uma lástima. Quis casar-se com ela para protegê-la. Não, um casamento, não, ela respondeu. Seria caretice. No máximo um contrato de união estável. Pensando bem, se viva estivesse, a mãe dele talvez acabasse gostando daquela moça porque, além de bonita e rica, estudara em escola de freiras francesas e possuía também muitos sobrenomes antigos, portugueses, alemães e espanhóis, e sonorosos.

Isso tudo o homem pensou enquanto se dirigia de carro à universidade naquele dia, o dia em que travou o derradeiro diálogo com sua esposa, o dia em que ela o abandonou por um *personal*.



## **LIVROS E ESCRITORES DESATINADOS INCLUÍDOS**

— Não tenho mais dúvidas sobre a verdadeira identidade do homem que está narrando agora, professor.

— Não esteja tão certo assim. A loucura e a literatura não têm compromisso com o que chamamos verdade.

— Sou um simples bacharel em Direito. Mas aprendi na velha academia do Largo Verneti que tudo acaba desaguando em tribunal. Livros e escritores desatinados incluídos.



## LOUVAÇÃO DA QUÍMICA

— Aqui, neste teatro, as personagens se revezam muito rapidamente! — bradei quando vi diante de mim aquela deusa teutônica.

— O senhor tem razão — ela sorriu, e puxou para perto de si o teclado do computador. — Aqui conseguimos enganar até mesmo o Diabo. Ele é velho, portanto tardo de raciocínio. Daí vem a nossa vertiginosa troca de cenários, personagens e falas.

Gostei do “portanto tardo”. Aquela moça loira, nereida desconhecida, pareceu-me à primeira vista tão lúbrica e obscena quanto a ciganinha Carmen, de Mérimée. O corpo dela, nem muito alto nem muito magro, emitia alta dose de concupiscência, que por sua vez produzia intermitentes faíscas elétricas nas minhas costelas. Tinha bastos cabelos loiros, rebelados, mal sujeitados num rabo-de-cavalo. Nas orelhas, argolas grandes como aros de carroça. Seu nariz arrebitado, de dilatadas narinas, aparentemente estava sequioso por detectar emanações fortes de secreções corporais masculinas.

— A senhorita gosta de teatro?

— Senhora! — levantou a mão e mostrou-me rapidamente uma aliança. — Pratiquei teatro na universidade. Pouco, um semestre só. Disciplina optativa. Uns fumavam maconha em sala. O professor era um velho hippie uruguaio. Hugo. Ele me chamava de Vaca Amarela. *Baca amarija*.

— A senhora por acaso encenou algum texto do doutor Tchecov?

— O russo? Não! Nós mesmos escrevíamos. Coisas contra nossos pais. Contra as instituições. Contra o mundo. Rebelia sem causa. Os hormônios em ebulição.

— Sei. Qual é mesmo o seu nome?

— O senhor ainda não decorou? Adriana Kreuzfeuer, muito prazer. Fui encarregada pelo doutor Haddad de cuidar do senhor.

— No fim, a senhora me esclarecerá sobre quem eu sou de verdade?

— Prefiro dizer que vou remontar o senhor. Pecinha a pecinha. Digamos que o senhor seja um boneco de lego feito com milhares de pecinhas. Encaixo todas elas. No final, o senhor volta a ser quem era.

— Como a senhora fará isso?

— Apenas atendendo aos seus desejos. Farei só aquilo que o senhor quiser. O senhor pede, eu cedo. Aos poucos, o senhor vai refazendo seu ego destruído.

— A senhora poderia ser mais clara?

Ela levantou as mãos do teclado e cruzou os braços diante dos seus seios, mais para pequenos que fartos, porém tesos.

— Sim. O dia tem vinte e quatro horas. O senhor ficará acordado, em média, dezesseis horas por dia. Ao longo desse tempo fará só aquilo que lhe dá prazer. Ler ou escrever, segundo o doutor Haddad. Assim, satisfeito o tempo todo, ou seja, não contrariado, voltará a ser quem era ou, o que seria ainda melhor, se transformará em um novo ser, plenamente feliz.

— A senhora não está sendo excessivamente otimista?

Um riso abusado arregaçou a grande boca gulosa da valquíria, fechou-lhe os belos olhos azuis e a sacu-

diu toda. Tive então certeza de que ela era proprietária de um apetite carnal desordenado. Ria com evidente gozo. Entregava-se sem pudores às perniciosas cócegas do riso. Não era como essas mulheres que riem como se estivessem com medo de, relaxando, fazer xixi nas calcinhas.

— Sinto que vamos nos entender — suas mãos voltaram ao teclado.

— Espero que sim — eu disse.

— Aqui temos de sobra a matéria-prima da cura. Que se chama tempo. Como o senhor sabe, no mundo aí fora, hoje em dia, tempo é raridade. Está quase extinto. Aqui, ao contrário, temos todo o tempo de que precisamos para tratar os nossos pacientes. Podemos esperar o quanto for necessário. Mas eu, como sou jovem, impulsiva e impaciente, apresso o tempo.

— De que modo?

— O senhor gostava de química na escola?

— Naturalmente, não!

— Eu também odiava. Hoje me arrependo. Amargamente. A química tem a solução para todos os problemas humanos.

— Não consegui decorar fórmula nenhuma.

— Esqueça as fórmulas. No nosso caso, aqui nesta casa, precisamos de medicamentos para ajustar os nossos pacientes. Às vezes, eles se desmancham diante dos nossos olhos. Caem rodopiando como pinos de boliche. Então, uma fórmula química os coloca de pé. E depois os faz caminhar de volta aos seus lugares.

— Não compreendi.

— Refiro-me aos remédios. Medicinas, dizem os castelhanos. Remédios resultam de fórmulas químicas.

Com tais e tais fármacos fabrica-se uma pílula azul, verde ou branca. Quando um dos nossos pacientes entra em colapso, damos a ele uma dessas drágeas. É a diferença entre a vida e a morte. Ele não se suicida.

Engoli em seco.

— O senhor me perdoe, mas eu não tenho batatas na língua. As mulheres, na sua maioria, gostam de adoçar a pílula. Esse, porém, não é o meu caso. Vou direto ao ponto. Aqui tratamos muitos casos para os quais a melhor saída seria, sem dúvida, o suicídio. Eu não digo que esse seja o seu caso, mas... Um comprimido rosa ou amarelo contém substâncias que vão a uma determinada parte do cérebro e lá travam ou destravam uma alavanca. E a pessoa não se joga da sacada do quinto andar. Ou desiste de se enforcar na árvore do fundo do pátio. Às vezes é uma vitória efêmera, mas não deixa de ser uma vitória.

## UMA FIGURA E TANTO

- *Quem sabe um cafezinho, professor?*
- *O senhor está com sono?*
- *De jeito nenhum! Depois do papo dessa médica, estou mais esperto do que nunca.*
- *Senhor Madureira! Traga-nos café!*
- *Essa médica que o senhor descreveu, doida por re-médio, é uma figura e tanto... Ela existe mesmo?*
- *Posso ser sincero com o senhor?*
- *Mas é claro!*
- *O senhor terá de ir ao Sanatório Espírita para verificar a existência, ou não, dessa médica.*



## **OBRA NÚMERO 9 (A QUALQUER MOMENTO PODE APARECER ALGUÉM)**

Acordei com a explosão.

Quando percebi que estava de volta às paredes brancas da clínica, me senti desalentado. O cenário do pesadelo era maravilhosamente colorido. Eu queria reencontrar Ravina, queria ir até o final daquela história.

Onde fica o cenário dos sonhos? No cérebro? Na alma?

Há muitos anos eu não sonhava. Fechava o livro, deitava e dormia. Sonos de pedra. Dormir pouco, dia após dia, bloqueara minha capacidade de sonhar. Mas ali, na clínica, eu conseguira relaxar. A internação pusera uma trava no meu invariável ritmo de vida.

Cerrei com força os olhos imaginando que daquele modo conseguiria fazer com que o sonho permanecesse por mais tempo dentro de mim. Repassei, lentamente, todos os episódios. Do princípio ao fim.

Começou quando, percorrendo as ruas desertas de uma cidade desconhecida, avistei uma bela mulher, exótica. Era uma morena alta e magra. Trajava um vestido vermelho sem mangas, que lhe deixava à mostra os braços inteiramente tatuados. O cabelo negro era curto, com exceção de uma fina trança que lhe nascia na nuca e despencava pelo meio das costas.

Atravessei a rua e parei diante dela.

— Desculpe o mau jeito, mas você é simplesmente a mais bela mulher que já vi. Quem é você?

— Meu nome é Ravina.

— Fale sobre você.

— Eu levava uma vida louca. Muita droga e vários amantes, todos eles ridículos. Um dia me apaixonei por um chinês recém-chegado de Macau. Larguei aquela vida e fui morar com ele numa casinha minúscula em uma praia batida por ventos incessantes. Hermenegildo, conhece? Na lua de mel ele quase me levou à loucura. Era um amante insaciável. Quando soube que eu estava grávida, sumiu.

— Lamento muito.

— Não há o que lamentar.

— Qual é a sua idade?

— É como se eu tivesse vivido mil anos.

— Você me disse que ficou grávida. Teve o bebê?

— Sim. Está com um ano agora. Eu o entreguei a um casal decente. Mando dinheiro para pagar a educação dele. Quero que se forme em Engenharia Mecânica.

Estávamos diante de uma vitrina bem iluminada, dentro da qual havia um tigre empalhado prestes a saltar sobre uma gazela viva.

Ela pescou um tilintante chaveiro e apontou para uma porta baixa e estreita, ao lado da vitrina, que eu ainda não percebera.

— Venha comigo! — disse, e usando a chave abriu a portinhola.

Vergados, entramos por ela. Defrontamo-nos então com uma escada íngreme. Escalando-a, chegamos a um salão no segundo piso. Ali, no meio de um caos de

crianças maltrapilhas e sujas que engatinhavam, destacava-se uma velha corcunda, desdentada, vestida de andrajos, que nos olhou de soslaio, desconfiada.

De repente, à esquerda de onde estávamos, abriu-se uma porta e por ela entrou um caubói vestindo uma camisa xadrez e perneiras de camurça por cima da calça jeans. Na ponta do queixo, tinha um cavanhaque ruço. Moreno, magrelo, de ombros estreitos e cara encovada, era certamente um bandido de um faroeste-espaguete.

Vendo-nos, ele se dirigiu para onde estávamos. Mas no meio do trajeto foi interceptado pela velha, que o empurrou para um sofá.

Assustado, peguei a mão de Ravina, que me conduziu até a porta por onde entrara o caubói. Passando por ela, ingressamos em uma sala ainda mais ampla, sem móveis.

— Preciso confessar uma coisa a você — eu disse. — Quando era jovem, eu sonhava muito com mulheres maravilhosas, como você, mas jamais conseguia ficar a sós com elas.

— O que você quer dizer com “ficar a sós”?

— Liberdade para fazer o que fosse possível, em termos de sexo selvagem.

— Compreendo — disse ela, e sacudiu a cabeça, como que negando.

Só então notei que, num canto daquela sala, havia um homem, deitado no assoalho, chorando copiosamente. Ao lado do chorão, sentada atrás de uma pequena mesa de madeira pintada de vermelho, estava uma garotinha loira, com os cabelos penteados em formato de capacete de ciclista, que disse em voz alta:

— O senhor Joaquim Manuel Pereira de Abreu

chora em protesto pelo lamentável tratamento que é dispensado pelos poderosos desta nação aos que exercem a nobilíssima profissão de repórter fotográfico.

Entrei em pânico. A voz da menina era aparentemente doce, mas continha algo de diabólico. Olhei em torno procurando uma porta. Não havia como escapar dali. Não localizei nem mesmo a porta pela qual havíamos entrado.

Senti vontade de me jogar ao chão, ao lado do senhor Joaquim Manuel Pereira de Abreu, para também entregar-me ao choro.

Desesperado, eu sabia que estava em meio a um pesadelo e sabia também que Ravina desapareceria caso o sonho se estendesse muito.

— Veja como chora o pobre coitado — sussurrou Ravina, sinceramente comovida pelo drama do senhor Joaquim Manuel Pereira de Abreu. — É de rachar até mesmo um coração de pedra.

Examinando mais atentamente as paredes, descobri à minha direita uma abertura circular de um metro de altura. Puxei Ravina pela mão e ela não me opôs resistência. Agachados, passamos pelo que parecia ser uma rota de fuga para ratos gigantescos e chegamos a uma peça muito pequena, cujas paredes estavam cobertas por um papel branco enfeitado por viciosas flores vermelhas.

— É um quartinho muito acolhedor — eu disse.

— Quartinho?

Os olhos dela procuraram uma cama inexistente.

Preciso beijá-la, pensei. Preciso beijá-la logo porque nos sonhos, de repente, costumam surgir pessoas abelhudas. Surpreso e desconcertado, descobri en-

tão que ela era bem mais alta do que eu. Coloquei-me na ponta dos pés.

— Vamos fazer amor — murmurei.

Ela não se mostrou muito empolgada. Bocejou.

Senti que precisava dar uma explicação.

— Não sou um amante chinês, mas quebro o galho.

— O galho de quem? O seu? O meu?

— O nosso — respondi. Mas não fiquei contente com a resposta. Nem ela, que continuou me olhando impassível com aqueles belos olhos escuros e frios.

— Afinal, não viemos até aqui só para conversar — eu disse.

— Você está falando muito — ela retrucou.

Abracei-a. Beijei-lhe a ponta do queixo. Mas aquilo que poderíamos chamar de engrenagem da excitação masculina não se movimentou dentro de mim.

— Pare — disse ela, e afastou a mão com a qual eu lhe empolgava o seio. — A qualquer momento pode aparecer alguém.

Ouvi um som distante. Concentrei-me nele. Era o caminhar firme de uma pessoa que se aproximava velozmente de onde estávamos. Reconheci o ringir do solado de um tênis feminino.

— Só pode ser a...

— Outra mulher? — indagou, excitada.

— Sim — respondi. — Ela é tão bonita quanto você.

Foi então que Ravina explodiu, como se fosse uma boneca inflável, levando consigo o quartinho e o sonho.



## **NA HORA AGÁ**

— *É bem assim mesmo esse negócio de sonho com mulher. Direitinho como o senhor conta. Até nos sonhos elas sempre tiram o corpo fora na hora agá.*



## FALTA DE UMA CARTEIRA DE IDENTIDADE

— A senhora sabe quem sou eu, doutora?

— Nome, idade, altura e peso, essas coisinhas, eu sei. Estão anotadas aqui. Mas ontem à noite estive com um tio meu. Geraldo Hassenblad, conhece?

— Esse sobrenome não me é totalmente estranho...

— Ele foi seu colega no curso clássico do Colégio Pelotense...

— Hassenblad, Beherensdorff, Backheuser, Scherdien, Stumpf, Schatschneider, Buss, Wulf, estamos cercados pelos generais alemães... Já os meus muitos sobrenomes às vezes se movimentam, uns passam à frente dos outros, ou recuam. Por isso, não posso dizer à senhora qual é o meu nome completo. Assim, sem um nome fixo, invariável, eu não posso saber quem sou.

— Isso é muito comum.

— Há espíritos dentro de mim. Estrangeiros.

— Sei disso. Farei com que saiam.

— De que modo?

Pela primeira vez naquele dia, a jovem mulher demonstrou contrariedade. Bateu repetidamente com o pé no chão. Olhei para baixo da mesa. As tiras estreitas das sandálias me permitiram ver uns pés belíssimos, mas maiores do que se poderia esperar de uma mulher delicada. Eram pés coroados por longos dedos musculosos. Dignos de muitos ósculos.

— Eu já lhe disse, professor. Alegria ou ausência de chateação. Use bem o seu tempo. Uma psiquiatra

idiota lhe diria que fizesse apenas o que contribuísse para a elevação de sua autoestima. Mas nunca o senhor ouvirá tal parvoíce da minha boca.

Jogou a cabeça para trás e, no mesmo embalo, voltou à frente e me encarou. Ajeitou os ombros enquanto pousava os dedos abertos sobre o teclado.

— Perdoe-me — disse ela. — De vez em quando eu mergulho na piscina errada.

— Mas eu estava gostando de ouvi-la falar, doutora. A senhora é uma mulher inteligente.

— Reconheço que tenho uma vantagem se comparada com a maioria das psiquiatras desta cidade. Sou direta e franca com os meus pacientes. Não enrolo. O senhor deve ter percebido que eu sempre lhe falei sem rodeios. Vou repetir: tirarei o senhor daqui muito em breve.

— Como?

— O senhor nos dirá.

— Não compreendo.

— Eu já lhe expliquei. Envolvimento, entretenimento, paixão.

Eu realmente não a estava entendendo. Os três homens pálidos que naquele dia estavam atocaiados atrás do meu cérebro me impediam de perceber aonde a médica queria me levar.

— Façamos o seguinte — ela olhou o relógio de parede. — Digamos que o senhor será enforcado amanhã ao amanhecer. Compreendeu?

— Sim.

— Mas o senhor ainda tem direito a fazer um último pedido. Faça!

— Me consiga mais uma resma de papel almaço.

## **OBRA NÚMERO 10 (MEIO ULTRAPASSADO, ANOS SETENTA E MUITO VIOLENTO)**

— Eu não sou apenas eu. Às vezes sou outras pessoas.

— Como assim?

— Várias pessoas. Nada muito complicado. Tudo começou com a insônia. Eu deitava e não dormia. Ainda demoro a dormir, mas agora tenho as histórias. Quero dizer, antes de dormir, eu invento pessoas que me contam histórias.

— Pessoas?

— Tomemos um exemplo, a história que me contei ontem, intitulada “O prisioneiro e seu algoz”, que trata de homens que torturam homens nas prisões...

— Fora das prisões também.

— Claro!

— Mas também há mulheres torturadoras...

— Claro! Posso narrar o horror com voz de mulher.

— A violência está em toda parte, professor.

— Não me chama de professor! Sou teu marido.

— Brincadeirinha! Preciso me acostumar: marido, esposo, cônjuge, cara-metade.

— Presta atenção! Nessas histórias noturnas, eu vivo os muitos lados de uma mesma situação. Posso ser, por exemplo, o sujeito do amor, o amante; ou o seu objeto, o amado. De tanto narrar com vozes várias alcancei a multiplicidade. Sou homem, menino, mulher, animal, objeto...

— Complicadinho, hein?

— Não me interrompa tanto, Maria Laura! Dessas histórias, eu posso ser o protagonista, o senhor das ações, mas também posso encarnar aquele que acompanha de longe o desenrolar dos acontecimentos, um observador anônimo e desinteressado.

(Enchi o peito de ar, concentrei-me, mirei-a no mais fundo dos olhos e comecei a narrar em voz baixa para que não nos escutassem das mesas próximas.)

— É noite, estou deitado na minha cama. Sei que não vou dormir. Bocejei algumas vezes, mas sinto que o sono tardará, pois anda em visita oficial a uma cidade próxima. Mesmo assim, tentarei alguns truques para atraí-lo. Respirar suavemente. Relaxar braços e pernas. A verdade é que outra noite de insônia está eriçando seu áspero pelo diante de mim...

— A insônia tem pelo áspero?

— É literatura.

— Nunca tomaste remédio pro sono?

— Não!

— Não grita! Essa insônia tem quanto tempo?

— Muitos anos.

— Não deu tempo pra te livrares dela?

— Pior do que a insônia é a sensação de que sou muitas pessoas. Eu estou me transformando nos meus narradores.

— Essa não!

— Come, Maria Laura. Tua comida está esfriando. Mas voltando à historinha que eu me contei ontem... “O prisioneiro e seu algoz”. Escuta a primeira narrativa. “Era uma vez um prisioneiro, que sou eu. Estou com o rosto contra um chão frio, áspero e úmido. Sofri socos e

pontapés. Tenho as mãos algemadas às costas. Alguém força um pé contra a minha nuca. Sei que se conseguisse voltar o rosto eu veria a face do meu torturador. Que seria a minha própria face.”

— Que historinha nojenta!

— Escuta a segunda narrativa. “Estou forçando, com a bota, o rosto de alguém contra o chão imundo. Sinto um imenso prazer em machucá-lo. Quando ele vira o rosto, eu, apavorado, descobro que ele na verdade sou eu.”

— Assim eu não vou conseguir comer.

— Está bem, vou parar por aqui. Reconheço que esse exemplo é meio ultrapassado, anos setenta e muito violento, mas foi o que me veio à mente. Perdão, Maria Laura.



## SAUDADE DOS MILICOS

- *O senhor certamente foi contra o regime militar.*
- *O quê?*
- *A revolução de 64. O senhor era contra?*
- *Nunca me interessei por política.*
- *Hoje o povo tem saudade dos milicos.*
- *Posso continuar?*
- *Essa história de meter o pé na cara do preso... Pois é, os milicos metiam mesmo. Porque os caras mereciam. É o que está faltando hoje em dia.*
- *Não se empolgue. Essas são meras anotações sobre a esquizofrenia literária, delegado.*



## A VIDA É SUBLITERATURA

— A vida verdadeira só existe nos livros, doutora.

— Será? Eu gostaria de entender melhor isso.

— A senhora, por acaso, lê em todos os momentos de sua vida, lê até mesmo quando está executando algo que lhe exija o olhar?

— Não. Claro que não. Seria impossível. Mas espere até que eu anote...

— A senhora nunca me compreenderá porque não lê o suficiente.

— Por favor, sente-se!

— Anote, aí, uma frase enigmática: eu, Leão, sinto-me um estrangeiro nessa terra de papagaios.

— Muito bom. Estamos avançando. Entendo o que o senhor quer dizer. Sente-se estranho nesta sala, como se ela não passasse de um grande aviário, lotado de papagaios, e o senhor fosse um leão. Ótimo. Há um ponto positivo e um negativo no que me diz.

— Leão é meu nome. Porém, a rigor, eu não deveria ter um nome. Sou apenas uma boca que narra incontáveis contos. Mas abandonemos, doutora, os detalhes em favor do fundamental. Sou um estrangeiro porque falo uma língua única, só minha. Comove-me o esforço de pessoas, como a senhora, como o doutor Ibrahim, que gostariam de entender o que se passa comigo. Mas isso lhes é vedado. Mesmo que eu escrevesse longamente sobre meus sentimentos, vocês nada descobririam. Escrevo numa língua só minha, dotada de alfabeto próprio, aparentado ao georgiano. Portanto, não perca seu tempo tentando decifrar minhas anotações...

Assim que acabou de registrar, veloz e perita, no computador o que eu havia dito, ela voltou para mim um rosto compreensivo e intrigado.

— Certo. Trabalhamos aqui com o abstrato e o concreto... Ah, antes que me esqueça, o nome correto do diretor é Haddad, doutor Sérgio Aldado Haddad. Ele e eu discutimos muito sobre seus pensamentos, suas ações e até mesmo sobre os seus desdobramentos espirituais... Mas vamos ao que interessa: o senhor está consciente de que me chamo Adriana, que sou psiquiatra e que o que eu mais faço, o tempo todo, é perguntar?

— Sim, talvez não.

— Com base nas suas respostas, montarei seu tratamento.

— Permita-me antes colocar-lhe uma questão: a senhora lê quantos livros por mês? Dois, três?

— Não! Quatro ou cinco por ano, no máximo. Livros profissionais... Mas me responda o senhor: em que momento sentiu que seu espírito estava sendo tomado por um escritor estrangeiro? Ou seriam vários? Quando se deu esse fenômeno?

— Foi no dia em que matei um patrício do doutor Muhammad.

— Matou quem?

— Um árabe. Eu estava em uma praia. Num país distante, cujo nome acabava em *ia*. Líbia, Tunísia ou Argélia. Calor danado. Uma gota de suor caiu-me no olho esquerdo. Já que fui obrigado a cerrá-lo, aproveitei para fazer mira. Apertei o gatilho e um beduíno caiu morto sobre a areia escaldante.

— O senhor, por acaso, odeia o doutor Haddad?

— Calma, doutora, sente-se! E anote! Levaram-

-me para a prisão. Pensei que estavam me prendendo pelo assassinato do mouro. Não! Acusaram-me de não ter chorado no enterro da minha mãe.

— Enterro da sua mãe? O senhor também matou sua mãe?

— É possível.

— Mas o senhor chorou ou não chorou no enterro dela?

— Minha mãe morreu aos trinta e poucos anos. Era uma mulher muito elegante, com ascendência nobre. Vários barões e viscondes na árvore genealógica. Mamãe ficaria extremamente irritada se eu abrisse o berreiro...

— Chorou ou não?

— Parei de chorar no dia em que fiz seis anos. Meu pai me fez ver que, a partir dali, eu já era um homenzinho.

— Quando sua mãe morreu o senhor tinha quantos anos?

— Nove.

— Então posso concluir que o senhor não chorou mesmo no enterro dela.

— Obrigado por ter respondido por mim. Sou péssimo em matemática.

— Mas o senhor deve ter se sentido mal durante o velório dela, sentiu?

— Apenas tédio. Quem estava mesmo desconfortável ali, creio, era minha mãe. Por causa do caixão aberto. Mamãe era uma mulher vaidosa. Era muito linda. Venceu todos os concursos de beleza em que minha avó a inscreveu, em clubes de Pelotas, Bagé e Rio Grande. Começou aos seis anos ganhando o Troféu Glamour Girl da Praia do Cassino, em 1939.

— Está bem. Falaremos sobre sua mãe depois. Agora quero saber mais um pouco sobre o seu sentimento de estrangeirismo.

— Digamos que a senhora, certo dia, desperte em um hotel de São Petersburgo, a cidade de São-Pedro-sobre-o-Nieva, a Veneza do Norte, Capital do Mundo. Intrigada, desce para o desjejum. Não se entende com os empregados porque eles mal arranham um inglês fanhoso e gutural. Quando sai à rua e vê as placas em cirílico, a senhora entra em pânico. Tenta comunicar-se com os transeuntes gaguejando as cinco ou seis palavras russas que julga saber pronunciar, mas ninguém lhe dá atenção. Por quê? Ora, acontece que todos eles também são turistas: finlandeses, estonianos, lituanos, letões e polacos. Compreendeu?

— Sinceramente, não.

— Pois é assim. Aquele que é estrangeiro em sua própria cidade é ainda mais estrangeiro em terras distantes!

— A isso chamamos inadequação.

— Como?

— Temos uma palavra para explicar esse seu senso de não pertencimento. Inadequação.

— Nada pode ser definido por uma só palavra. O meu sentimento é extremamente complexo. Ele mescla perplexidade, angústia, temor, desalento e um fio de esperança.

— Na psiquiatria, simplificamos, reduzimos.

— Posso me retirar agora?

— Não. Antes, eu queria que o senhor me falasse mais sobre sua mãe.

— Não sei se devo. Era uma mulher muito ativa, orgulhosa, que se permitiu morrer com trinta e poucos anos.

— Perfeito. Mas me fale mais do velório.

— Havia muita gente por lá. Na maioria, mulheres bem-vestidas. Mamãe estava inquieta dentro do ataúde. Podia ser vista, mas não podia ver. Isso me pareceu injusto. Papai não deveria ter permitido aquilo...

— O senhor não pode culpar seu pai. Tratava-se de um ritual. A despedida.

— Ritual é uma palavra muito pesada. Odeio os rituais.

— O senhor chegou a odiar seu pai?

— Não. Eu sentia respeito por ele. Era um homem justo. Talvez rigoroso em excesso, mas sempre justo. Tentou fazer de mim um homem decente...

— E conseguiu?

— Não posso avaliar. Sou parte interessada. Meu pai era juiz, a senhora sabia?

— O doutor Haddad me informou...

— Meu pai queria reunir num castelo todos os criminosos que não conseguiu condenar em sua longa carreira judiciária. Para matá-los, um a um. Um de cada vez. O terror de saber-se na iminência da morte torturaria os sobreviventes. E depois eles seriam liquidados, impiedosamente, um após o outro... A senhora leu *O caso dos dez negrinhos*?

— Vamos nos concentrar agora no seu pai. Alguma vez o senhor pensou em matá-lo?

— Não. Eu estava sempre lendo. Não tinha tempo para fazer planos. Além disso, meu pai seria um alvo

demasiado fácil. Porque também passava a maior parte do dia lendo na biblioteca.

— Voltando à sua mãe. Que lembranças o senhor tem dela?

— Nenhuma. Antes de morrer, ela queimou todas as suas fotografias.

— Não deixou uma?

— As poucas que escaparam às chamas eu as queimei, depois, quando as encontrei. Pensei que precisava concluir o trabalho incendiário iniciado por mamãe.

— Como reagiu o seu pai à morte da sua mãe?

— Pelo resto da vida permaneceu atordoado pela dor de ter perdido a mulher que idolatrava.

— Tem certeza disso?

— Não.

— O senhor usou uma palavra fortíssima: idolatrava. Sustenta-a?

— Não.

— Bom. Vamos dar um pulo no tempo. Viajemos ao final do ano passado. O que seu pai disse quando o senhor lhe anunciou que iria se casar?

— Nada. Ele estava morto havia um mês.

— Mas, se estivesse vivo, o que diria ele?

— Que não me consorciasse. Ele me julgava um homem incapaz de ter uma família, de criar filhos. Não lhe nego razão. Era arguto o velho.

— Mas ele chegou a conhecer sua esposa...

— Ex-esposa. Sim, eu a apresentei a ele. Era a primeira moça que eu levava lá em casa. Papai já padecia do mal que o carregaria pouco depois. Ele a elogiou muito, disse que era inteligente e bonita...

— De certa forma, implicitamente, ele apoiou a sua escolha.

— De jeito nenhum! Papai era um galanteador nato. Depois que ela se foi, quando ficamos os dois a sós, papai me disse: livre-se logo dessa aventureira, meu filho.

— E o senhor respondeu o quê?

— Nada. Porque ele não me deixou falar. Discursou longamente sobre a importância da leitura dos clássicos da ficção, especialmente russos, e arrematou sua fala com uma pérola: a vida, meu filho, é subliteratura.



# **OBRA NÚMERO 11 (CENÁRIO TROPICAL: ARARAS CERCANDO URUBUS)**

Reunião para preparar os festejos de uma data muito importante na História da Pátria. Chovia forte. Negros automóveis afundavam como mergulhões na garagem do Palácio e lá despejavam homens entalados em ternos negros. Sisudos próceres, silenciosos pró-homens atarefados, de pálidas faces apreensivas, de enrugadas testas pensadoras. Líderes atormentados com o rumo sempre imprevisível dos acontecimentos, angustiados com o futuro da Nação. Eram homens tão ocupados que traziam a tiracolo seus secretários.

Os secretários eram igualmente circunspetos, mas invariavelmente mais jovens. Apeavam dos carros já de celular na mão, com o ar de quem necessita desesperadamente falar alguma coisa com qualquer pessoa em algum lugar remoto deste país enorme. País que eles preferiam chamar de Pátria. Pátria é pai, Pátria é mãe. Entre eles, conversavam em voz baixa, frases curtas de palavras pétreas, porque não tinham tempo a perder nesta diuturna luta em defesa dos interesses dos seus chefes e da mãe de todos eles, a Pátria.

No amplo salão de luzes discretas, os sombrios senhores vestidos de negro reuniram-se em torno de uma mesa redonda, decorada, no centro, por uma pequena bandeira da Pátria. Desprendia-se deles uma solenidade só alcançável por abutres circundando um boi

espantosamente gordo. De quando em quando, um deles erguia e descia um sentencioso pomo-de-adão.

Eram homens que conheciam as frases mais graves do idioma pátrio.

— Oh, a morte do civismo! — lamentou o mais alto dentre todos. — Nenhum país vive sem cultuar os seus símbolos mais sagrados.

Silêncio. Meditabundo é o mutismo de homens amargurados com os descaminhos da vida nacional.

— Ninguém mais ama a Pátria — cacarejou outro e circulou o pescoço vermelho. — A não ser, claro, uns poucos abnegados, como nós.

— As crianças já não empunham mais bandeirinhas nos dias da nacionalidade! — sibilou um careca magérrimo, de caninos salientes.

— Que Deus me perdoe, se eu estiver errado — grunhiu outro, de olhos porcinos, titular em várias academias de letras municipais e estaduais. — Mas, nos momentos de mais negro pessimismo, chego a pensar que os homens não usam mais chapéu apenas para não terem de se desbarretear quando ouvem o hino ou quando se defrontam com o sagrado pendão da esperança.

Enquanto os chefes trocavam essas reflexões amargas, seus secretários, reunidos em torno de outra mesa, quadrada, bem menor, aguardavam — impacientes — ligações vindas dos cafundós da Pátria. Certamente anunciando tragédias. As múltiplas calamidades cotidianas que garantem as manchetes aos jornais. Para não perder tempo, abriam pastas de couro e delas retiravam robustos calhamaços — relatórios, estudos, diagnósticos — e também folhas avulsas: anota-

ções para futuros pronunciamentos do chefe e esboços de notas à imprensa. Detalhe: usavam também ternos escuros, mas azuis ou cinzentos, porque o preto era cor exclusiva de seus comandantes.

Próximas aos secretários, dispostas em linha, encontravam-se três mocinhas, altas e magras, do melhor padrão da classe média, tipo exportação, dentaduras completas. E louras do mesmo tom. Certamente partilhavam a tintura de cabelo. Estavam ali para serem acionadas em caso de emergência. Eram mulheres e delas a Nação não podia exigir grandes sacrifícios, além, claro, do desgaste normal do esmalte ao batucar num teclado.

Havia ainda, naquele salão imenso, um outro grupo, composto de duas mulheres e três homens. Os varões trajavam ternos de cores espantosas e cortes descolados, e exibiam gravatas psicodélicas. Estavam enfarpelados daquele modo para, digamos, afrontar a burguesia. As mulheres vestiam terninhos desestruturados, também de cores insólitas. Mas a artilharia pesada de todos eles estava no que traziam a tiracolo ou na mão: bolsas ou pastas francesas compradas por notas verdes que, somadas, alcançavam cinco dígitos, antes da vírgula. Eram todos os cinco — como dizer? — publicitários. Eram artistas. Quase isso. Partilhavam do nervosismo dos homens de negro e dos seus secretários, mas disfarçavam bem. Estampavam sorrisos diversos, mas complementares, de tédio, enfado, desprezo, condescendência e desdém.

Por uma porta lateral, passava-se a outro salão, menor, onde havia apenas uma mesa muito comprida. Ao redor dela estavam reunidos três homens negros,

grisalhos, empertigados dentro de paletós brancos engomados. Tinham todos mais ou menos a mesma expressão facial, forjada e polida em dezenas de anos de trabalho naquele Palácio. De tanto observarem rostos de estadistas e diplomatas de todos os países do mundo tinham agora aquele ar de mais completo e absoluto desinteresse por qualquer coisa que lhes passasse diante dos olhos. De tempos em tempos, um desses homens entrava no salão principal equilibrando uma bandeja de prata que continha copos com água ou xícaras de vaporoso e perfumado café.

Nenhum dos tipos arrolados até aqui percebeu que havia mais alguém no grande salão. Tratava-se de um rapazola que, vestindo um macacão de brim azul, limpava, com um pano embebido em álcool, as vidraças. Ele não podia ser visto pelos demais porque estava espremido entre os vidros e a pesada cortina de veludo grená. Se um dos que foram arrolados antes tivesse ido até o local em que o rapaz trabalhava e levantado a ponta da cortina, teria visto canelas glabras, pés magros e calcanhares rachados. O rapaz usava sandálias.

De vez em quando, esse rapazinho metia o nariz na abertura da cortina e contemplava, embevecido, aqueles rostos graves que via com frequência na televisão. Não lhes conhecia os nomes, mas sabia que eram homens importantes. Em seguida, comovido, voltava a limpar silenciosamente os vidros.

Foi esse rapaz o primeiro a ver o grande carro negro que surgiu funéreo na larga esplanada deserta, cercado por incontáveis batedores em motocicletas. E depois, quando o carro negro se aproximou em alta velocidade, ele reconheceu, num vislumbre, a cabeçorra

que vinha no banco de trás. O chefe máximo. O pai de todos. Via-o quase todo santo dia na televisão, ora ri-sosho, ora enfurecido, sempre suarento, falando coisas que, surpreendentemente, conseguia entender.

Ao entrar no salão, o último homem de negro, baixote e robusto, foi saudado por um rumor abafado e respeitoso, um sussurro geral de estupefata admiração.

O retardatário cumprimentou, então, com tapinhas na pança e sorrisos brejeiros seus companheiros de viuvez enquanto, entre embevecido e impaciente, escutava entrecortadas frases de adulação. Passeou seus olhos espertos pelos secretários ansiosos e pelo bando dos publicitários, que salamalequearam, servis e rastejantes. Rejeitou com um gesto de cabeça água ou café. Via-se pelo pescoço vermelho que preferia bebidas mais espirituosas.

Sentou-se o mandachuva, acomodaram-se ao redor dele os demais homens de negro.

Apagaram-se as luzes para a projeção dos filmes, filmetes e slides, que, com slogans, jingles e pôsteres, conclamavam o povo a amar ainda mais a Pátria gentil, pediam às crianças que voltassem a empunhar bandeirinhas e cobravam dos homens o uso de bonés ou chapéus a fim de que pudessem se descobrir diante dos augustos símbolos pátrios.

Enquanto se sucediam as peças artísticas, os publicitários se revezavam ao microfone, bem falantes, um mais convincente que o outro, superando-se nas piadinhas, mas sem jamais pular a mureta da decência porque, no final das contas, estavam ali em busca de um pouquinho de ouro.

Na penumbra, uma gorda sonolência foi envolvendo os homens de negro e dois ou três queixos caíram sobre gravatas de seda, pálpebras se fecharam, pingentes de saliva cortaram caminho por entre lábios frouxos e um que outro ronco se elevou acima da arenga dos publicitários.

Quando as luzes tornaram a se acender, os homens de negro concordaram com seus gogós pendulares que era daquilo mesmo que a Pátria necessitava: divertidos filmes curtos que fundiam cenas de bucolismo rural e de audácia industrial, marcados por frases contundentes e embalados por músicas do rico folclore nacional de modo a extrair lágrimas comovidas dos olhos dos velhos e radiosos sorrisos de rostos infantis de todos os matizes de pele.

O chefe saiu logo.

De pé, novamente apressados, os homens de negro consultaram os relógios. Novas reuniões, outros palácios, missões urgentes, aeroportos vários, exaustivas tarefas, incontáveis solenidades, hotéis cinco estrelas, intérimo sobressalto — esses sacrifícios todos que a Pátria exigia deles. Enquanto trocavam rápidos apertos de mão, em poucas palavras, decidiram a distribuição das verbas publicitárias.

E se dirigiram aos elevadores e desceram à garagem em busca do aconchego de seus carros negros, seguidos nos calcanhares pelos secretários, que aos murmúrios os informavam sobre o que ocorrera no país e no mundo durante o tempo em haviam estado naquela proveitosa reunião.

Já desembaraçadas de sua árdua missão — que era a de socorrer aqueles homens importantes caso

necessitassem telefonar para outra alta autoridade ou quisessem tirar cópias de documentos importantes —, as belas funcionárias se puseram frenéticas a pentear o loiro da mesma tonalidade, a reforçar o batom e a verificar o estado do esmalte.

Empertigados, os garçons circulavam em torno da mesa principal extinguindo com seus guardanapos imaculados resquícos de água, café ou saliva.

Os exultantes publicitários comemoraram a isonômica repartição dos recursos para a realização da grande festa pátria: para você um filme de trinta segundos que empolgue os patriotas; para você tantos milhões de cartazes com crianças negras, brancas, vermelhas e amarelas empunhando bandeirinhas; para você tantos milhões de piastras para que espalhe nas rádios aquela frase que, subliminarmente, será repetida até mesmo pelo mais boçal dos cidadãos; e para você um jingle que faça dançar todos em frente à televisão.

E, quando o grande salão voltou ao silêncio, permaneceu nele apenas o rapazinho das canelas finas, o que esfregava a vidraça para que ficasse limpa e transparente. De quando em quando, ao se lembrar de um daqueles rostos que vira tão de perto, ele se detinha por um instante e ficava a mirar, com o olhar perdido, a chuva, o aguaceiro que caía grosso e pesado lá fora, a água que embolava junto ao meio-fio e que seguia, em redemoinhos, levando tudo por diante, lavando, lavando, lavando.



## UM ESCRITOR QUE GOSTA DE SER DESAGRADÁVEL

— Voltamos ao mesmo ponto. Mais uma historinha contestadora. Por que essa mania de atacar toda e qualquer autoridade, professor? O que o senhor ganha com isso? Nada. Mas eu vou além. Por causa dessa sua mania, o senhor deve perder muitos leitores... O senhor parece ser um escritor que gosta de ser desagradável.

— O que o senhor está me dizendo é totalmente novo para mim. Nunca ninguém me advertiu que...

— O senhor me desculpe, professor. Eu me empolguei.

— Não. O senhor tem direito de...

— Continue...



## MIL PALAVRAS POR DIA

— O dia de um escritor é medido em palavras escritas, doutora.

— Como assim?

— Mil palavras é a cota ideal. Para quem prefere chavões, esse é o número mágico. Para um homem sem fumaças literárias, o cotidiano tem vinte e quatro horas. Para um escrevinhador, um bom dia é aquele no qual ele consegue ceifar, no mínimo, mil palavras. Passa a gadanha, até reunir uma quantidade suficiente para que elas formem um feixe. Um parágrafo, digamos. Mais um e mais um. Mais um e mais um. A seguir, empilha-os em uma meda. Teremos então um conto. Mas a produção diária deve ser de, no máximo, mil vocábulos, repito. Há quem produza além desse limite, mas esses, em geral, são os afoitos e os descuidados.

— Interessante essa sua tese.

— Não é minha. Há uma tese de doutorado, defendida em Nova York, sobre a produção diária ideal de um escritor de narrativas curtas. Anglo-saxões gostam de estatísticas. Acreditam que, descoberta a média da ocorrência de um determinado fenômeno, consegue-se tangenciar a verdade mais profunda. Quantas formigas um homem que caminha sem olhar para o solo mata, em média, por dia? Resposta: 0,000000007. Pronto. Obtido esse indicador é possível determinar o número aproximado de formigas que falecem, sob os pés de peripatéticos nefelibatas, a cada ano neste nosso interessante planeta. Para os anglo-saxões e para todos os professores de ginástica localizada, tudo pode e

deve ser medido e pesado porque, em algum momento, essa azáfama matemática nos levará à verdade. Já nós, latinos, somos dispersivos. Não recorremos a nenhum método certificado. Escrevemos e não contamos. Acreditamos na, vá lá, inspiração. As musas das letras, no entanto, são volúveis. Há dias em que se acercam com as mãos cheias de belas frases. Em outros, penúria.

— Percebo que o senhor não tem grande estima pelos anglo-saxões.

— Sim. Pode-se dizer que só um livro decente foi escrito por um deles. *Bartleby, o escriturário*.

— O senhor poderia me fazer um resumo da história?

— São duas histórias. Num primeiro momento, temos um advogado gentil e brincalhão que descreve seus estranhos empregados. Um rende mais trabalhando pela manhã; o outro, à tarde. Há ainda um menino que compra os bolos de nozes que esses homens devoram o tempo todo. Parece que estamos em uma comédia. Porém, de repente, chega um novo escriturário, Bartleby. Começa a segunda história. No início, ele é um trabalhador tão dedicado quanto o nosso Acáqui...

— Acácio?

— Eu já não lhe contei a história de Acáqui Acáquievitch?

— Talvez, não me recordo.

— Eu já contei, sim, para alguém, cujo nome me escapa, talvez a senhora mesma, a desventura do escriturário em uma noite gelada de São Petersburgo... Se for preciso, voltaremos a essa história depois... Bem, estávamos no ponto em que aparece Bartleby, que começa trabalhando com afinco. Poucos dias de-

pois, porém, ele se recusa a revisar um original. “Prefiro não fazer.” A partir daquele momento não mais trabalhará. Motivo? Nenhum. Prefere não trabalhar. O advogado descobre depois que Bartleby passa as noites e os finais de semana no escritório. Educadamente, o causídico tenta livrar-se daquele espantalho inútil. Não obtém sucesso. Quando percebe que está se transformando em motivo de mofa e chacota nas rodas de conversa dos advogados de Wall Street, por manter um vagabundo morando em suas instalações, chama a polícia. Bartleby é conduzido preso. Encurralado pelos remorsos, o advogado vai à prisão e lá vê Bartleby deitado na grama, de rosto voltado para o muro, morrendo. Impactante, não?

— Sim, sem dúvida. Mas o senhor me falava do número de palavras produzidas.

— E de anglo-saxões. Odiosos. Desprezíveis. Calculistas. Frios falantes de uma língua primitiva, sem declinações ou aglutinações. O pior sotaque é o dos surfistas da Califórnia. O inglês é uma língua que pode ser falada por qualquer mentecapto.

— Calma. Trata-se do idioma universal.

— Justamente por ser primitivo. A senhora acha que o mundo está pronto pra falar russo? Ou alemão? Principalmente alemão. Um escritor de Berlim poderá, por exemplo, referindo-se à esposa, inventar uma palavra de vinte e oito letras. *Aquelafilhadeumarameias-semvergonha...* Perdão.

— Interessante...

— E reportando-se ao cretino que lhe roubou a esposa: *aquelesurfoenergúmenoretardado*.

— Prossiga.

— O canalha, doutora, era treinador pessoal de jovens mulheres que ambicionavam o corpo perfeito. Dava instruções em inglês de lavador de pratos. Insisto: só parvos podem praticar em linguagem tão primária.

— E Shakespeare?

— Era espanhol. O senhor Jorge Luís de Buenos Aires descobriu a identidade desse prolífico dramaturgo. Guillermo de Cheque y Espera nasceu no bairro judeu de Sevilha.

— O senhor o conheceu pessoalmente?

— A quem a senhora se refere? Cheque y Espera ou Jorge Luís?

— Não! Ao rapaz que dava aulas de ginástica.

— Sim. Ele ministrava suas aulas de alongamento, agachamento e suadouro. Era um rústico. Mas eu venho do cruzamento de famílias letradas, embora radicadas em uma nação padecente crônica de agrafia. Então, certo dia, eu cruzei com ele, no vestibulo, quando saía para a universidade. Tentei ser gentil. “Lá na Califórnia, você ouviu falar de Steinbeck?” Sim, claro que sim, respondeu-me. Conhecia mais de uma dúzia de cucarachos, galera beleza, tudo sangue bom, e achava que uns dois ou três deles trabalhavam no café dessa família, os Starbuck. Comovido com a ignorância do infeliz, contei a ele, rapidamente, a história de “Ratos e homens”. A senhora conhece?

— Parece que, ano passado, vi esse filme com o meu filhinho de seis anos. É o do ratinho cozinheiro?

— Não é filme. Trata-se de um belo livro, singelo, mas envolvente. Narra a história de dois amigos. George é pequeno e esperto, Lennie é grande e abobado. Chegam a uma fazenda a fim de trabalhar na safra

de milho. Lennie gosta de apalpar tudo que é sedoso. Ganha um cachorrinho e o mata com carícias. Aí, um dia, a esposa do filho do patrão insinua-se para o idiota. Uma verdadeira víbora. Lennie fica encantado com a maciez do tecido de veludo do vestido dela. Agarra-se ao vestido. Em desespero, a mulher grita por socorro. Lennie a esgana. Depois, assustado, foge para o mato, como lhe havia ordenado George. Quando encontram a mulher com o pescoço quebrado, os trabalhadores da fazenda, armados, saem à caça de Lennie. Mas George, que sabe onde o amigo está escondido, chega antes.

*George firmou a arma e aproximou o cano da nuca de Lennie. Sua mão tremeu violentamente, mas o rosto dele endureceu: a mão tornou a se firmar. Puxou o gatilho. O estampido subiu e foi rolando pelas encostas até morrer. Lennie se sacudiu todo e depois foi caindo lentamente para a frente, sobre a areia. Ali ficou deitado, imóvel.*

— Que barbaridade!

— Para acabar com a adúltera, Steinbeck preferiu o pescoço quebrado. Mas eu concordo com a Bíblia. O castigo correto é a lapidação.

— Retornando ao ponto. O *personal* da sua esposa.

— O finório, o astucioso, o solerte, o insidioso, o pérfido? O vocabulário dele não continha mil palavras. Nos eternos verões da Califórnia, frequentava praias atonetadas de mulheres seminuas rebolando obscenas. Isso ele próprio me disse, mais por gestos do que por palavras. Piscava os olhos, mordiscava os lábios, desenhava curvas com as mãos. Era pouco mais que um primata. Os gestos e a linguagem dele formavam uma fétida trilha escura de denso lodo, lodo denso, denso lodo...



# **MAS O CARA MATA MESMO O AMIGO DELE?**

— *Anotei aqui o nome desse livro. Ratos e homens.  
Mas o cara mata mesmo o amigo dele?*



# CAPÍTULO FORMADO AO ACASO

— O caos e a catarse. O mundo organizado e harmonioso é o cosmo. As pessoas atingidas por um determinado mal psíquico vivem no caos, o estágio anterior. Caos, para os gregos, era a confusão geral em que vegetavam os seres antes da formação do universo. Vocês precisam caminhar do caos ao cosmo. Vocês precisam e podem retornar ao nosso fraternal convívio. Mas, antes, claro, terão de passar por uma purificação ou purgação. Uma catarse. Você precisa ser aquela mulher elegante e esnobe que foi antes de vir parar aqui. O senhor precisa voltar a trabalhar na sua empresa de contabilidade. Com a ajuda de Deus, todos aqui, sem exceção, voltarão a ser o que foram.

— Segundo dom Jorge Luís, Deus não existe, doutora. Deus é o eufemismo que usamos para o acaso.

— O mito. Sim, sem saber, todos vocês borboleteiam em torno do mito. Criam fábulas para mascarar o relato de suas dores, os grandes sacrifícios pelos quais tiveram de passar. Mitos são interpretações ingênuas e primitivas da origem do mundo.

— Monde, Word, Welt, Mondo.

— Se isso pode servir de consolo a vocês, lembro que a passagem pelo caos purifica os seres humanos, renova-os.

— O caos dos escritores está atulhado de narradores, doutora. Velhos luxuriosos e garotas pervertidas. Humbertos e Lolitas. Mulheres concupiscentes, to-

los apaixonados. Carmen e o basco José Navarro. Muita pornografia e quase nenhuma ternura.

— O caos é só seu, professor. Cada um carrega às costas o seu próprio caos, pessoal e intransferível.

## **OBRA NÚMERO 12 (UMA SENHORA EXTREMAMENTE DISCRETA)**

Fato relevante. Informo à praça que no início desta tarde fui às vias de fato com uma senhora. Discrição, por favor. Antigamente a expressão “vias de fato” era sinônimo de briga, pancadaria. Não é essa, no entanto, a conotação aqui adotada.

Deu-se a coisa do seguinte modo: por volta das três da tarde, estando eu em repouso, estirado no meu leito de homem livre de peias conjugais, lendo uma revista, ainda um tanto atoleimado pela ovelha com batatas consumida no almoço, eis que escuto soar a campainha da porta de meu apartamento.

A campainha soou mais uma vez. Havia pressa naquele segundo toque, uma urgência sã, sadia.

Soltei a revista e levantei-me de um salto. Sou homem agilíssimo para a minha idade (cinquenta e quatro anos recentemente completados).

Saltei e me dirigi à porta.

Calma. Retificando. Na verdade, dei apenas um passo em direção à porta, pois a cabeceira de minha cama fica exatamente ao lado da porta.

A rigor, não tenho cama. Posso um colchão inflável, colocado displicentemente sobre o piso. Esqueça a palavra cabeceira.

— Posso entrar? — antecipou-se uma voz feminina, ao ver o contorno do meu rosto na vigia envidrada.

Sem palavras, abri a porta e ela entrou, ela, a senhora. Cinquenta anos presumidos. Corpo decente. Nem alta nem baixa, nem gorda nem magra. Uma mulher, um ser humano. Tem uma excelente pele, para a idade.

O que sei dela?

É uma senhora extremamente discreta. Reservada. No elevador, sussurra bons dias e noites. Sei também que tem um filho de vinte e alguns anos, executivo de um banco de investimentos, garoto-prodígio formado em pontifícia universidade, já milionário. Foi o que me disse o cretino do porteiro.

Isso que sei dela já é informação em demasia.

— Você estava deitado?

— Sim.

— Deite-se de novo. Mas antes feche a cortina.

Atravessei a sala, baixei a cortina japonesa e virei ao colchão. Deu para entender que moro em um apartamento de um só quarto, que é também a sala?

— Aumente a velocidade do ventilador.

Girei o botão e o ventilador de teto passou a ronronar.

Deitei-me, excitado, antegozando o que viria a seguir.

— Agora, vire pra parede.

Sempre as mesmas palavras. A vida é repetitiva, pensei, mas não deixa de ser interessante. Sempre as mesmas palavras ditas aos sussurros. Uma voz bastante rouca.

Lentamente, suspirando, obedeci.

Então ela deitou-se por trás de mim e lançou um braço à frente. A mão dela escorregou sobre o meu costado e deslizou até colocar-se exatamente sobre o sítio

onde minha anatomia se mostra particularmente sensível ao contacto.

É uma mão sedosa de movimentos delicados. Tem máquina de lavar louça e usa luvas ao enfrentar as panelas, pensei. Poucas e pequenas panelas de uma mulher solitária, que cozinha apenas para si, exatamente como eu faço de vez em quando em meu apartamento de homem sem patroa.

A mão vai e vem, apenas roçando, como que explorando a consistência da minha pele, verificando a higidez de certo apêndice.

Quando inicio o movimento de girar o pescoço, ela suspende o carinho.

— Não, não se vire!

— Só um beijinho.

— Isso não, nunca. Fique quietinho.

Essa senhora aparece no meu apartamento a intervalos incertos. Surge sempre depois do almoço. Como vive no apartamento colado ao meu, conhece meus horários. Acho que, no dia escolhido, ela aguarda ansiosa pelo retinir dos meus talheres. Então vai ao banho. Demora-se sob a água. Gasta muito xampu. A seguir, perfuma-se. Sabe que depois de sestar vou ler por uma ou duas horas. Então, senta-se no sofá da sala e liga o ar. Sim, ela tem um aparelho de ar condicionado, antiquado e barulhento. O apartamento dela tem dois quartos e é maior do que o meu. Isso me foi dito pelo canalha do porteiro. Na frescura e na penumbra, ela aguarda. Permite-me fazer a digestão. Escuta-me o levantar, o ir ao banheiro, a lenta escovação dos dentes. Ouve o som de meus passos nus indo até a estante de livros e revistas e de lá retornando à cama. Só se mo-

vimenta quando percebe que o silêncio da leitura instalou-se aqui. Então abre a porta, olha para os dois lados do corredor e — não vendo ninguém — dá os cinco passos que a trarão até mim. Abro a porta e ela entra, misteriosa, de poucas palavras.

Emprega um bom tempo nas carícias preguiçosas.

— Agora, feche bem os olhos!

Puxa-me pelo ombro, devagar, delicadamente.

Coloca-me de barriga para cima.

Não posso aqui entrar em detalhes sobre o que ela faz, curvada sobre meu corpo exposto e indefeso. Sabe que aquela é uma tortura que não pode se estender por muito tempo. Por isso é econômica.

Detesto entrar nos detalhes, mas, considerando este nosso tempo asquerosamente correto, devo comunicar à praça que ela traz sempre uma camisinha.

Aí, quando me encontro convenientemente plastificado, ela acomoda-se por cima de mim. É surpreendentemente leve quando monta. O que vem a seguir não é uma cavalgada. É um trote lento.

Tento resistir o mais que posso. Os bípedes masculinos, quando mergulham na lodosa água do amor, não se preocupam muito com as parceiras. Têm dificuldade para soffrear a corrida em direção ao nada. Deixam que suas águas fluam com a rapidez das corredeiras.

Mas elas preferem a vagareza.

Agora que cruzei o Cabo da Boa Esperança, experimentado navegador solitário, concedo a ela essa pequena gentileza. Eu tento me segurar. Mas, aos poucos, ganhamos velocidade. Em desespero, aperto os lábios. Se pudesse, contaria carneirinhos.

Passemos agora ao grotesco. É uma posição delicada, claro. Arriscada. Tenho sempre um pouco de receio. Dizem que há casos de quebra dos vasos sanguíneos do aparelho reprodutor masculino.

(Melhor seria se fosse chamado de aparelho prazeroso porque, na verdade, trabalha muito mais em busca do gozo do que da possível reprodução de mais um exemplar da belíssima e maravilhosa espécie humana.)

Graças aos bons deuses a função reprodutora declina no mundo todo, aceleradamente. Logo cairá em desuso.

A Cavaleira Misteriosa. Eu a chamo assim nos meus devaneios em noites de insônia.

Por trás desses cabelos riscados por uns poucos fios brancos, que lhe escondem o rosto, o que existe?

Um cérebro.

E por trás desses pequenos seios arfantes?

Um coração.

O que existe por trás do rosto que, neste momento, coberto pela cabeleira, não consigo ver?

Um ser humano.

É aí que eu quero chegar. Um ser humano. Não vejo mais diferenças entre homens e mulheres da nossa idade. Somos iguais, como quando tínhamos seis anos e éramos meninos e meninas que brincavam juntos.

É uma brincadeirinha urgente e sobressaltada, mas sem posse, gritos ou lágrimas.

Ela amplia a abertura e a profundidade dos seus movimentos. Está sentada sobre o meu quadril. Segura o centro ejetado do meu corpo no centro, aprofundado, do seu próprio corpo. Bate-se com a força de uma onda que quer destruir um rochedo.

Faz reposição hormonal. Uma máquina ainda funcionando bem.

Ela gosta do meu rugido. Sei disso. Demoro tanto que no final acabo urrando com um urso branco quando percebe que o pequeno troço de gelo em que navega começa a derreter. Um urso sem fêmea.

Pronto, *C'est fini*.

A lenta recuperação. A sonolência dos tristes animais. Respirações se recompondo. Suor secando sob a falsa aragem do ventilador de teto.

Permanecemos em silêncio por um bom tempo. Um tempo decente, digamos assim. Não somos animais selvagens, não somos jovens, que saem correndo depois do festim.

Cabeça repousada no meu peito, ela escuta o bater do meu coração.

Será que imagina que uso atorvastatina para manter domado o colesterol?

Será que usa lentes de contato? Afinal, nunca a vi de óculos.

Então ela procura, com o braço estendido, a calcinha no assoalho.

Levo minhas mãos até os seios dela, ainda rijos.

Deixa-se acarinhar por uns segundos.

Antes de levantar, sussurra:

— Mantenha os olhos fechados.

Você vai voltar? Quando?

Não responde.

— Avise-me para que eu possa tomar o mágico comprimidinho azul.

Ela não consegue reter o riso.

— Não vamos correr riscos. Não quero que você tenha um treco durante...

Abre a porta e sai.

Suspiro fundo. Sei que voltará numa outra tarde qualquer.



## CAPÍTULO INCONCLUSIVO

E assim, com um gosto ruim na boca, porque mastiguei quatro palavras asquerosas (mulheres seminuas rebolando obscenas), relato o momento em que dei o primeiro passo em direção ao precipício, eu, o Czar Alexander Aurelianovitch Sampaio de Cazeneuve e Honorato-Guimarães.

Que momento foi esse?

Não é singela essa minha tarefa. Não sabia exatamente por onde começar e nem sei, agora, como arrematar. Histórias vividas por homens cultos e sensíveis têm muitos desdobramentos. A nível de alma, diria um francês. Morte aos franceses!

Todas as histórias de amor foram escritas pelo doutor Anton Tch. Entenda-se: todas as histórias possíveis. Ou seja, todas as situações, mesmo as mais embaraçosas, que possam ocorrer entre um homem e uma mulher, como, por exemplo, a que ocorreu entre mim, Tsar Alexander Aurelianovitch de Sampaio de Cazeneuve-tchenko de Honoratovsky-Guimarin e minha esposa, Maria Laura de OGVP.

Em primeiro lugar, peço contenção. Sem burla, galhofa, riso ou mofa. Nada pode ser mais trágico do que uma comédia romântica. Que seria sintetizada em um conto de quinhentas palavras pelo Doutor Tchê. O certo é que, oh, infausto enamorado, oh, vítima, vi-me de súbito lançado ao mar revolto da loucura, em cujas turbulentas águas ainda me debato embora já vislumbrando um horizonte de remissão.

Precedo agora à abertura pública, diante de vocês, caros aprendizes, e dos improváveis leitores dessa peça jurídico-espiritual-literária, do meu machucado coração. *Honoris causa*. Publique-se por fim, com ônus para o condenado, este arrazoado. Que pague também o custo do punhal ou dos projéteis balísticos utilizados, caso revolva punir-se a si próprio em data e local a serem antecipadamente definidos, por meu magistrado e pai.

Vejamos, pois, o que ocorreu. Manteve-se casto até os sessenta anos. De certa forma, pode-se dizer, estava à espera de mulher que fosse digna do seu amor. Dama que estivesse disposta a arcar com o ônus de suportar as superiores qualidades com as quais aquele senhor se construiu ao longo de tantas leituras: elegância, discrição, modéstia, fina ironia e acendrada dignidade. Não lhe foi penosa a castidade. Havia consagrado sua, minha, alma e seu, meu, corpo à literatura polissilábica como um monge trapista entrega seu corpo e sua vontade ao Deus e ao vinho. Outros grandes escritores, mártires, nobres como nós, souberam manter-se convenientemente afastados da lubricidade e da lascívia. É vasta a relação de renomados autores que não apreciavam particularmente as resvaladiças curvas femininas. E que nem por isso se entregavam à obscenidade derivada, que é a de esfregar-se em outros varões. Não exporei aqui detalhes abstrusos porque não os haverá nesta narrativa, totalizante, como soem ser aquelas escritas por artesãos que habitam os mais altos pináculos do estilo.

Poderia recorrer aos mestres da pena para descrevê-la, a réproba, mas eu não o farei neste espaço sagrado. Diremos apenas que era bela, alta, sorridente, sedutora e dona de vivacidade ímpar.

— O senhor está insinuando que é virgem, professor?

Olhei para o lado. Estávamos realmente a sós.

— Não insinuei. Eu o afirmo agora, categoricamente, com todas as letras. Casto. Eu sou casto, Maria Laura.

— Eu pagaria pra ver, professor. Se fosse possível provar a castidade de um homem. Mas acho bacana o seu sacrifício pra manter-se puro. Estou certa de que o senhor se guardou pra mim.

A voz saiu-me trêmula.

— Como assim?

— Não me valorizei. Foi durante a minha festa de debutante, no canto mais escuro de um corredor do Clube Comercial, de pé. Eu estava com as mãos na parede. A excitação me vinha do fato de estarmos ali, prontos para sermos flagrados. O garoto era um idiota, mas lindo. O meu namorado tinha ido ao banheiro. Essas coisas loucas... Deve ser melhor começar com um homem muito culto, como o senhor.

Pigarreei.

— Não me chame de homem muito culto. Soa esnobe, pomposo, pedante. Mas sou, realmente, alguém que lê mais do que seria o aceitável.

— Por que o senhor não me chama pra tomar uma cerveja no seu apartamento hoje à noite?

— Porque não bebo.

— Mesmo assim, aceito seu convite.

— Mas eu não a convidei, formalmente.

— Sou uma guria informal. Vou do mesmo jeito. Bato na sua porta depois de meia-noite. Sei o número, mil e sete. Dançaremos nus na cobertura.

— Estarei dormindo.

— Não, hoje não estará, eu garanto. Porque me fez um convite e eu aceitei. O senhor é um cavalheiro. Mas se, por acaso, tiver caído no sono, acordará com as minhas pancadas na porta.

(Volto atrás no que disse antes. Nem todos os amores foram descritos e analisados pelo doutor Anton.)

— Mas o que senhorita quer mesmo de mim?

— Que se aproveite de mim, professor. E que depois, quem sabe, me tome como sua companheira, me leve ao altar.

— Não sei se isso é possível.

— O altar? Foi só uma brincadeirinha. Hoje as pessoas não se casam mais. Juntam os trapos, assinam contratos.

— Entendo.

— O senhor é um homem solteiro. Está livre pra mergulhar no mar do amor.

— Mar do amor?

— Sim. Doideira. Piração. Nhequenheque.

Oh, mar revoltoso, salso argento do solerte Ulysses! Recebei meu corpo, ó oceano das musas. Levei meus despojos para as recônditas cavernas abissais onde estão depositados os ossos descarnados do senador Rosario La Ciura e do comerciante de corais Nissen Piczenik, frágeis homens, indestrutíveis porque esculpidos em papel, puros e castos, por fim vivendo nas negras águas onde moram a Baleia Azul, o Tubarão Branco e o Leviatã.

## FIM

— Então é isso?

— É.

— Já tenho uma boa ideia do que aconteceu. Vou só checar os detalhes no Sanatório. A maior parte do que o senhor escreveu não vai nos interessar, mas mais para o final...

— No telefonema de anteontem, o senhor me falou de um inquérito, mas não se estendeu muito.

— O senhor não me pediu detalhes. E eu me fiz de sonso... O doutor Rui me pediu que fosse gentil com o senhor.

— O doutor Rui vem a ser o quê?

— Delegado-chefe da Polícia Federal em Rio Grande.

— Fale do inquérito.

— Está aqui, nesta pasta. Mas eu não vou ler. Posso simplificar para o senhor.

— Faça isso.

— O senhor se lembra de ter se jogado ao mar no dia 11 do mês passado?

— Relendo agora as anotações, creio ter detectado num dos narradores essa ideia abstrusa de se juntar às se-reias.

— Mas no porto de Rio Grande? Naquela água suja?

— Lembro vagamente de ter nadado em meio a manchas de óleo.

— Sei de cor o que está no inquérito. Foi assim. O senhor venceu, com um conto intitulado “Mar doce mar”, o concurso literário do Dia da Marinha, promovido pela Capitania do Porto de Rio Grande. O capitão de mar e guerra

Moreira Bastos telefonou ao senhor no dia cinco pela manhã e o convidou para a cerimônia de entrega do prêmio a bordo do navio Ibirapuitã. O que ele não podia imaginar é que o senhor se encontrava ainda sob tratamento, tomando remédios de tarja. No dia marcado, onze, o senhor viajou a Rio Grande de ônibus. Na rodoviária, apanhou um táxi e foi até o cais do porto. Quando a cerimônia ia começar, o senhor se deslocou até uma parte mais baixa da amurada e passou a perna por cima dela. A pessoa que estava mais próxima do senhor era a professora Márcia Antunes, do Colégio Joana D'Arc, que iria receber uma medalha em memória do marido dela, o subtenente Paulo Antunes, que morreu há três meses na Estação Antártica. É uma senhora corajosa e decidida. Ela agarrou o senhor pela cintura e gritou por socorro. Porém, antes que alguém pudesse se aproximar, vocês dois caíram na água.

— Interessante. À medida que o senhor fala, me vêm umas fotografias à mente. Esmacidas, amareladas. Uma senhora bem magrinha. Um convés de navio, canhões, um céu nublado... Mas por que o inquérito?

— A professora Márcia deu queixa contra o senhor por tentativa de homicídio.

— Mas eu nunca...

— Pois é. Mas temos a palavra dela. Ela disse que o senhor a abraçou com toda força e depois se jogou para trás. Ela jura que o senhor tentou afundar junto com ela...

— Impossível.

— Nada é impossível para um homem que toma remédios receitados por psiquiatras.

— Mas como acabou a história?

— Dois marinheiros caíram na água. Eles separaram vocês. Cada um cuidou de um. O senhor gritava muito.

— Gritava?

— Sim. Repetia insistentemente duas frases: “Devolvam-me a minha sereia!” e “Eu quero morrer nos braços da minha Ligeia”.

\*\*





ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO MERRIWEATHER E IMPRESSO  
EM NOVEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



VENCEDOR NA  
CATEGORIA  
**ROMANCE**

Criado pela Secretaria da Cultura do Paraná, por meio da Biblioteca Pública do Estado, o Prêmio Paraná de Literatura surgiu com o objetivo de valorizar a produção literária brasileira e criar mais um espaço para a discussão e divulgação de livros. Em sua quinta edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Conto (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Mais de 1,8 mil trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que escolheu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ



GOVERNO DO ESTADO

978-85-66382-37-2



9 788566 382372